

SILVIO GERALDO DE ALMEIDA

**“SURDOS”, “SURDOS” OU DEFICIENTES AUDITIVOS: IDEOLOGIAS
LINGUÍSTICAS EM CONTEÚDOS VEICULADOS EM BLOGUES SOBRE A
SURDEZ E OS SURDOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS- BRASIL
2019

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

Almeida, Silvio Geraldo de, 1965-
A447s "Surdos, "SURDOS" ou deficientes auditivos?: ideologias
2019 linguísticas em conteúdos veiculados em blogues sobre a surdez e os
surdos / Silvio Geraldo de Almeida. - Viçosa, MG, 2019.
xii, 128 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.
Inclui anexo.
Orientador: Michelle Nave Valadão.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f. 111-125.
1. Linguística. 2. Surdez. 3. Ideologia. 4. Identidade social. 5.
Estigma (Psicologia social). I. Universidade Federal de Viçosa. Pró-
Reitoria de Ensino. Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. 410

SILVIO GERALDO DE ALMEIDA

**“SURDOS”, “SURDOS” OU DEFICIENTES AUDITIVOS?
IDEOLOGIAS LINGÜÍSTICAS EM CONTEÚDOS VEICULADOS EM
BLOGUES SOBRE A SURDEZ E OS SURDOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 10 de julho de 2019.



Henrique Rodrigues Leroy



Wânia Terezinha Ladeira



Ana Luisa Borba Gediel
(Coorientadora)



Michelle Nave Valadão
(Orientadora)

*Dedico este trabalho aos meus pais (In
Memorian):*

Diva Carvalho de Almeida

Geraldo de Almeida

*E à minha esposa Idalena e meu filho Augusto,
esteios de madeira boa e paus pra toda obra...*

AGRADECIMENTOS

É tanta gente para agradecer, que certamente cometerei omissões, afinal, nada que fazemos, fazemos sozinhos. O caminho até aqui não foi fácil, mas sem ajuda, seria impossível de trilhar. Sendo assim, é de coração que agradeço:

À Idalena, pela paciência e estímulos sempre;

Às minhas orientadoras Michelle e Ana, por nunca desistirem de mim;

A Universidade Federal de Viçosa – UFV, por proporcionar a oportunidade;

À CAPES por financiar a empreitada;

À Professora Wânia Ladeira, por me iniciar em várias das temáticas aqui discutidas e sempre estar presente quando eu precisava;

À minha cachorra Isabela Bela Canis (Bella) por pernoitar comigo no escritório, solidária;

Ao meu filho Augusto, por aturar as ausências, desatenções e por vezes, as impaciências;

À minha sogra Terezinha (Vovó Tereza), por nos ajudar desde sempre e nunca faltar;

Às companheiras de jornada Cíntia Kelly (Tíntia), Carol Leonor e Marina de Paulo, por serem sempre pacientes e cúmplices comigo;

Enfim, a todos que me ajudaram direta ou indiretamente: Evóe.

RESUMO

ALMEIDA, Silvio Geraldo de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2019. **Surdos, “SURDOS” ou Deficientes Auditivos? Ideologias Linguísticas em conteúdos veiculados em blogues sobre a surdez e os surdos.** Orientadora: Michelle Nave Valadão. Coorientadora: Ana Luisa Borba Gediel.

Estes nossos tempos guardam características singulares. Vivemos uma revolução tecnológica e outra nos costumes. Os paradigmas que estruturaram nossas visões de mundo, se não são superados, são continuamente questionados. Neste cenário todos buscam seus espaços de expressão e reconhecimento. Grupos antes sujeitos à toda sorte de discriminação, preconceito e alijamento histórico, buscam e por vezes, conquistam espaço, visibilidade e reconhecimento de direitos outrora negados. É neste contexto que o presente trabalho traz, à discussão, aspectos das construções identitárias e ideológicas, do ponto de vista linguístico, de um grupo social historicamente marcado pela exclusão. Trata-se dos surdos em suas diversas alteridades. Neste trabalho discutiu-se como as identidades surdas são atravessadas, tanto pelas dimensões medicalizadas e antropologicizadas da Surdez, quanto pela questão do estigma social (particularmente como estudado em Goffman, 2008). O presente trabalho analisou conteúdos postados em blogues voltados para a temática da surdez, articulando os conceitos de identidades e identidades surdas, estigma social e deficiência. A análise foi sustentada pela perspectiva das Ideologias Linguísticas, particularmente como apresentado pela Antropologia Linguística. Esta perspectiva, relativamente pouco explorada nas pesquisas em Linguística Aplicada no Brasil, se mostrou extremamente profícua, quando adotadas nos estudos que circunscreveram os objetivos deste trabalho. Tais objetivos, em linhas gerais, buscavam alcançar e determinar quais as Ideologias Linguísticas circulavam naqueles blogues disponíveis na internet voltados para surdos e a surdez. Aspectos que podem contribuir para naturalização e reafirmação de crenças sobre surdos e surdez estão presentes nos conteúdos dos blogues. A pesquisa nos levou a considerar que os surdos, enquanto indivíduos sujeitos aos efeitos da estigmatização social, buscam uma manipulação deste estigma. Esta manipulação é expressa nos esforços de lexicalização dos termos SURDOS (com todas as letras em maiúsculas) e Deficiente Auditivo, isto da parte dos surdos oralizados e implantados, conquanto o termo surdo com “S”, maiúsculo esteja mais associado aos surdos sinalizadores. Este trabalho

buscou resgatar questões relativas à surdez e aos surdos, à luz de uma contemporaneidade inerente ao fenômeno das redes sociais e dos blogues, a partir do emprego de alguns dos instrumentais de análise desenvolvidos por uma das vertentes mais ativas dos estudiosos em Ideologias Linguísticas na América do Norte. Dentre esses, Duranti (1997) e seu conceito de Indicialidade, Irvine e Gal (2000) e suas noções semióticas de Iconização, Recursividade Fractal e Apagamento, Silverstein (2003) e o conceito de Ordem Indexical e Kroskrity (2004) com sua definição de Ideologias Linguísticas. Na presente pesquisa, os blogues, enquanto mídias e veículos de expressão da produção dos indivíduos, reiteram, recriam ou fazem circular as ideologias nas comunidades que eles representam. A pesquisa sinalizou, também, uma disputa em termos ideológicos-linguísticos, entre surdos oralizados e surdos sinalizantes.

ABSTRACT

ALMEIDA, Silvio Geraldo de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2019. **“Deaf”, “DEAF PEOPLE” or “Hearing Impaired”? Language Ideologies in blog contents about deaf people and deafness.** Advisor: Michelle Nave Valadão. Co-advisor: Ana Luisa Borba Gediél.

Current times have unique characteristics. We live a technological and habits revolution. The paradigms that once structured our worldviews, if not overcome are, at least, continually questioned. In this scenario, everybody, fight for their own recognition and expression space. Groups that were previously subject to historical withdrawing and exposed to all kinds of prejudice and discrimination, fight for, and many times get space to their visibility and rights recognition, which were previously denied. In light of this, the present work researched aspects of the identity and ideological constructions from the linguistic point of view of a social group, historically marked by exclusion, deaf people in their different alterities. Based on the understanding that deaf identities are crossed both by medical and socio-anthropological dimensions of deafness, as well as the issue of social stigma, particularly as studied in Goffman (2008), the present study analyzed different contents posted on blogs focused on the deafness theme, articulating identities concepts, deaf identities, social stigma and disability. The analysis was supported by the perspective of Language Ideologies, particularly as presented by Linguistic Anthropology. This perspective, relatively unexplored in Brazilians Applied Linguistics research, proved extremely useful when adopted in studies that circumscribed the objectives of this work. These objectives, in general, sought to determine which Language Ideologies circulated in those blogs available on the internet developed around this subject, as well as the aspects that contribute to the naturalization and reaffirmation of beliefs about deaf people and deafness present in the content of these blogs. Aspects that can contribute to naturalization and reaffirmation of beliefs about deaf people and deafness are present in the contents of blogs. The present research led us to consider that deaf people, as subjected to social stigmatization effects, seek a manipulation of this stigma. This manipulation is expressed in the lexicalization efforts of the terms "DEAF", with all the letters in capital letters, and "Hearing Impaired ", when the deaf are oralized and implanted; while the term "Deaf", with a capital "D", was more associated to deaf signaling. This paper sought to recover issues related to deafness and deaf, in light of a contemporary inherent to the phenomenon of social networks and blogs, from the use of some of the

analysis instruments developed by the one of most active strand of scholars in Language Ideologies in North America. Among these, Duranti (1997) and his concept of Indiciality, Irvine and Gal (2000) and their semiotic notions of Iconization, Fractal Recursivity, and Erasing, Silverstein (2003) and the concept of Indexical Order and Kroskrity (2004) with their definition of Language Ideologies. In the present research, blogs, while the media and vehicles of expression of production, reiterate, recreate or circulate as ideologies in the communities they represent. The research also signaled a dispute in ideological-linguistic terms, between oralized deaf and signaling deaf.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Ilustração Anatomia da Orelha.....	21
Figura 02-Trombetas de ouvido (lado esquerdo superior), Tubos de Conversação (lado esquerdo inferior) Aurículas (lado direito).....	22
Figura 03- implante coclear moderno.....	37
Figura 04- As várias dimensões ou facetas que atravessam o fenômeno da surdez	51
Figura 05-Linha do tempo: percurso histórico da aproximação da Antropologia Linguística e Ideologias Linguísticas segundo Kroskrity (2004).....	40
Figura 06- Relações Micro/Macro-contextuais esquematizadas	52
Figura 07- Representação Irvine e Gal (2000)	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Resumo das concepções educacionais e construção social da Surdez	31
Quadro 02 - Resumo das concepções educacionais, construção social da surdez e estigma	48
Quadro 03 - Resumo Instrumental de Análise.....	68
Quadro 04 - Resumo dos trabalhos em IL apresentados na pesquisa	76
Quadro 05 - Blogues selecionados para o estudo.....	86
Quadro 06 - Síntese aspectos analíticos/Ordens Indexicais dos blogues	96
Quadro 07 - Excerto 01- Blogue B1	98
Quadro 08 - Excerto 01- Blogue B4	100
Quadro 09 - Excerto 02- Blogue B4	101
Quadro 10 - Excerto 01- Blogue B8	103
Quadro 11 - Excerto 01- Blogue B2	105
Quadro 12 - Excerto 02- Blogue B2	108
Quadro 13 - Excerto 03- Blogue B2	109
Quadro 14 - Excerto 04- Blogue B2	109
Quadro 15 - Excerto 05- Blogue B2	110
Quadro 16 - Excerto 01- Blogue B7	112
Quadro 17 - Excerto 02- Blogue B7	114
Quadro 18 - Excerto 02- Blogue B1	119
Quadro 19 - Excerto 01- Blogue B4	120
Quadro 20 - Excerto 02- Blogue B4	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASI	Aparelho de amplificação sonora individual
AOIR	<i>Association Of Internet Researchears</i> (Associação de pesquisadores da internet)
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CMC	Comunicação mediada por computador
CMS	<i>Content Management System</i> (Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo)
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CELPE-BRAS	Certificado de proficiência em Língua Portuguesa para estrangeiros
IES	Instituição de Ensino Superior
IC	Implante Coclear
IL	Ideologias Linguísticas
Libras	Língua Brasileira de Sinais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PcD	Pessoa com deficiência
REF.	Referência
SULP	(surdos usuários da Língua Portuguesa)
TIC`s	Tecnologias de informação e comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2.1 Identidades	8
2.2 Breve histórico sobre a construção social da surdez, da Línguas de Sinais e das abordagens educacionais voltadas para os surdos	11
2.3 Percurso social e educacional dos surdos no contexto brasileiro e a dimensão médica da surdez.....	18
2.3 Os conceitos de deficiência.....	24
2.4 Cultura e identidades surdas, estigma social e Ideologias Linguísticas.....	40
2.4.1 Cultura e identidades surdas.....	40
2.4.2 Surdez e Estigma Social	45
2.4.3 Ideologias Linguísticas na vertente norte-americana.....	51
2.4.4 Ferramentas analíticas usadas nos estudos sobre IL.....	48
2.4.5 Estudos sobre Ideologias Linguísticas no Brasil.....	58
3 METODOLOGIA	64
3.1 Abordagem metodológica, técnicas e instrumentos de pesquisa	64
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	73
4.1 Análises quanto à estruturação visual dos blogues e de suas ordens indexicais	73
4.2 Análises quanto à Indicialidade e às Ordens Indexicais Oralização, Sinalização e Híbrida	83
4.2.1 análise excertos Blogue B1- crônicas da surdez	83
4.2.2 análises excertos blogue B4- Desculpe não ouvi	100
4.2.3 análise excerto blogue B8- Sulp's-Surdos Usuários da Língua Portuguesa	102
4.2.4 análise Blogue B2- Cultura Surda:	93
4.2.5 análises excertos blogue B7- Marcelo de Paula	97
4.3 Considerações sobre as indicialidades e as Ordens Indexicais.....	101
4.3.1- Análises e considerações quanto à Iconização, a Recursividade Fractal e Apagamento	117

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa conteúdos postados em blogues¹ voltados para a temática da surdez, articulando conceitos como identidade, estigma e Ideologias Linguísticas. O trabalho é pautado na suposição, baseada em Cordeiro (2017), de que as interações entre comunidades surdas nas redes sociais podem ser catalisadoras de mudanças identitárias, expansoras das “vozes” dos surdos, como também emuladoras de dicotomias que fragilizam os processos de reconhecimento das identidades surdas e suas lutas por reconhecimento de direitos. A possibilidade de verificação dessas contradições despertou o interesse em um aprofundamento sobre como se operam essas construções, e em que bases se edificam as dicotomias nas construções identitárias. Entende-se que um dos papéis fundamentais nesse processo envolve as Ideologias Linguísticas (doravante IL), conceito que será discutido em profundidade mais adiante.

Destaco que meu interesse pelas questões relacionadas aos indivíduos surdos aconteceu após aprovação no Mestrado em Linguística Aplicada. Antes disso, meus interesses estavam mais voltados para o estudo das interações entre alunos estrangeiros em sala de aula de Português como Língua Estrangeira (PLE). Até então, minha experiência no campo do ensino de línguas era como professor de português básico para estrangeiros, tanto em cursos de férias, quanto nos cursos preparatórios para o exame de proficiência Celpe-Bras². A partir dessa experiência, questionava-me sobre as possíveis relações que se estabelecem nas aulas de Português como Língua Estrangeira (PLE), que tipo de interação os alunos estrangeiros desenvolvem entre si: seja em função de sua nacionalidade, características físicas ou afinidades intelectuais, sob a ótica do conceito de prestígio e/ou desprestígio, como proposto pelo sociólogo norte-americano Erving Goffman (2008). Uma vez tendo sido aprovado no Mestrado em Linguística, travei contato

¹ doravante usaremos a forma portuguesa da blogue(s).

² O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) é conferido aos estrangeiros que desejam estudar, trabalhar ou se naturalizar no Brasil e é desenvolvido pelo Ministério da Educação. O exame é aplicado no Brasil e em outros países com o apoio do Ministério das Relações Exteriores. Portaria nº 1.787, de 26 de dezembro de 1994.

com o projeto Inovar +³. Nas várias discussões que mantive no projeto, percebi muitas similitudes entre a realidade de um estrangeiro no Brasil e o indivíduo surdo neste mesmo país.

As dificuldades de comunicação, comum a ambos, parecem ser ainda mais desfavoráveis ao surdo, visto que é mais provável que um brasileiro, com quem um estrangeiro venha a interagir, tenha mais noções da língua deste do que da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Pode-se trazer como exemplo, ainda, as dificuldades inerentes à exigência do Certificado de Proficiência do CELPE-bras, que confere a proficiência da Língua Portuguesa. Este certificado, embora não tenha sido desenhado para participantes surdos, tem sido exigido, em sua modalidade escrita, como requisito para o ingresso nos programas de Mestrado e Doutorado de algumas Instituições de Ensino Superior (como na UNESP, 2017, UFSC, 2013, UFPR, 2018 e UTFPR, 2018, dentre outros). A experiência de apoio na aplicação do teste CELPE-bras para uma pessoa surda, adicionada à atuação colaborativa no projeto Inovar +, me despertou o interesse pela investigação das interações entre os indivíduos surdos e ouvintes, o que me levou, mais tarde, aos estudos sobre IL e identidades surdas.

A curiosidade pelas interações mediadas pelas tecnologias foi pautada na observação de que, na atualidade, as imensas e profundas transformações que vivenciamos, provocadas pela revolução nas comunicações, na tecnologia de processamento de dados, nas relações de produção, trabalho e nas relações interpessoais, abriram um leque de perspectivas para novas alteridades no mundo contemporâneo. Frequentemente somos lembrados das mazelas dos tempos atuais, do mal-estar que tais transformações trouxeram ao desmoronar o que tínhamos por estável, seja nas relações pessoais, nas relações de trabalho, e, particularmente, nas questões ligadas à identidade dos indivíduos. Para Hall (2006

³ O projeto Inovar+ foi idealizado e vem sendo realizado por uma equipe interdisciplinar envolvendo professores dos Departamentos de Letras, Educação, Ciências Sociais, Biologia Geral, estudantes dos Cursos de Secretariado Executivo, História, Química, Ciências da Computação, Engenharia Mecânica, Ciências Sociais, Letras, além de técnicos e estagiários da Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (CEAD-UFV). O Projeto Inovar + está vinculado às discussões referentes ao uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) em Educação, envolvendo o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, a partir do Edital N^o 03/2015, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O projeto Inovar +, fundamenta-se na inclusão e no desenvolvimento tecnológico voltado para pessoas surdas e cegas, entre outras diretrizes.

p. 09), a transformação estrutural que hoje ocorre em nossas sociedades é diferente, pois fragmenta “as paisagens culturais de classe”, implicando em questões relacionadas ao gênero, sexualidade, nacionalidades e alhures. Conforme o autor, se no passado éramos indivíduos localizados, hoje estamos deslocados, descentralizados enquanto sujeitos, inseguros quanto a uma consciência sobre nossa própria integração. Enfim, somos indivíduos constituídos por uma identidade em crise. No modelo teórico proposto por Hall (2006), a identidade sofre um deslocamento: se no Iluminismo o sujeito é antropocêntrico e uno; no sujeito sociológico aparece o outro como constituinte identitário; e na pós-modernidade a identidade não é fixa, antes flutua fragmentada por muitas e diferentes espacialidades.

A fragmentação onipresente que caracteriza nossa atualidade reivindica uma busca, como observa Hobsbawm (1996, p. 38, tradução nossa) em que “homens e mulheres procuram por grupos que poderiam pertencer com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo.”⁴. Diante desse panorama, emerge a ocorrência de uma espécie de “efeito colateral positivo”, que se consagra em um fenômeno social, onde: os “marginalizados” lutam cada vez mais por seus espaços identitários, em uma constante busca de afirmação e empoderamento⁵.

O fenômeno também alcançou os indivíduos surdos, que passaram a lutar para afirmação de uma noção de surdo que se afastasse da deficiência, para se confirmar em uma perspectiva socioantropológica, que pretende, segundo Lopes (2007, p. 9) “[...] olhar a surdez de outro lugar [...]”, desconstruindo um imaginário social relacionado à medicalização da surdez, que obstrui uma visão da diferença, seja esta linguística ou cultural das coletividades e dos indivíduos surdos.

⁴ “Men and women look for groups to which they can belong, certainly and forever, in a world in which all else is moving and shifting, in which nothing else is certain.” (HOBSBAWM, 1996, p.38)

⁵ Sobre o termo empoderamento, interessante artigo da autoria da pesquisadora Rute Vivian Angelo Baquero, do qual extraímos um excerto : “[...] Empoderar como verbo intransitivo configura uma perspectiva emancipatória de empoderamento, processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitem ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão (HOROCHOVSKI e MEIRELLES, 2007), com o objetivo, conforme destaca Friedmann (1996), de reequilibrar a estrutura de poder na sociedade.” BAQUEIRO (2012, p.179).

Nesse sentido, os espaços identitários passam a se configurar tanto como formas institucionais e físicas, como no caso de associações de movimentos sociais; quanto virtuais, pelo uso dos diversos meios que a internet disponibiliza. Em especial, destacam-se as redes sociais e compondo estas os blogues, Vlogs, e mensageiros instantâneos. Diferentemente de outras mídias, na internet o indivíduo passou a assumir o papel de autoria, particularmente a partir do desenvolvimento da Web 2.0⁶, na qual não só usufrui da internet enquanto repositório de conteúdo, mas compartilha suas vivências e personalidades através das “Redes Sociais”. Recuero (2009) define rede social como um conjunto de dois elementos, composto por “atores” e “suas conexões”. Os atores são as pessoas, as intuições e os grupos que interagem e mantêm laços sociais, isto é, são os nós da rede. Para a autora, uma rede social é uma metáfora para se observar os padrões de conexão de cada grupo e tem seu foco na estrutura de uma sociedade onde não é possível isolar os atores sociais e nem as suas conexões.

As redes sociais, destarte, configuram um lugar privilegiado para a observação de fenômenos sociais e da busca do entendimento de seus estruturantes. O advento da expansão das redes sociais, seguida de uma mobilidade comunicativa não experimentada até pouco tempo, empresta às tecnologias digitais um papel central nas mudanças que afetam a quase totalidade dos aspectos da vida social (FRAGOSO; RECUERO, 2009; HERÉDIA, 2004), o que não poderia ser diferente com relação aos indivíduos surdos.

A internet propicia a comunicação para quem se dispuser a se comunicar, como lembra Gumbrecht, (2004) e Espinosa (2007). Configura-se como um “locus” perfeito para toda sorte de expressão. Exemplos típicos são os “canais”, os *Vlogs* (vídeo blogues), os blogues (Marlow, 2004), os grupos familiares e de interesse, dentre outros. Como a ideologia é elemento onipresente onde haja interação, apesar da virtualidade destes espaços, as ideologias não os deixam quedar imunes, circulando como se fossem expressões da realidade. A internet, tal qual um hospital onde residem vírus e bactérias, é um repositório ideal para as expressões da cultura, da transmissão, infecção e trocas, no sentido metalinguístico. Sejam as

⁶ O conceito de Web 2.0 pode ser entendido a partir da propositura de seu formulador Tim O`Rilley, como uma mudança na internet enquanto plataforma, cuja principal característica é a criação de programas que aproveitam a colaboração e a inteligência humanas. (Cf. O`Rilley ,2005, disponível em <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>..

opiniões, consoantes entre si, ou nas suas trocas, nem sempre consoantes, por sua vez, fazem germinar, toda sorte de manifestações, que por força de sua composição, vão trazer consigo, e às vezes trazer à tona, muitos daqueles elementos que compõem os discursos, dentre estes, os relacionados às IL.

Para desenvolver esta pesquisa nos valem os conceitos de IL propostos, principalmente, por Kroskirty (2004) e por Del Valle e Meirinho (2015). Do ponto de vista metodológico, buscamos identificar e demonstrar as correlações entre as noções de ordem indexical, segundo a concepção de Silverstein (2003), e as noções de Iconização, Recursividade Fractal e Apagamento, conforme Irvine e Gal (2000), nos textos e/ou nos excertos de interação textual dos usuários de blogues voltados para a temática da surdez, e dos processos de construção identitária dos indivíduos surdos. Essa correlação pretende evidenciar como algumas posturas catalisadas pelas IL podem contribuir para a naturalização de alguns aspectos os quais, a princípio, deveriam ser repelidos pelos interessados na inclusão de indivíduos surdos e na desmistificação dos sentimentos e das crenças acerca da condição da surdez e das línguas de sinais.

Cabe reconhecer aqui a relevância desta pesquisa para os estudos em Linguística Aplicada, particularmente, por dois aspectos: primeiro, pelo fato de trazer à baila questões que envolvem os surdos e a surdez em uma abordagem pouco explorada em trabalhos semelhantes no Brasil, qual seja, a das IL na perspectiva dos autores aqui referenciados, o que vem conferir ineditismo à pesquisa. Segundo, a pesquisa busca resgatar as questões relativas à surdez e aos surdos, à luz de uma contemporaneidade inerente ao fenômeno das redes sociais e dos blogues, enquanto veículo de expressão da produção daqueles indivíduos que ou reiteram, recriam ou fazem circular as ideologias nas comunidades que representam.

Essa pesquisa, faz coro com as proposições dos estudiosos alinhados com uma perspectiva mais reflexiva e crítica da Linguística Aplicada, em que alguns expoentes foram aglutinados pelo professor Moita Lopes (2006) na organização e publicação do livro: “Por uma linguística aplicada Indisciplinar” (grifo nosso). Pretende, também, apresentar a inter e a transdisciplinaridade como meios de se alcançar uma prática que nega o “engessamento” acadêmico, pouco afeita à autocrítica. Uma Linguística Aplicada que devolva, via de regra, pela desconstrução dos cânones sociais e/ou acadêmicos, uma perspectiva de mudança dos

paradigmas. Neste enfoque, o presente trabalho pretende ser uma contribuição para a compreensão das comunidades surdas em suas várias alteridades.

As inquietações provocadas pela temática, conduziu-nos às seguintes questões: como acessar as formas de comunicação estabelecidas entre os produtores de conteúdos relacionados à surdez e seus usuários, que indicializem a ordem indexical (SILVERSTEIN, 2003) que norteia suas expressões? Como as temáticas presentes nos blogues relacionam-se com a afirmação das identidades de indivíduos surdos oralizados ou sinalizadores?

O conceito de IL pode lançar algumas luzes sobre as indagações aqui feitas. A língua, seja oral ou sinalizada, guarda em si mais que as possibilidades expressivas que delas se esperam. As escolhas e as omissões no discurso, seja sinalizado, falado ou escrito, são carregadas de opções, às vezes pouco inocentes das consequências de tomá-las. Tentar compreender como circulam e se estabelecem as crenças sobre as línguas e sobre as identidades são questões que os estudiosos em IL buscam conhecer.

A partir destas considerações, determinamos nossos objetivos. O presente trabalho pretendeu, então, discutir e compreender, através da análise de blogues que abordam a temática da surdez e dos surdos, quais IL circulam nesta instância midiática. Buscou demonstrar como as IL podem contribuir tanto para afirmação de determinadas identidades dentro da comunidade surda, quanto para a naturalização de determinadas posturas sobre tais identidades. Por objetivos específicos buscamos identificar e analisar as IL que circulam em blogues voltados para as temáticas da surdez e dos surdos na internet, verificando como elas podem contribuir para a naturalização ou desnaturalização das posições assumidas nas diferentes identidades surdas.

Esta dissertação está assim organizada: na primeira seção buscou-se contextualizar tanto as experiências do pesquisador que justificaram sua opção pelo estudo do tema, quanto traçar um panorama das questões relacionadas às identidades, dentro do contexto histórico em que nos encontramos e das tecnologias de informação e comunicação (TIC`s) seguido pela circunscrição do objetivo geral e dos específicos. Após, foi apresentado o referencial teórico, articulando o conceito de identidades em geral, aos conceitos de identidades surdas. Em seguida, foi

traçado um breve histórico sobre a construção social da surdez, com a subsequente discussão sobre o conceito de deficiência do ponto de vista social e médico, relacionando-o ao contexto legal brasileiro. Após, desenvolveu-se a questão entre a relação da cultura e identidades surdas, estigma social e línguas de sinais. Na subseção seguinte foram apresentados os conceitos de IL, sua evolução e alguns dos seus instrumentais de análise: a Indicialidade, a Ordem indexical, a Iconização, a Recursividade Fractal e o Apagamento. Ainda nessa seção, foram descritos alguns trabalhos que se utilizam das abordagens e dos conceitos de IL, como trazidos nesta pesquisa, realizados no Brasil à época da elaboração desse trabalho. Na terceira parte deste trabalho, foram elencadas as abordagens metodológicas, as técnicas e instrumentos de pesquisa usados para as análises. Ainda, foram contextualizados e caracterizados os textos que compõem o *corpus* da análise. Na quarta seção, foram realizadas as análises e discussões das IL encontradas nos blogues voltados para as temáticas que envolvem os surdos e a surdez. Finalmente, na última seção, tecemos nossas considerações finais sobre os resultados da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção são apresentados os referenciais teóricos que norteiam a pesquisa. Em primeiro lugar discutimos a questão das identidades; após, traçamos um breve histórico sobre a construção social da surdez, seguido da discussão entre a relação de cultura e identidades surdas, estigma social e línguas de sinais. Analisou-se o conceito de deficiência do ponto de vista social e médico, cultura e identidades surdas, estigma social e IL. Na subseção seguinte apresentam-se os conceitos sobre IL, alguns de seus instrumentais teóricos e, ao final, são demonstrados alguns trabalhos que tratam de IL, como referenciados nesta pesquisa e recentemente disponíveis no Brasil.

2.1 Identidades

A definição de identidade ou de identidades é ampla, entretanto, parece pacificado o entendimento de que sua construção é forjada e/ou lapidada nas relações sociais. Em geral, os estudos sobre a identidade relacionam-na a duas esferas: a pessoal e a social. A primeira afirma a singularidade do indivíduo, seu caráter único e irrepetível como ser humano. Na segunda, ao mesmo tempo que ocorre a formação individual tem-se a formação coletiva da identidade, fruto da empatia do sujeito com determinados grupos. Nesses termos, conclui-se como em Berger e Luckmman (1976, p.230) que: “a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”. Essas configurações também afirmam a diferença (BERLATTO, 2009; GOFFMAN, 2008; SILVA, 2012; BAUMAN, 2003; 2005), excluindo os que não compartilham dos mesmos interesses e incluindo os que os têm. Para Bauman (2003, p. 21): “identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar.” Para Silva (2012) da “formação” para a “afirmação”, o processo é reiterado:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. [...] Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. (SILVA, 2012, p. 82).

Seria como dizer que ao me afirmar ou me identificar com aquilo que sou, ou pretendo ser, me afasto do que não sou ou não pretendo ser: se sou homem, não sou mulher; se sou branco, não sou negro ou índio. Essa característica da construção identitária contribui tanto para a fixação ou estabilização da mesma, quanto para o seu contrário, a desestabilização (SILVA, 2012).

Para Woolard (2000), o nível simbólico alia-se ao nível social tanto na construção quanto na manutenção das identidades. Esse nível responde pelo sentido dado às práticas e às relações sociais. Isso quer dizer que, se no plano simbólico negamos o que não vemos em nós, esta constatação nos leva, no mundo real, às classificações. Classificar, nesse sentido, quer dizer negar, distinguir, excluir e/ou incluir. Para Woolard a marcação simbólica (2000, p. 13): “[...] é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais.”

Retomando Bauman (2005), a identidade se divide em dois tipos ou grupos: aqueles em que o espaço físico compartilhado legitima as ligações, como no caso do espaço familiar (primeiro grupo em que se dá nossa exposição aos relacionamentos sociais) e, um segundo tipo em que a ligação é fruto das convergências de ideias, princípios e afinidades compartilhadas e convergentes, independentemente do compartilhamento espacial. Esse conceito vai expressar uma identidade móvel e flexível, fruto da interação entre o indivíduo e as diversas identidades a que é apresentado no seu convívio com variados grupos sociais. A exposição a diversos grupos disponibilizaria, ao indivíduo, tanto a possibilidade de opção por determinadas identidades, bem como a imposição ou sujeição, por influências ou exigências dos grupos com os quais convive. Tanto em Viana (2009) quanto em Brandão (1986) o condicionamento identitário é considerado frente às expectativas dos grupos aos quais os indivíduos pertencem ou interajam.

O indivíduo se julga a partir dos julgamentos dos seus próximos. Nesse processo social, a identidade é delegada, construída em reflexo, ou espelhadamente na experiência do indivíduo frente a um outro.

Bauman (2005) afirma que apesar das identidades estarem à disposição dos sujeitos, elas são reguladas pelas imposições dos grupos aos quais pertencem,

o que vai se aproximar do conceito proposto por Goffman (2008), o qual retomaremos mais detidamente na seção 2.4.2, quando discorre sobre as identidades “real” e a “virtual” e a satisfação ou não das expectativas, quando sua identidade pode não corresponder ao seu “ser” real, mas sim, ao imposto pelo grupo ou grupos sociais com os quais o indivíduo vai interagir. Ressalte-se que Bauman (2005) faz referência a uma relativa autonomia do indivíduo na desarticulação de uma identidade que lhe é imposta, mas por outro lado, as identidades que estereotipam, desumanizando o sujeito, por vezes, não são passíveis de superação. Nesse último exemplo, cabe incluir os surdos.

Para Berlato (2009) reprimir, ou afirmar uma identidade, vai depender do contexto social no qual o sujeito se insere. O indivíduo oculta ou mostra sua identidade a depender da comunidade em que se vê inserido. Todos os autores aqui citados vão concordar que a identidade é dialogicamente afirmada na relação entre um “eu” e um “outro”, mais próximo ou mais distante, mas sempre diferente. Resta dizer que a dinamicidade dos construtos identitários, por ser historicamente transformada, vai ser impactada com as transformações sociais.

Hall (2006) discorre que aquilo que seria estável e integrado vai sofrer uma desestabilização e um deslocamento, nos entregando uma crise de identificação na atualidade. No seu modelo teórico, há três concepções de identidade: uma iluminista, uma sociológica e a pós-moderna. Se na concepção iluminista, o sujeito era autocentrado, possuidor de uma essência que florescia e não se alterava ao longo da existência, no sujeito sociológico houve a admissão do fator social, responsável pela construção da identidade. Por sua vez, na pós-modernidade, a identidade se apresenta fragmentada, fruto da história e não da biologia. Tal identidade é constantemente remodelada ao sabor das formas que os sistemas culturais nos representam ou interpelam numa verdadeira “celebração móvel” (HALL, 2006). Este caráter múltiplo das identidades pós-modernas nos interessa em particular, porque entendemos ser este o caráter que confronta a nós mesmos e aos indivíduos surdos na atualidade.

No que se refere aos indivíduos surdos, as questões relacionadas às identidades surdas guardam características que as distinguem das demais identidades, pois são fortemente atravessadas por uma dimensão médica e outra social, que convergem e denotam o quanto os surdos são socialmente marcados

pela exclusão e estigmatização. Portanto, faz-se necessário contextualizar o que sejam “identidades surdas”, pois a complexidade que marca as diferentes identidades surdas passa da constatação dos vários tipos de surdez (bilateral, unilateral, profunda) às circunstâncias históricas e educacionais que vão distinguir a construção de tais identidades. É nesse sentido que são tecidas, na próxima seção, considerações sobre a construção social da surdez do ponto de vista histórico.

2.2 Breve histórico sobre a construção social da surdez, da Línguas de Sinais e das abordagens educacionais voltadas para os surdos

Esta seção pretende revisitar aspectos relacionados à construção social da surdez, conseqüentemente vinculados às línguas de sinais, que por sua vez vão se entrelaçar na constituição das abordagens educacionais voltadas para os indivíduos surdos.

A construção social da surdez vem atrelada à importância que atribuímos à linguagem no desenvolvimento do ser humano. Importância correta, mas infelizmente, calcada, por vezes, na crença de que a linguagem falada seja a única forma válida. Saussure ([1916], 2003, p. 17) admitia, com reservas, o proposto por William Dwight Whitney (1827-1894) Linguista norte-americano, citando-o: “[...] É por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua, os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas.”

Para Capovilla (2000), o desenvolvimento social, intelectual e emocional é fortemente comprometido quando falta ao indivíduo a linguagem, pois seu valor imprescindível (da linguagem) é a capacidade de proporcionar a comunicação social, o compartilhamento de percepções mútuas, das experiências tanto emocionais quanto intelectuais, pois é capaz de permitir a “[...] comunicação ilimitada acerca de todos os aspectos da realidade, concretos e abstratos, presentes e ausentes... para além da experiência física direta do aqui e agora [...]”(CAPOVILLA, 2000, p.100).

Tomado como incapaz de se expressar, o surdo, quando é separado da interação que não seja a familiar, recebe a marca indelével do estigma. Estigma⁷, designa uma marca, uma distinção, um sinal, em geral relacionado a uma ferida ou doença. Socialmente, o termo acompanha a sociedade desde os gregos antigos, sendo atribuído aos fracos, aleijados e desajustados em geral. A trajetória sócio-histórica dos surdos, segundo Isaac e Valadão (2014, p. 8): “[...] foi marcada por sofrimentos, danos físicos e morais, lutas e esforços, devido a sua condição física, para conviver em uma sociedade majoritária de ouvintes.”

De acordo com Sacks (1998), os surdos, para Aristóteles (384-322 a.C), por serem desprovidos do dom da fala (símbolo da racionalidade humana) se igualavam aos outros animais não falantes. Ainda segundo o autor, embora Sócrates (469-399 a.C) admitisse a não exclusividade da comunicação oral, suas opiniões não conseguiram se impor. Exceção sabida eram os egípcios, como lembra Pereira et al (2001, p. 05-06): “No Egito antigo, os surdos eram considerados pessoas especialmente escolhidas. Seu silêncio e seu comportamento peculiar conferiam-lhes um ar de misticismo [...]”

Na Roma antiga, os surdos eram considerados incapazes do ponto de vista do direito e cidadania. Na China Antiga eram atirados ao mar (RAFAELI e SILVEIRA, 2009). Posteriormente, temos a igreja católica que, inicialmente, os considerava sujeitos sem alma e depois mudou paulatinamente tal mentalidade, não resultando essa mudança na derrocada do estigma e sim em sua remodelagem: de uma alma sem salvação (pois ouvir a palavra de Cristo é que provê a salvação), o surdo passa a ser visto como alvo de assistencialismo e de incipientes esforços educacionais, privilegiando os surdos filhos da nobreza (CAPPOVILA, 2000).

O cenário começa a se alterar em favor dos surdos a partir do séc. XVI, quando o médico italiano Gerolamo Cardano (1501-1576), ao estudar a fisiologia dos processos auditivos, defendeu a capacidade dos surdos para a aprendizagem (ISAAC; VALADÃO, 2014). No mesmo século merece ser destacada a atuação do abade espanhol Pedro Ponce de Leon (1520-1584), que ensinou quatro surdos filhos de nobres a falar. Tal fato representava uma verdadeira reviravolta no modo

⁷ O conceito de estigma, principalmente como estudado pelo sociológico norte-americano Erving Goffman (1998), será discutido mais aprofundadamente no item 2.2.3.2 deste trabalho.

de pensar a educação dos surdos. O método do abade se valia, além da representação datilológica do alfabeto, dos sinais criados pelas famílias dos surdos e dos monges beneditinos espanhóis (SOUZA; MARQUES; SAMPAIO, 2014). Entretanto, nem tudo foram flores no caminho dos surdos. O fantasma onipresente dos defensores da necessidade da fala para os surdos vai se aliar ao desenvolvimento de aparelhos auditivos, e na consideração médica de que a surdez era um mal a ser extirpado, devendo a fala ser ensinada no lugar das línguas de sinais, o que embasa a concepção oralista para a educação dos surdos.

Tal concepção começa a ganhar notoriedade no século XVII. Com a prevalência de uma visão mecanicista⁸ do mundo, inicia-se um movimento em busca da cura da surdez e um incremento das perspectivas de treinamento para o ensino da fala aos surdos no plano educacional. Silva, (2006) lembra os nomes dos médicos Johann Conrad Amman (1669-1724) e Samuel Heinecke (1727-1790), este último considerado um precursor do oralismo enquanto proposta pedagógica para os surdos. Samuel Heinecke fundou a primeira escola para surdos em Leipzig (1768) na Alemanha.

No século XVIII, a figura do abade Charles Michel de L'Épée (1712/1789) também se destaca na educação dos surdos. Dentre os seus principais feitos, é importante ressaltar o alçamento das possibilidades dos surdos em usar uma comunicação sinalizada. Ele também funda o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em Paris, onde promove a educação coletiva dos surdos, usa intérpretes de língua de sinais nas aulas, demonstrando para filósofos, educadores e nobres a comunicação em língua de sinais e com ela os avanços na aprendizagem da língua francesa escrita pelos surdos. L'Épée contesta a necessidade do ensino da fala aos surdos, considerando desperdício de tempo tal tarefa. Sacks (1998, p. 30) sintetiza o trabalho de L'Épée, em termos que margeiam a poesia “[...] e então, associando

⁸ **Mecanicismo/mecanismo.** Do latim tardio *mechanisma*, invenção engenhosa, máquina. 1. No pensamento moderno, principalmente com Galileu, Descartes, Newton, dá-se a substituição das teorias organicistas de Aristóteles e da escolástica por uma concepção de espaço geometrizado, no interior do qual as relações entre os objetos são governadas deterministicamente por uma causalidade cega. A natureza passa a ser considerada como uma “máquina”, um mecanismo em funcionamento. Os fenômenos físicos seriam assim explicados pelas leis do movimento. Verbetes retirado do dicionário de Filosofia (Google sites, organizado por Sérgio Biagi Gregório). Disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/mecanicismo-mecanismo>

sinais a figuras e palavras escritas, o abade ensinou-os a ler; e com isso, de um golpe, deu-lhes o acesso aos conhecimentos e à cultura do mundo”.

Percebe-se que historicamente, vai se traçando um desenho da trajetória educacional dos surdos que alternava traços, entre avanços nas perspectivas que valorizavam as línguas de sinais e, concomitantemente, na evolução de perspectivas contrárias a essas, valorizando a oralização.

Após a morte de L'Épée, Jean Marc Gaspard Itard (1774-1838) substituindo-o, foi nomeado diretor do instituto de Paris em 1799, e, tendendo ao oralismo, passou a realizar experiências aterrorizantes com surdos na busca da cura para a surdez. No século XIX instaura-se o debate sobre qual seria o melhor método para educar os surdos: a língua gestual ou a oral, o que vai desembocar no famoso Congresso de Milão, em 1880 (ISAAC; VALADÃO, 2014). Esse congresso consolidou a corrente oralista como dominante por quase um século. Como efeito prático sobre a educação dos indivíduos surdos, a língua de sinais e a gestualização foram banidas dos processos de aprendizagem, e assim também se excluiu os professores surdos das escolas. Os surdos também foram excluídos das decisões político-institucionais.

Os esforços na oralização dos surdos perduraram por quase cem anos, e seus resultados, insatisfatórios, renovaram o interesse pelo estudo das línguas de sinais. Marco importante do redespertar desse interesse, foram os estudos desenvolvidos por William Stokoe (1960) sobre a Língua de Sinais Americana (*American Sign Language-ASL*) na Universidade Gallaudet em Washington. Stokoe demonstrou que a ASL não só se assemelhava às línguas orais quanto à estruturação, mas também se constituía em uma verdadeira língua, preenchendo os requisitos linguísticos exigidos pelas línguas ditas, ou consideradas verdadeiras, porque oralizadas. A ASL preenchia tais requisitos também nos aspectos sintáticos e morfológicos, porque proporcionavam uma efetiva comunicação entre seus usuários.

O impacto dos estudos de Stokoe reverberou em diversas áreas do conhecimento além da Linguística, tais como a Psicologia, a Educação, a Sociologia, a Antropologia, a Antropologia Linguística, a Neurologia, dentre outras. A reboque desse movimento, surgiu espaço para uma nova filosofia educacional

denominada “Comunicação Total”. Tal perspectiva argumentava que para o desenvolvimento pleno da comunicação do surdo, todo e qualquer meio de expressão era válido. Quer sejam palavras, símbolos naturais ou artificiais. Para Stewart (1993, p.118): "A Comunicação Total é a prática de usar sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital para fornecer *inputs* linguísticos para estudantes surdos, ao passo que eles podem expressar-se nas modalidades preferidas”.

A comunicação total não favoreceu uma real educação dos surdos, mas contribuiu para resgatar a visibilidade em relação às línguas sinalizadas. Um exemplo foi a criação, pelos precursores da comunicação total, do alfabeto datilológico, que faz parte do arsenal dos diversos sistemas de sinais criados para representar manualmente as letras do alfabeto. Eles são adotados até hoje pela maioria das línguas de sinais, inclusive pela Libras; contudo alguns problemas persistiram: as habilidades de leitura e escrita continuavam bastante limitadas nos aprendizes surdos. Isso porque, as aulas em comunicação total eram oralizadas e sinalizadas ao mesmo tempo. Pretendia-se ensinar uma língua oral sinalizada em uma espécie de bimodalismo. Dada a complexidade da língua de sinais, observou-se que quando os alunos surdos sinalizavam entre si, a comunicação era mais efetiva. Já quando os professores sinalizam e oralizam, a apreensão era incompleta tanto em referência ao conteúdo oral, quanto ao sinalizado. As pesquisas constataram que os aprendizes não se tornavam bilíngues, mas sim, hemilíngues, ou seja, não acessavam completamente nem uma língua nem outra (CAPOVILLA, 2000).

Com o aprofundamento das pesquisas que revelavam quão complexas eram as línguas de sinais usadas pelos surdos, a possibilidade de elegê-las como meio mais apropriado para a educação dos mesmos, reforçou a ideia de que as duas línguas poderiam conviver lado a lado, porém, num primeiro momento, não simultaneamente. O aprendiz, portanto, deveria primeiro sinalizar e após, dominar a modalidade escrita (grifo nosso) da língua vernácula do seu país. Essa é a essência da proposta do bilinguismo. A educação bilíngue, propõe que o aprendiz surdo deva primeiro apreender a língua de sinais e, posteriormente, aprender a ler e escrever a língua do país em que nasceu, que será a sua segunda língua. O bilinguismo apoia-se na premissa da aceitação da surdez e, por conseguinte, o

surdo não precisa passar por abordagens que (re) estabeleçam sua audição e fala conforme o padrão de comunicação ouvinte. Tal abordagem, considera que a língua de sinais fornece todo o arcabouço necessário ao surdo para sua plena realização cognitiva e comunicacional. Aliada à perspectiva bilinguista, há o desenvolvimento de uma perspectiva bicultural⁹, que deve ser aliada ao bilinguismo.

A seguir, é apresentado o quadro 01 que sintetiza os principais pressupostos que embasam as concepções educacionais voltadas para os surdos. Esses foram contextualizados historicamente no intuito de proporcionar ao leitor uma visão panorâmica destas questões, para posteriormente retomar a discussão sobre as implicações destas concepções no construir identitário dos indivíduos surdos. Em seguida, faremos uma digressão para tratar dos aspectos históricos da surdez no contexto brasileiro, e, posteriormente, retoma-se e aprofunda-se a caracterização dos enfoques educacionais para os surdos, relacionando-os aos aspectos da dimensão médica ou clínica da surdez.

⁹ Situação em que o bilinguismo é considerado nos contextos culturais de cada uma das línguas a cuja competência se refere. Assim, o indivíduo bilíngue não apresenta, apenas, a competência linguística, mas tem, também, participação cultural activa em cada um dos grupos etnolinguísticos envolvidos. Fonte: Dicionário de termos linguísticos- Portal da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2853>.

Quadro 01 - Resumo das concepções educacionais e construção social da surdez

RESUMO DAS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS E CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SURDEZ		
Concepção	Caracterização	Contexto Histórico
INICIATIVAS PRECURSORAS	<p>- Gerolano Cardano (1501-1576) estuda a fisiologia dos processos auditivos, defende a capacidade dos surdos para a aprendizagem</p> <p>- O abade espanhol Pedro Ponce de Leon (1520-1584), ensina surdos filhos de nobres a falar usando a representação datilológica do alfabeto, sinais criados pelas famílias dos surdos e dos monges beneditinos espanhóis</p> <p>- Samuel Heinecke (1727-1790), considerado precursor do oralismo, funda a primeira escola para surdos em Leipzig (1768) na Alemanha.</p> <p>- O abade Charles Michel de L'Épée (1712/1789) funda o Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris. Usa intérpretes de língua de sinais nas aulas, demonstra a filósofos, educadores e nobres a comunicação em língua de sinais e a resposta por escrito dos surdos. Contesta a necessidade do ensino da fala aos surdos,</p>	<p>SÉC. XVI</p> <p>SÉC. XVIII</p>
ORALISMO	<p>Congresso de Milão em 1880: proibição das línguas de sinais, alijamento dos professores surdos das escolas</p> <p>Surdez como incapacitante, surdo deve ser oralizado</p>	<p>A partir do Séc. XIX com ecos até os dias atuais</p>
COMUNICAÇÃO TOTAL	<p>Na década de sessenta do séc. XX os trabalhos de Stokoe sobre línguas de sinais, vão influenciar diversas áreas do conhecimento como a Linguística, a Psicologia, a Educação, a Sociologia, a Antropologia e a Neurologia.</p> <p>Admite-se todo recurso que ajude o surdo a se expressar</p>	<p>Meados do Séc. XX com ecos até os dias atuais</p>
BILINGUISMO	<p>Surdez não é incapacitante, o surdo deve primeiro ser educado para a sinalização, após deve aprender a modalidade escrita da língua de seu país.</p>	<p>Aproximadamente a partir da década de 90 do Séc. XX com ecos até os dias atuais</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

2.3 Percurso social e educacional dos surdos no contexto brasileiro e a dimensão médica da surdez

Esta seção apresenta, primeiramente, a trajetória social e educacional dos surdos no Brasil e em seguida disserta sobre a dimensão clínica ou médica da surdez. A compreensão dos aspectos clínicos ou médicos da surdez, associados à evolução dos dispositivos de amplificação e estimulação sonoras, se faz necessária para entender a trajetória descrita pelas três concepções acerca da educação dos surdos, na qual vai se desenhar uma linha contínua em que a linguagem assume papel relevante, mas o peso da linguagem oral, em detrimento da sinalizada, é que vai determinar suas constituições.

No Brasil, conforme Isaac e Valadão (2014), o percurso histórico das abordagens educacionais para surdos segue uma trajetória semelhante a dos outros países. No séc. XIX, Dom Pedro II cria na cidade do Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (1857), coordenado por um professor surdo francês, o que iria ocasionar uma influência, via empréstimos linguísticos, da língua de sinais francesa na incipiente língua de sinais brasileira. No início do século XX, influenciado pela corrente oralista, a língua de sinais também foi proibida no instituto. Na década de 50, o instituto passou a ser denominado por Instituto Nacional de Educação de surdos, cujo acrônimo é INES. Na década de 80, a linguista Lucinda Ferreira Brito desempenhou um papel importante na consolidação da Língua Brasileira de Sinais - Libras e na perspectiva bilíngue para a educação dos surdos.

Na década de 90, o bilinguismo começou a ganhar espaço e os movimentos das comunidades surdas iniciaram uma trajetória de conquistas que alcançou o respaldo das legislações: em 2002, pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Libras foi reconhecida legalmente como meio de expressão e comunicação dos surdos (BRASIL, 2002). No ano de 2005, por meio do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), a Libras, tornou-se disciplina obrigatória nos cursos superiores de licenciatura. Em 2011, através do Decreto nº 7.611, de 17 de novembro, foi regulamentada a educação especial, o atendimento educacional especializado e foi garantido, também aos surdos, a política educacional com vistas à promoção da acessibilidade e da inclusão em todos os níveis educacionais, especialmente na formação continuada dos docentes para o desenvolvimento da

educação bilíngue para estudantes surdos, e adequação dos materiais didáticos e paradidáticos (BRASIL, 2011).

Um ano depois, em 2012, houve a edição da popularmente denominada “Lei de Cotas” (BRASIL, 2012), em 2015, foi instituída a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, a Lei Brasileira da Inclusão (BRASIL, 2015), que foi alterada pela Lei nº 13.409, de dezembro de 2016, onde obriga-se a reserva de vagas para pessoas com deficiência, dentre estas as pessoas surdas (BRASIL, 2016). Importa mencionar que esta última legislação citada provocou, nas Instituições de Ensino Superior (IES), notadamente nas públicas, repercussões enormes, que implicaram em novas posturas e criação de projetos que visassem garantir o acesso e a inclusão de pessoas que, no plano histórico, foram alijadas do ensino superior. Ocasinou também um incremento no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) nos projetos voltados para a inclusão. O que nos traz ao plano atual, que vai mesclar as tentativas e iniciativas e suas dificuldades inerentes, a uma relativa valorização da profissão do Tradutor e Intérprete do par linguístico Libras/Língua Portuguesa, e o aumento paulatino de alunos surdos nas IES públicas.

Retomando a temática das abordagens educacionais voltadas para os surdos, podemos afirmar que a perspectiva oralista defendia basicamente que o surdo devesse falar e buscar a competência linguística por meio da proficiência na língua oral. Essa perspectiva lhe proporcionaria o desenvolvimento mais próximo possível do padrão de normalidade, que considera o ouvinte como modelo para o desenvolvimento das habilidades comunicativas, sociais, educacionais, entre outras, resultando em sua integração como membro produtivo da sociedade ouvinte (CAPOVILLA, 2000).

A língua de sinais, nesse âmbito, era considerada como um empecilho para a aprendizagem oral. Em termos efetivos, o oralismo não conseguiu resultados satisfatórios, não obstante os casos de sucesso, que eram raros, determinados mais pelos esforços e características dos indivíduos do que pelo método em si. Segundo Capovilla (Op. Cit.), a partir dos anos 60 do século XX, o método passou a ser questionado por não apresentar resultados efetivos entre os surdos. Como já mencionado, na década de 60 surgiram os primeiros estudos linguísticos sobre as Línguas de Sinais, invalidando o argumento usado pelos oralistas de que língua de

sinais prejudicaria o desenvolvimento das faculdades cognitivas, e por conseguinte, das expressões que se aproximassem de um “ideal oralizado”. Prova disso é que, mesmo durante o período de hegemonia oralista, quase toda instituição voltada para educação dos surdos desenvolveu, marginalmente, sistemas próprios de comunicação sinalizada.

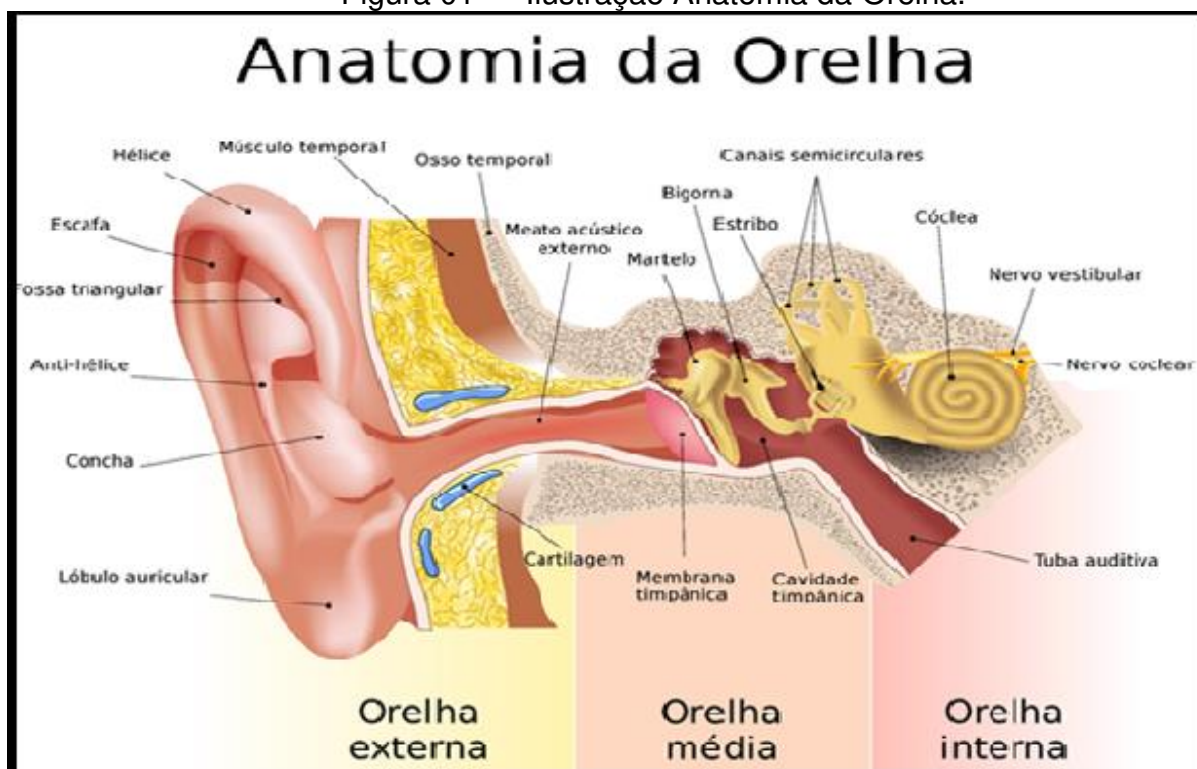
A abordagem oralista ainda hoje tem uma sobrevida devido ao desenvolvimento tecnológico dos aparelhos para surdez. Essa construção social da surdez é atravessada, como visto anteriormente, pela dimensão médica, atrelada ao desenvolvimento dos conhecimentos da anatomia e fisiologia da audição e o desenvolvimento de aparelhos auditivos. Conforme nos lembram Isaac e Valadão (2014, p. 10):

As mudanças educacionais na abordagem da surdez não podem ser desvinculadas das transformações sociais e do desenvolvimento tecnológico desencadeados a partir da Revolução Industrial iniciada no fim do Séc. XIX, que refletiram, também, no avanço da Medicina.

Cabe ressaltar, entretanto, que nossas explicações aqui sobre aspectos tecnobiológicos da surdez têm propósitos meramente instrumentais, pois se atém apenas aos aspectos necessários para a compreensão dos termos que serão tratados ao longo do estudo. A surdez, quanto à época em que se manifesta, é classificada em pré-lingual, peri-lingual e pós-lingual, e corresponde ao estágio em que a perda auditiva foi estabelecida no indivíduo mediante o processo de aquisição da linguagem. Respectivamente, os termos significam antes, durante e após a aquisição da linguagem. A anatomia do ouvido, demonstrada na figura 01, é complexa, sendo composta por três partes principais: a orelha externa, a orelha média e a interna. Na orelha externa temos o pavilhão auricular e o meato acústico externo que captam e conduzem os sons para a orelha média. Na orelha média tem-se o tímpano ou membrana timpânica que vai transformar sons em vibrações e três minúsculos ossos, o martelo, a bigorna e o estribo, responsáveis por transferir as vibrações para a orelha interna. Na orelha interna encontra-se a cóclea, o órgão responsável pela transformação dos sinais acústicos em sinais neurais. É um canal espiral ósseo, com aspecto semelhante a uma concha de um caracol, localizado no interior do osso temporal. A cóclea é constituída por um labirinto ósseo em forma de espiral, que é preenchido por líquido e separado por uma membrana, a membrana basilar. Os movimentos vindos da orelha média são transmitidos a esse

líquido que percorrem o labirinto através da membrana basilar. A variação da pressão na membrana provoca um estímulo no órgão de Corti, que é formado por células ciliadas que, ao serem estimuladas, transformam os estímulos em impulsos elétricos que serão levados, através do nervo auditivo, para o cérebro, que, por sua vez, será responsável pela interpretação dos sons ouvidos. Por fim, tem-se também o sistema vestibular, que responde pelo controle do equilíbrio corporal.

Figura 01 — Ilustração Anatomia da Orelha.

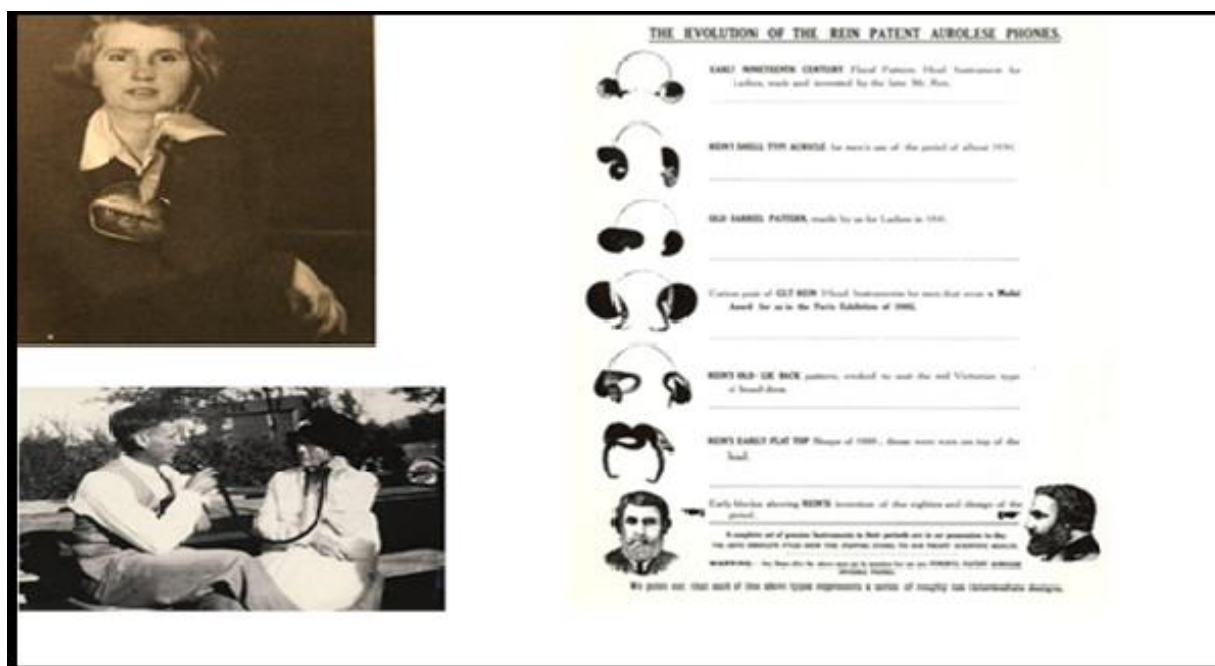


Fonte: Site infoescola, Anatomia da orelha (anteriormente chamado de Ouvido).
Ilustração: SVETLANA VERBINSKAYA / Shutterstock.comaudição/ouvido/, 2018

A evolução dos aparelhos auditivos usados para a surdez são ilustradas na figura 02, e passa pelas Trombetas de ouvido (Fig. 02, lado esquerdo superior), Tubos de Conversação (Fig. 02, lado esquerdo inferior), Aurículas (Fig. 02 lado direito) até chegar aos primeiros implantes cocleares representados na figura 03. Alessandro Volta, inventor da pilha elétrica, teria no início do Séc. XIX, experimentado aplicar em seu próprio ouvido uma corrente de 50 volts, transmitidas por duas placas de metal inseridas dentro da orelha. Apesar de ter desmaiado após a descarga, Volta teria ouvido ruídos externos. Este experimento-flagelo estimulou outros cientistas a experimentar a eletricidade como estimuladora da audição (MANGILI, 2014). Entretanto, os avanços reais acontecem em 1957, quando André

Djourno (1904/1996), conseguiu fazer com que um surdo fosse capaz de identificar palavras simples e ritmos da fala, após ter sido implantado pelo cientista.

Figura 02 — Trombetas de ouvido (lado esquerdo superior), Tubos de Conversação (lado esquerdo inferior) Aurículas (lado direito).



Fonte: site do Museu dos aparelhos auditivos, sem data.

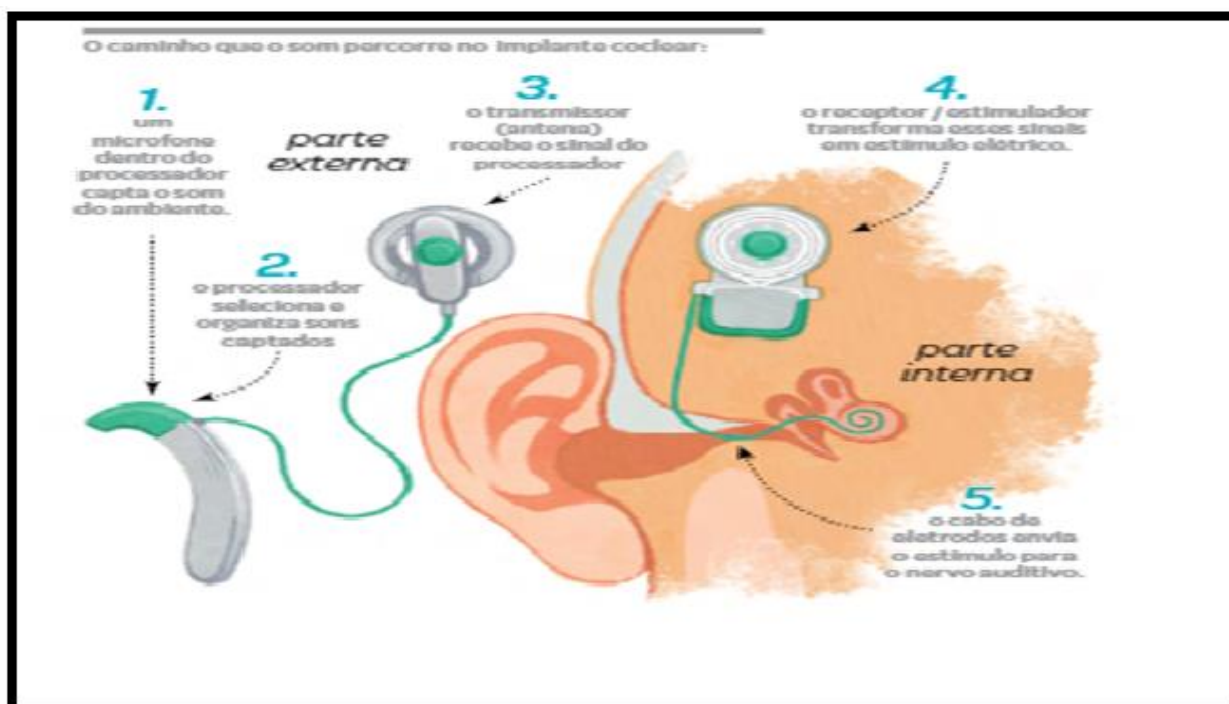
Atualmente, os mais modernos dispositivos eletrônicos de tecnologia aplicados à surdez são os implantes cocleares (ICs), que usam a inserção de eletrodos, por meio de uma cirurgia na cóclea, a fim de substituir a atividade das células ciliadas que estão danificadas ou ausentes.

Na década de 60, animados pelo sucesso de Djourno, pesquisadores e cientistas avançam nos estudos sobre ICs. Assim, na década de 80, surgem os primeiros aparelhos similares aos atuais (WALTZMAN, ROLAND JR., 2016). No Brasil, o primeiro IC foi realizado no Hospital de Reabilitação em Bauru/SP, no início dos anos 90. As cirurgias para IC se desenvolveram rapidamente, e, conforme Bernardes (2014), o Brasil disponibilizava em 2014, 28 instituições que realizavam a cirurgia, garantida pelo SUS, o que incluía apenas a cirurgia, e não a manutenção do aparelho. A partir de 2018, o SUS passou a oferecer a troca dos processadores de fala (componente externo) que tenham 7 anos ou mais de uso, que se encontre obsoleto ou não seja mais fabricado (descontinuado) ou ainda, que apresente defeito de funcionamento (MS, Portaria 2.131, 2018).

No âmbito da reabilitação oral dos surdos, a percepção da fala e sua produção, em geral, podem ser melhoradas com o IC, mas não são poucos os inconvenientes que acompanham o seu uso. Capovilla (1998) enumera as proibições e obrigações de quem decide pelo implante: proibição de esporte de contato que possam ameaçar a cabeça, obrigação de remover todos os componentes externos antes de banhar-se, portar sempre pilhas extras, porque a autonomia de carga, ainda hoje, é um problema.

A cirurgia de IC é recomendada para aqueles em que a perda auditiva é bilateral e profunda, e que têm poucos benefícios com o uso dos aparelhos de amplificação sonora individual (AASI). Ainda segundo Bernardes (2014), por volta de 5% dos implantados dispensam a leitura labial para conversar, mas comumente o que se espera é que o implantado desenvolva a leitura labial e obtenha melhoras nas percepções sonoras, já que o aparelho não cura a surdez. Os produtos atuais acompanham a evolução tecnológica e existem aparelhos microprocessados, cada vez menores, conforme pode-se observar na figura 03.

Figura 03 — implante coclear moderno.



Fonte: Sonia M. Levolino Simões, 2016.

Todas as considerações aqui propostas remetem às questões que vão envolver desde aspectos culturais, às crenças sobre os surdos e sobre o que venha a ser deficiência, devidamente cimentadas pelas IL que vão compor a argamassa

que sustenta tais construções, seja no que diz respeito ao que se imagina como melhor para os surdos no plano social, educacional e cultural. Faz-se então, necessário, para enriquecer as análises posteriores, introduzir algumas considerações sobre os modelos conceituais de deficiência, que apresentam uma configuração dicotômica: o modelo médico e o modelo social.

2.3 Os conceitos de deficiência

No modelo médico, como propõe França (2013, p. 59), a deficiência é: “[...] comumente entendida como um fenômeno do corpo, no qual a ausência de partes ou limitações funcionais são elementos definidores”. Esta é uma compreensão hegemônica e definidora de várias outras construções sociais, tais como o estigma, o preconceito e a naturalização dos fenômenos sociais. Contudo, um modelo alternativo tenta se contrapor a esta compreensão, desde meados da década de sessenta do Séc. XX: o modelo Social da Deficiência. Este construto teórico combate uma pseudoneutralidade científica na compreensão médica da deficiência e do modo de tratá-la. Preconiza a desnaturalização desses entendimentos e enxerga a deficiência como: “[...] fruto das desvantagens ou que possuem lesões físicas e os exclui das principais atividades da sociedade.”, restrições provocadas pela organização social contemporânea que pouco ou nada considera daqueles (BAMPI; GUILHEM; ALVES, 2003, p. 2).

O Modelo Médico foi conceituado até 1976 pela Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (CIDID) fazendo parte da Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS). Neste documento constam as concepções de deficiência (*impairment*), incapacidade (*disability*) e desvantagem (*handicap*¹⁰). A deficiência (*impairment*) é definida como qualquer perda de uma estrutura ou função física, psicológica ou anatômica. A incapacidade (*disability*) se relaciona ao desempenho do rendimento funcional, e por fim, a desvantagem (*handicap*) vai refletir a adaptação do indivíduo ao seu meio social, que resulta tanto da deficiência quanto da incapacidade. O conceito se desenvolve numa sequência linear, conforme Faria e Buchalla (2005), na qual as condições decorrentes da doença levam à desvantagem: Doença ⇒

¹⁰ “Além do fundamento pejorativo do conceito de *handicap*, que em inglês deriva da expressão *cap in hand* (boné na mão) e queria dizer que a pessoa (deficiente) necessitava pedir esmolas para poder sobreviver.” (BAMPI; GUILHEM; ALVES, 2003, p.4)

Deficiência ⇒ Incapacidade ⇒ Desvantagem. A principal crítica ao modelo biomédico é o tom monocórdio que ressoa na sua definição, ou seja, a deficiência só é contemplada como domínio do corporal, abstraindo toda relação com os aspectos sociais, psicológicos e ambientais. O documento CIDID, posteriormente, foi substituído na década de 2000 pela Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF, OMS, 2003) entendida como uma aproximação dos preceitos do Modelo Social, autoproclamando-se, como lembram Farias e Buchalla (2005), como o Modelo Biopsicossocial da Deficiência.

Quanto ao Modelo Social da Deficiência, destaca-se o nome do sociólogo inglês Paul Hunt, criador da “*The Union of the Physically Impaired Against Segregation*”- UPIAS (União dos Deficientes Físicos Contra a Segregação, tradução nossa) considerado o responsável pela conceituação da deficiência como fator social. Contrapondo-se ao modelo médico, que distingue assim doença e deficiência: a primeira seria temporária e a segunda, permanente.

O Modelo Social estabelece que esta distinção não existe, pois argumentam seus teóricos que todos os indivíduos, por diversas causas, estão sujeitos a experimentar, temporariamente, algumas formas de deficiência, seja a surdez, a invalidez ou a cegueira. Neste ponto, ainda que de forma passageira, o indivíduo vai experimentar a exclusão que as pessoas com deficiência vivenciam no seu dia-a-dia, isso porque a sociedade não está preparada para os diferentes, e sim para um padrão, um tanto difuso de normalidade. A principal causa a ser defendida pelo Modelo social seria a inversão dialética da necessidade de intervenção: a principal intervenção, não deve ser feita apenas no corpo lesionado, deve ser feita, principalmente, na sociedade, a fim de que sejam garantidas a participação e o acesso sociais plenos.

A partir da Convenção Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (ONU, 2001), ratificada pelo Brasil em 09 de julho de 2008, e do Decreto nº 7.612 (BRASIL, 2011), que institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, a legislação brasileira traz a definição de pessoa com deficiência atualizada na Convenção da ONU, um avanço em direção a uma conceituação menos medicalizada da deficiência. Em seu artigo 2º (ONU, 2011), afirma que:

São consideradas pessoas com deficiência aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Note-se que a definição não enumera os tipos de deficiências, mas, ao ressaltar os impedimentos, determina um elemento comum a todas as pessoas com deficiência: a experiência da exclusão, ou barreiras, seja como lembra Bampi, Guilhen e Alves (2003) na qual a exclusão pode ser causada por inacessibilidade dos ambientes, pelo desconhecimento da população das línguas de sinais, da falta de insumos em braile, das opiniões questionáveis acerca das competências intelectuais e ou habilidades, e que, por fim, podem levar às reações estigmatizáveis quando se descobre que a pessoa não tem suas lesões à mostra num primeiro momento.

2.4 Cultura e identidades surdas, estigma social e Ideologias Linguísticas

2.4.1 Cultura e identidades surdas

Configura-se tarefa difícil, senão impossível, tentar entender as identidades surdas sem associá-las a algumas percepções sobre cultura. O conceito de cultura é polissêmico, como referem Kroeber e Kluckhohn (1952), ainda na década de cinquenta do século passado, que enumeram 164 definições para o termo. O que torna, também, quase impossível, buscar um conceito de cultura uno e coeso.

Cultura pode ser associada à civilização, como nas expressões cultura chinesa, cultura latina, etc. Para alguns, é associada a comportamentos, para outros ao que reveste materiais simbólicos, ou níveis de abstração. Temos ainda a alta e a baixa cultura, uma associada à arte e à história, a outra aos costumes e tradições das comunidades (MATOS, 2008). A distinção entre cultura popular e erudita impregna hegemonicamente muitas das concepções de cultura, quando se discute a existência ou não de uma Cultura Surda. Conforme Skliar (1998, p. 28-29), em geral, quem não admite a existência de uma cultura surda parte de uma visão própria, em que suas referências de mundo tomam a cultura surda como um desvio ou anomalia e: “desconhecem o que os surdos geram em relação ao teatro, ao brinquedo, à poesia visual, à literatura em língua de sinais, à tecnologia que utilizam para viverem o cotidiano, etc. “. Acrescentaria às considerações de Skliar a história compartilhada. Fato é que, não obstante esta associação, na pós-modernidade o conceito é pluralizado, notadamente a partir dos trabalhos originários na Grã-

Bretanha, através do “*Centre for Contemporary Cultural Studies*” (Centro para Estudos Culturais Contemporâneos-CCCS, tradução nossa) da Universidade de Birmingham. Considerado o berço dos Estudos Culturais¹¹, o trabalho desenvolvido em Birmingham traz a história dos “de baixo” e a “cultura comum ordinária” para o centro de um debate em que pode ser tratada em condições de igualdade com a “alta cultura” e os “de cima”. Para Escosteguy (1998, p. 88):

As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como, suas relações com a sociedade e mudanças sociais, compõem seu eixo principal de pesquisa.

Nomes fundamentais na fundação dos Estudos Culturais são Edward P. Thompson (1924-1993), historiador associado ao Marxismo, Raymond Williams (1921-1988) acadêmico, crítico literário e novelista e Richard Hoggart (1918-2014), sociólogo. Mais tarde em substituição a Hoggart no período de 1968 a 1979 na direção do Centro, assume Stuart Hall, que tem sua importância reconhecida nos Estudos Culturais, incentivando a investigação das práticas de resistências de subculturas e vários projetos coletivos. Não é propósito deste trabalho o aprofundamento no fecundo e extenso campo que envolve os Estudos Culturais. Cabe dizer que neste contexto se encaixam os “Estudos surdos” e a concepção de Cultura Surda. Uma possível definição de cultura, que se aproxima do nosso entendimento, e por extensão da confirmação da existência de uma Cultura Surda é trazida por Teske (2003, p.144):

¹¹ **Estudos culturais**, campo interdisciplinar preocupado com o papel das instituições sociais na formação da cultura. Estudos culturais surgiram na Grã-Bretanha no final da década de 1950 e posteriormente se espalharam internacionalmente, notadamente para os Estados Unidos e a Austrália. Originalmente identificado com o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham (fundado em 1964) e com estudiosos como Richard Hoggart, Stuart Hall e Raymond Williams, estudos culturais mais tarde se tornaram um campo bem estabelecido em muitas instituições acadêmicas, e desde então teve ampla influência na sociologia, antropologia, historiografia, crítica literária, filosofia e crítica de arte. Entre suas preocupações centrais estão o lugar de raça ou etnia, classe e gênero na produção de conhecimento cultural. (Traduzido do Verbetes; Estudos Culturais, revisado e atualizado por Brian Duignan. Enciclopédia Britânica online) Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/cultural-studies>

Cultural studies, interdisciplinary field concerned with the role of social institutions in the shaping of culture. Cultural studies emerged in Britain in the late 1950s and subsequently spread internationally, notably to the United States and Australia. Originally identified with the Center for Contemporary Cultural Studies at the University of Birmingham (founded 1964) and with such scholars as Richard Hoggart, Stuart Hall, and Raymond Williams, cultural studies later became a well-established field in many academic institutions, and it has since had broad influence in sociology, anthropology, historiography, literary criticism, philosophy, and art criticism. Among its central concerns are the place of race or ethnicity, class, and gender in the production of cultural knowledge.

Acredito que cultura é a ordem simbólica por cujo intermédio homens determinados exprimem, de maneira determinada, suas relações com a natureza, entre si e com o poder, bem como a maneira pela qual interpretam essas relações, sendo que a própria noção de cultura é adversa à unificação.

Dentro do escopo desta definição acreditamos que a língua é fator determinante ao proporcionar a mediação necessária para a expressão e a interpretação nas relações com a natureza, entendida aqui como o todo complexo que constitui nossa vida. No caso do surdo, a língua visual motora, com toda a sua complexidade, é um dos componentes de sua identidade, e por extensão, compõe seu quadro cultural quando em interação. Neste sentido, Skliar (2003) propõe que os Estudos Surdos desconstruam as representações dominantes sobre o “normal” em relação à surdez, problematizando aquilo que em geral não é problematizado, seja na educação especial ou em outras perspectivas sobre o tema. Para Skliar (idem) o problema do estudioso não é nem a surdez nem suas identidades, também não é a língua de sinais, nem o ouvintismo hegemônico. O problema real é a inversão do entendimento de normalidade ou de cotidiano na compreensão dos indivíduos. Tais considerações nos levam a uma aproximação com o processo de estigmatização, o qual traremos à baila, posteriormente, ainda nesta seção.

Para Perlin e Skliar (2003), as identidades surdas se constroem a partir da diferença entre ouvir e não ouvir, e tal diferença vai marcar a construção identitária do surdo. Nesse sentido, propõe-se enxergar os surdos, assim como outros grupos de pessoas com deficiências, para além da noção clínica e biomédica de “deficiência”, para uma noção socioantropológica de “diferença” (DINIZ, 2007). Isso porque, o corpo “deficiente” designa uma visão a partir de uma concepção moral e estética de normalidade, advindos do padrão biomédico anteriormente citado, sendo essa a visão que foi mantida predominante por muitos séculos, promovendo a segregação das pessoas cujos corpos eram considerados como “corpos lesionados”. A partir de novos movimentos críticos, em especial os Estudos Culturais, dentro destes os Estudos surdos (SKLIAR, 2003; SILVA, 2012; CORAZZA, 1997 e COSTA, 2005; PERLIN, 2009) a noção biomédica de deficiência, passa a ser vista como um conceito que denuncia uma estrutura social que oprime o diferente.

Em relação aos surdos, para Perlin (2013), a hegemonia ideológica imposta pelo padrão dos ouvintes, também se expressa em termos de Ideologia Linguística,

via desqualificação das línguas de sinais, ocasionando uma repressão do assumir identitário surdo. Essa repressão, denominada ouvintista, reforça os estereótipos sobre a surdez e produz nesses indivíduos formas fragmentadas de identidade, na concepção de Perlin (1998) ouvintismo é uma derivação da contiguidade entre ouvintes e surdos, sendo que os surdos sempre são submetidos nesta aproximação. Nesse sentido, o ouvintismo é uma forma de poder dos ouvintes hegemônicos, expressa em relações de dominação. No sentido acadêmico do termo, o ouvintismo vai ser associado à visão médica da deficiência.

Ainda segundo Perlin (2003), o ouvintismo trabalha para perpetuação do estigma, e até mesmo o amplia, pois acresce à segregação que tipifica a relação normal/diferente (ou estigmatizada) uma conexão de dominação e opressão. A autora ainda categoriza em três as formas que se apresentam o ouvintismo: a tradicional, a natural e a crítica. No ouvintismo tradicional não há outra saída para o surdo que não seja aceitar uma identidade imposta por ouvintes. No ouvintismo classificado como natural, considera-se que há uma desigualdade natural entre ouvintes e surdos e, embora admita o bilinguismo e o biculturalismo, não se descarta a necessidade do surdo se integrar à hegemônica cultura ouvinte. Por fim, tem-se o ouvintismo crítico, que conforme Perlin (2013, p. 61) “[...] se aproxima de uma posição solidária: admite a possibilidade de alteridade, do diferente “surdo”, identidade e autonomia linguística.” No entanto, esse tipo de ouvintismo ainda enfatiza uma cultura surda que se submeteria a uma cultura ouvinte hegemônica, visto que as diferentes culturas em sociedade, sempre vão expressar um jogo de supressão das mais fortes sobre as outras.

Skliar (2013, p.15) define como ouvintismo “[...] conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte[...]”. O autor associa o ouvintismo ao oralismo que se traduziria na forma institucional do primeiro. Skliar (Idem) alerta para o poder ideológico que o oralismo esconde, lembrando que não se trata de refletir somente sobre o que aparece na superfície: os abusos físicos, as proibições e o espaço da escola. É preciso levar em conta os pressupostos filosóficos, religiosos e políticos que alimentam o ouvintismo e o oralismo. Ainda com Skliar (2013, p. 28), temos o entendimento das identidades surdas como: “[...] identidades que, são, necessariamente híbridas e estão em constante processo de transição.”,

expressando sua crítica aos que enxergam uma homogeneidade e estabilidade nas identidades surdas. Também Sá (2006, p. 128) corrobora esta afirmação: “Os surdos e a comunidade surda são plurais, como o é todo agrupamento humano. Toda identidade é dinâmica e é transformada continuamente.”

Aprofundando os construtos teóricos na busca do entendimento das identidades surdas, retomamos Perlin (1998) que propôs cinco categorias para classificá-las. A primeira categoria é denominada Identidade Surda, que para a autora é uma identidade política, que expressa a relação do indivíduo surdo e seu uso da língua de sinais. Esse indivíduo participa da comunidade surda e assume-se como surdo, ficando sujeito a pouca assimilação “ouvintista”, assumindo uma posição de resistência. A segunda categoria é denominada por Identidade Surda Híbrida, que considera os indivíduos que nasceram ouvintes, que adquiriram a língua oral, mas ficaram surdos mais tarde. Após a surdez, em contato com outros surdos, elegem a Libras como língua principal. Na terceira categoria tem-se a Identidade Surda de Transição, caracterizada pela submissão à cultura ouvinte. Essa identidade é comum aos surdos que tiveram contato tardio com a Libras, geralmente na adolescência ou idade adulta, o que promoveu um deslocamento da identidade ouvinte e a apropriação da identidade surda. Ainda, têm-se a Identidade Surda Incompleta que denominam os indivíduos surdos sujeitos à ideologia ouvinte, expressando uma dependência e falta de autonomia reivindicativa.

Por fim, temos a Identidade Surda Flutuante, na qual o indivíduo nega sua surdez, não almejando contato com outros surdos. Nesse âmbito a pessoa surda comunga dos valores inscritos na ideologia ouvinte, que constitui a sua identidade, ou aquela que ela vislumbra ou almeja. A classificação proposta por Perlin (1998) ilustra o quão complexas podem se apresentar as identidades surdas, como são dinâmicas. Lembrando que o indivíduo pode assumir ou rejeitar tais identidades no decorrer de sua vida. Com base na classificação da autora, é possível perceber que a construção da identidade surda se edifica em estreita relação com o estigma social. A categorização proposta por Perlin (2013), baseada na polarização ouvinte/surdo é perpassada pela premissa de que a língua de sinais, mais especificamente, no caso brasileiro a Libras, pode ser, ou é constituinte de uma forma específica de identidade surda.

2.4.2 Surdez e Estigma Social

As considerações anteriores (PERLIN, 2003; SKLIAR, 2013; SÁ, 2006) se ligam a outro elemento constituinte da identidade surda: o Estigma Social, expresso em geral na forma de exclusão. No intuito de municiar a afirmação anterior, apresentamos, a seguir, a construção teórica sobre o estigma na obra do sociológico Erving Goffman (1922-1982), considerando principalmente, os aspectos relativos as suas manipulações possíveis, tanto entre os próprios estigmatizados, quanto entre estes e os sujeitos não estigmatizados. Após, faremos uma retomada dos aspectos históricos da formação social da surdez, constantes do item 2.2, com o propósito de analisar as variações e percepções sobre o estigma. Tal retomada será sintetizada em um quadro com vista a facilitar a leitura, sem que o leitor tenha que recorrer aos textos anteriores. Passamos então, a descrever o que constitui o conceito de Estigma, na perspectiva de Goffman (1988).

Dentro da pesquisa etnográfica, Goffman é situado na corrente denominada de “interacionismo simbólico” (ANGROSINO, 2008). Tal orientação se configura como uma abordagem dinâmica do estudo da vida social. Não enxerga os indivíduos como meros pacientes das forças externas que compõem o tecido social. Ao contrário, observa ser a partir das interações que as pessoas apreendem os significados do mundo, codificando-os em símbolos compartilhados e que impelem à ação em seu meio social (ANGROSINO, 2008). Goffman chama sua abordagem de “dramatúrgica” ao atribuir papéis aos indivíduos na construção das representações do seu “eu” ou *self* na frente dos outros. Dentro da sua abordagem temos também os conceitos de interação, estigma, prestígio e desprestígio. A partir da década de 60 do século passado, notadamente a partir dos estudos do mesmo Goffman (1988) tem se atribuído à sociedade a formação do processo de estigmatização dos indivíduos, e revelando o quanto perverso pode ser tal processo na formação psíquica do sujeito estigmatizado e em seu estar no mundo. Goffman (1988, p. 11) enfatiza: “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. O que implica afirmar que, a categorização estabelece graus de valoração, sobre o que deve ou não ser prestigiado.

No conceito de interação proposto por Erving Goffman (2008) a(s) interação(ões), ou as interações face a face são uma situação social ou encontro

social (GOFFMAN, 2008) pois atendem aos requisitos de envolver dois ou mais indivíduos, culturalmente dirigidos em seus atos. Rotineiramente, nós indivíduos, negociamos nossas identidades. Assim, nós nos representamos perante os demais ora como professores, ora como pais, juízes, etc., moldando nossas atitudes e linguagem de acordo com a identidade em uso.

O conceito de interação como delineado por Goffman, pode ser entendido como um jogo de expectativas. Em Goffman, temos que nas interações conflitam duas identidades: a virtual e a real (GOFFMAN, 2008). Virtual seria aquela identidade que correspondesse às expectativas de determinado grupo, no sentido de “normalidade” esperada em nossos comportamentos. A identidade real, seria o produto do conflito entre o limbo da realidade, a qual nunca aceitaríamos e a expectativa da confrontação com a realidade, a qual nunca nos satisfaria.

O valor social que nós reivindicamos aos demais, a partir de uma linha de conduta por nós adotada, configura o conceito de “identidade ideal ou virtual” em Goffman (op. Cit), a qual se contrapõe a “identidade real”. A imagem projetada, socialmente, daquele nosso “eu” interior pode ser socialmente aceita ou rechaçada.

A identidade real seria aquela que correspondesse às nossas verdadeiras características. Quando a diferença entre a imagem virtual e a real favorece ao indivíduo, dizemos que ele aufere “símbolo de prestígio” (GOFFMAN, 2008). Ao contrário, se a avaliação das diferenças entre as duas identidades se dá de modo negativo ou desprestigiado, aparece o estigma. Aos estigmatizados de fácil reconhecimento, diz-se que são “desacreditados”, aos que só são reconhecidos *a posteriori*, diz-se que são “desacreditáveis” (GOFFMAN, op. Cit). O processo de estigmatização seria fruto da relação de incongruência entre os atributos (esperados socialmente) e os estereótipos, frutos da criação dos “normais” que distinguem o atributo do indivíduo, gerando a estigmatização, que é a deterioração da imagem por uma ação social, que evita o “diferente” ou não “normal”, por tomá-lo como um mal a ser evitado.

Para Goffman (2008), o estigma é dialógica e socialmente construído, porque parte daquilo que seria virtualmente normal, para denominar o “anormal”. O conceito de estigma proposto por Goffman, sugere que o próprio estigmatizado se evidencie e entre os seus iguais, crie “classes” ou subdivisões conforme seu grau

de estigmatização (GOFFMAN, 2008). Note-se que entre os surdos, há várias classificações, entre os próprios surdos e entre os estudiosos das questões surdas (classificações que serão descritas mais adiante), que expressam ora suas competências sociais comunicativas, ou ora, seu grau de prestígio ou desprestígio em relação ao pertencimento ou envolvimento no convívio com outros surdos em comunidade. Então, nessa acepção o estigma é moldável, porque é fruto de interações, construto social e identitário. Assim, pode tanto ser manipulado quanto tornado aceitável. Como o estigma não é determinado pela doença, ou patologia por si mesmo, ao mudar as relações sociais ou o como elas são construídas, o estigma também é mudado (MOREIRA, 2015).

Entre os autores que aprofundaram o estudo do estigma, destacam-se Ainlay, Coleman e Becker (1986) que a partir do ensaio “*Stigma reconsidered*” (tradução nossa)¹², trazem a questão do contexto como contribuição para os estudos de Goffman (2008). No seu construto conceitual os autores reafirmam o caráter de construção social do estigma, e propõem que os atributos particulares que servem à desqualificação dos indivíduos, vão variar em função dos períodos históricos e suas respectivas culturas, ou mais, em função do seu contexto. Isso implica considerar que o contexto pode mudar os cursos do estigma, podendo ser atenuado, modificado, extinto ou perpetuado. Para Siqueira e Cardoso (2011, p. 96)

Ao mesmo tempo em que estigma está ligado à ideia de mudança em paralelo com o social e o cultural, as pessoas que compõem a sociedade são responsáveis pela sua perpetuação. Como membros da sociedade, os indivíduos perpetuam as suas concepções de estigma e a forma de responder a ele. Isso se dá pelo passar das gerações, através da aprendizagem social e da socialização.

Nesta compreensão sobre o estigma concebida por Goffman (2008), Ainlay, Coleman e Becker (1986), Siqueira e Cardoso e Moreira (2015), entende-se que o estigmatizado pode ser construído a partir do contexto histórico, interacional e, portanto, social, o que irá influenciar na condição do estigma. Moreira (2015, p.15) afirma: “Ao considerar o conceito de Estigma a partir de uma leitura interacionista, onde (*Sic*) o estigma define e é definido nas relações, torna possível afastar-nos de

¹² Estigma Reconsiderado.

uma concepção essencialista¹³ e considerar o estigma passível de alterações, mudanças e manipulações.”

Entender o estigma a partir desta aproximação, nos permitiu uma associação em termos analíticos dos aspectos históricos elencados no item 2.2, sobre as ações que as concepções educacionais em relação à surdez, infligiram ao estigma. Inferimos que, no tocante a mudanças na sua condição em termos sociais o estigma ora foi reafirmado, ora deslocado (no sentido de seus constituintes mais evidentes se alterarem) e, por fim o estigma foi manipulado. Manipulação aqui, entendida como alteração no sentido social do estigma, com objetivos de sua extinção. No quadro 02 e nos parágrafos que seguem exemplificaremos nosso entendimento sobre estas considerações.

Quadro 02 — Resumo das concepções educacionais, construção social da surdez e estigma

Resumo das concepções educacionais e construção social da surdez e estigma		
Concepção	Caracterização	Ação sobre o estigma
Oralismo	surdez como incapacitante. surdo deve ser oralizado	reafirmação
Comunicação Total	admite-se todo recurso que ajude o surdo a se expressar	deslocamento
Bilinguismo	surdez não é incapacitante. o surdo deve primeiro ser educado para a sinalização, após, irá aprender a modalidade escrita da língua de seu país como segunda língua.	manipulação

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

¹³ Nota de rodapé nossa: essencialista nos termos em que entendemos o emprego pela autora, é uma concepção que atribui um caráter de essencialidade ao estigma, ou seja, o estigma seria algo inerente ao indivíduo ou grupo, não fruto de construções sociais.

Se no oralismo, o binômio normal/desviante expressa uma reafirmação do estigma, do ponto de vista das IL reafirma a hegemonia da oralidade sobre as sinalizações. Isso porque, quanto mais próximo do ouvinte (normal) melhor seria para o surdo (mais prestígio). Por sua vez, na comunicação total, temos que o estigma sofre uma matização ou deslocamento, pois a comunicação com os ouvintes é valorizada, e para alcançá-la, todos os meios são aceitáveis. O prestígio é deslocado da capacidade de oralizar, para a capacidade de comunicar-se bem, com os ouvintes (valoração atenuada, mas presente da oralidade). Finalmente, na perspectiva bilinguista, a surdez não é vista como desviante ou incapacitante, apenas é um componente da diferença. Não se almeja algo mais próximo da ontologia do ouvinte. Ao contrário, ao optar pela língua de sinais como primeira língua, imediatamente há implicações no contexto identitário do indivíduo surdo, o que vai resultar em uma manipulação do estigma, uma vez que não se almeja uma “normalidade” provavelmente inalcançável, mas sim a afirmação e aceitação das diferenças entre o indivíduo surdo e o ouvinte.

Cabe dizer que outros fenômenos aparecem, nessa luta pela afirmação identitária por vias linguísticas dos surdos. Para os surdos, questões envolvendo os aspectos linguísticos podem ser exemplificados pela falta de uma comunicação familiar plena, que resulta na necessidade de uso de uma linguagem caseira. Essa linguagem, segundo Nonaka (2009) é uma comunicação estabelecida em famílias ouvintes, que não sabem a língua de sinais, quando ocorre o nascimento de um filho surdo. Nessa situação, são usadas estratégias de comunicação que se constituem em uma aparente língua de sinais “domésticas”¹⁴. Também há constituição de línguas de sinais usadas em pequenas comunidades de surdos, como a língua de sinais chamada “*Passa kid*” de uma comunidade no interior da Tailândia (NONAKA, 2009), e na “Cena”, uma língua de sinais da localidade de Várzea Queimada no sertão do Piauí (PEREIRA, 2013), ou ainda temos o caso relatado por Mark Eveleigh (2019) sobre a aldeia de Bengkala, ao norte de Bali, na Indonésia. Naquela comunidade, apesar de restarem apenas 40 habitantes surdos (de uma proporção original de 50 ouvintes para um surdo), mais da metade da

¹⁴ Alguns autores usam o termo “sinais domésticos” (Goldin-Meadow, 1979; Mayberry, 1992; Morford, 1996) Segundo Morford (1996), esses gestos são estruturados independentemente da fala e exibem muitas similaridades com a língua de sinais, porém sua estrutura envolve generalizações simples. Os gestos podem ser definidos como: dêiticos (marcam referência no ambiente) e icônicos ou descritivos (as pantomimas) [...]. Trecho extraído de: SANTANA, A. P et al, 2008, p.300).

população de três mil habitantes se comunica por língua de sinais (chamada de *kata kolok*). Para o porta-voz da Aliança Surda de Bengkulu, se seu destino é nascer surdo, Bengkulu é o melhor lugar para se crescer.

Não obstante, ocorre que o uso dessas línguas, em geral, vai ser preterido em favor da língua de sinais oficial do país, o que divide as comunidades surdas. Ao contrário Sacks (1998, p. 123), nos lembra o caso da Ilha *Martha's Vineyard*¹⁵, onde mesmo após a morte do último surdo em 1952, os ilhéus ouvintes:

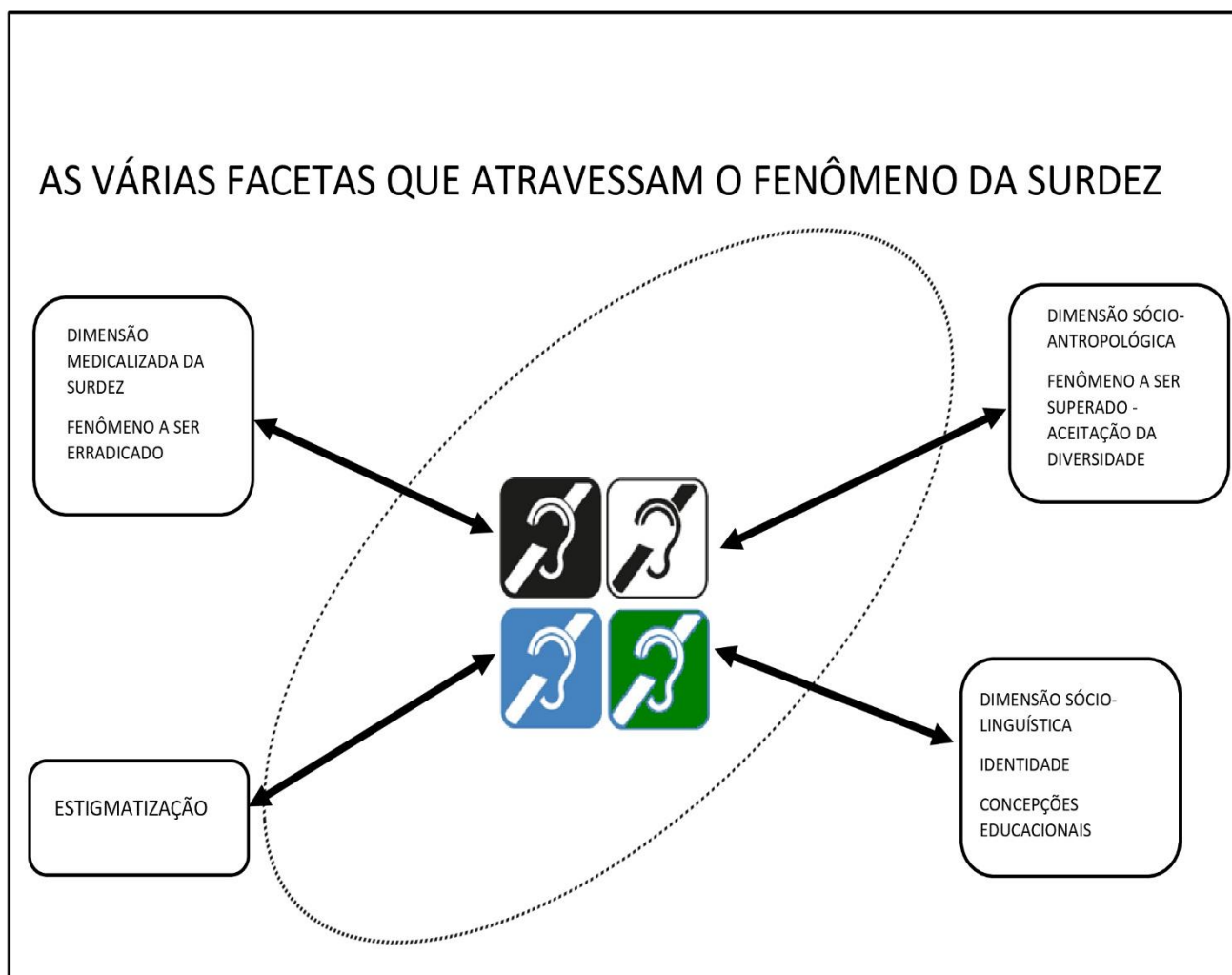
[...] tenderam a preservar a língua de sinais entre si, não meramente para ocasiões especiais (contar piadas sujas, conversar na igreja, comunicar-se de um barco para outro etc.), mas de um modo geral. Passavam involuntariamente para essa linguagem, às vezes no meio de uma sentença, porque a língua de sinais é “natural” para todos os que a aprendem (como primeira língua), e possui beleza e excelência intrínsecas às vezes superiores às da fala.

Observa-se que tanto no caso descrito por Sacks, quanto por Nonaka, Eveleigh ou Pereira, a surdez não é incapacitante, ou estigmatizada, sendo o surdo considerado apenas alguém que “fala” com as mãos. Ainda, sobre outro exemplo envolvendo fenômenos linguístico-ideológicos, temos o fato narrado por Skliar (2013) sobre a reivindicação da Sociedade de surdos do Rio Grande do Sul, dirigida por surdos leitores de Português, contrária ao emprego da janela de interpretação e a favor do uso apenas de legendas nos telejornais da TV Educativa daquele estado. A exclusão da tradução foi baseada na alegação de que os intérpretes sinalizavam rápido demais. Tal reivindicação, se fosse atendida, ignoraria os surdos não alfabetizados em Português e usuários de Libras.

Com o intuito de relembrar as várias dimensões e facetas que atravessam o fenômeno da surdez, as quais tratamos até aqui, elaboramos um quadro-síntese, o qual reproduzimos a seguir:

¹⁵ “Devido a uma mutação, um gene recessivo posto em ação pela endogamia, uma forma de surdez hereditária vingou por 250 anos na ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts, a partir da chegada dos primeiros colonizadores surdos na década de 1690.[...] a incidência de surdez aumentara para uma em cada quatro pessoas. Em resposta a essa situação, toda a comunidade aprendeu a língua de sinais, havendo livre comunicação entre ouvintes e surdos. De fato, estes quase nunca eram vistos como “surdos”, e certamente não eram considerados de modo algum “deficientes”. (SACKS, 1998, p.123)

Figura 04: As várias dimensões ou facetas que atravessam o fenômeno da surdez.



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

2.4.3 Ideologias Linguísticas na vertente norte-americana

Para compreendermos como as IL podem atravessar tanto os construtos identitários quanto as relações sociais, faz-se necessário, primeiro, um breve histórico de sua evolução teórica enquanto conceito, contextualizando-a dentro da Linguística e da Antropologia.

No que se refere às IL em sua vertente norte-americana, o conceito foi abordado por Paul Kroskrity, antropólogo linguista vinculado à Universidade da Califórnia Los Angeles (UCLA) em 2004, ano em que publicou o texto intitulado Ideologias Linguísticas¹⁶ (KROSKRITY, 2004, tradução nossa) onde, à guisa de

¹⁶ Language Ideologies

introdução, faz um levantamento das principais questões relativas à abordagem das IL no campo da Antropologia Linguística.

Dentre as principais questões, o autor abordou a história, relativamente recente, das IL enquanto campo de investigação, lembrando o desprezo dos linguistas “ortodoxos” ou estruturalistas acerca das opiniões dos falantes sobre a própria língua. O pesquisador apresentou também a sua definição dos elementos constituintes das IL visando uma maior unidade conceitual, diante da diversidade de um conceito que, em muitos aspectos, ainda era um conceito aberto. O texto assume ao longo do tempo *status* de referência obrigatória para uma aproximação com o tema.

O autor inicia seu artigo tecendo considerações sobre a evolução do conceito, a partir das inquietações provocadas pelas discussões relacionadas ao par língua e linguagem, que, necessariamente, vão passar pela obra de Saussure, no séc. XIX. O estudioso francês tem uma inegável contribuição para o estabelecimento da Linguística como ramo da ciência, entretanto, os pares conceituais em Saussure: língua x fala, interno x externo, sincronia x diacronia, apesar de extremamente importantes, não contemplaram aquelas dimensões da linguagem que não se prestassem à gradação, sistematicidade e regulamentação, como defendido por Del Valle e Meirinho (2015). Sobre esta concepção de linguagem, Kroskrity arremata:

Embora a relação entre linguagem e pensamento tenha recebido muito apoio acadêmico e atenção popular, "pensar sobre a linguagem" pelos seus falantes têm, em comparação, sido, negligenciada, dispensada, denegrida ou proscrita como objeto de estudo e preocupação até, relativamente, pouco tempo (KROSKRITY, 2004, p. 496, tradução nossa.)¹⁷

A ideia geral expressa na frase, segundo Kroskrity (2004) remonta, também, a Franz Boas (1911, p. 70-71, tradução nossa), para quem a consciência dos falantes sobre sua linguagem não tinha valor analítico, antes atrapalharia a análise, pois produziria tão somente: "os perturbadores e enganosos fatores de explicações

¹⁷ Though the relationship of language and thought has received much academic and popular attention, “thoughts about language” by their speakers have, by comparison, been neglected, dismissed, denigrated, or proscribed as objects of study and concern until relatively recently.

secundárias”¹⁸. Ainda, o autor remete à Leonard Bloomfield (1887-1949), e seu estruturalismo taxonômico, que embora tenha abordado a questão, para o mesmo, a consciência dos falantes quase não surtia efeito na fala real daqueles (BLOOMFIELD, 1933). O mesmo tendo ocorrido com Chomsky (1957; 1965) e seu transformacional-gerativismo quando conceitualiza as “intuições linguísticas”¹⁹ (KROSKRITY, idem, tradução nossa) dos falantes, tidas não como integrantes da linguagem, somente reveladoras de sua estrutura. A questão levantada por Kroskrity (2004, p. 499, tradução nossa) é a falta de agência dos falantes nas mudanças das estruturas da língua, pois, “em vez de serem vistos como parcialmente conscientes ou potencialmente agentes, os falantes - nos modelos chomskyanos - eram meros anfitriões da linguagem”.²⁰ Se em Chomsky o interesse é mais pelo uso que os falantes fazem da linguagem, para o pesquisador das IL interessa mais o que as palavras “podem fazer”, como defendido por Austin (1998).

Para Kroskrity, outro ponto solenemente ignorado pelos referidos linguistas é a função não-referencial da linguagem, que passa a ser valorizada a partir dos modelos teóricos semióticos de comunicação de Charles S. Peirce (SANTAELLA, 2003), os quais revelam quão variadas e pragmáticas podem se apresentar as relações entre os falantes e os signos, e entre esses e a linguagem. Ao reconhecer o papel das funções não referenciais da linguagem, também Del Valle e Meirinho alegam que: “[...] a linguagem passa do “dizer” ao “agir”²¹ (2015, p. 625, tradução nossa).

Ainda em um percurso histórico, Kroskrity traça uma aproximação da Antropologia Linguística com as IL, que vai se iniciar no final dos anos 70 e seguir até os dias atuais. Nesse percurso, Kroskrity (2004, p. 500/501, tradução nossa) elenca alguns trabalhos, que transcrevemos visualmente com uma linha do tempo, para facilitar sua apreensão, na figura 04 a seguir:

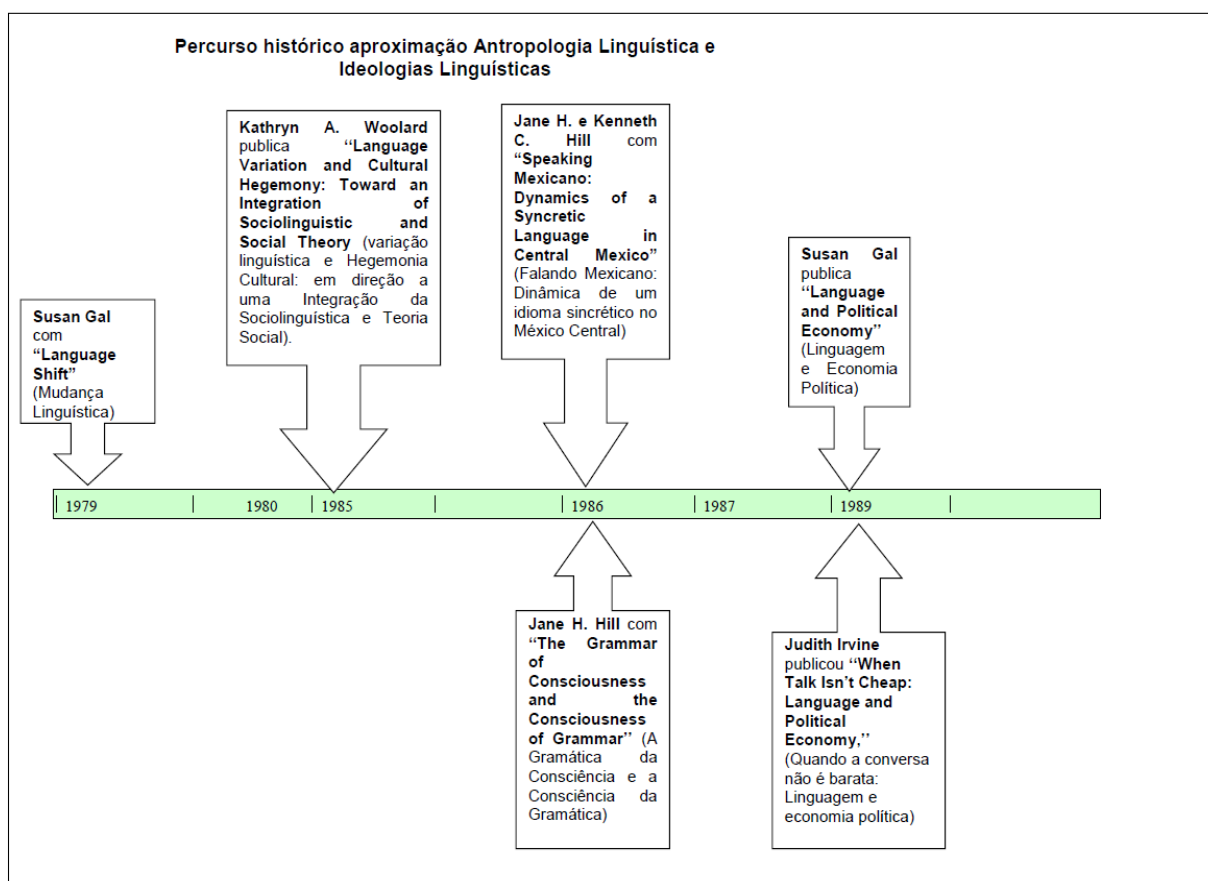
¹⁸ “the misleading and disturbing factors of secondary explanations”

¹⁹ Linguistic intuitions

²⁰ Rather than being viewed as partially aware or as potentially agentive, speakers – in Chomskyan models – were merely hosts for language.

²¹ [...] el lenguaje pasa de “decir” a “hacer”. (DEL VALLE; MEIRINHO, 2015, p. 625)

Figura 05 — Linha do tempo: percurso histórico da aproximação Antropologia Linguística e Ideologias Linguísticas segundo Kroskrity (2004)



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Todos esses trabalhos, ainda segundo Kroskrity (2004), contribuíram para uma aproximação com as questões que eram estudadas pela antropologia sociocultural e as teorias sociais gerais. Ressalte-se que esse *corpus* de trabalhos representa uma "inversão dramática" nos estudos linguístico-antropológicos, enfatizando tanto a agência dos falantes quanto o papel das IL. Isso, no nível dos constituintes das estruturas linguísticas e mais, a consciência dos falantes, conjugada a uma perspectiva êmica²², trazem os usuários da língua, suas interações e crenças, para o centro do palco das questões sociolinguísticas.

²² Uma perspectiva êmica é a visão da realidade por parte do informante. É um dos principais conceitos orientadores da pesquisa qualitativa. A perspectiva êmica é fundamental para a compreensão de como as pessoas percebem o mundo ao seu redor.[...]. Compilado do verbete "EMIC/ETIC DISTINCTION" escrito por David M. Fetterman (FETTERMAN, 2008, p. 249, tradução nossa) para a The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods vol. I e II. An emic perspective is the insider's view of reality. It is one of the principal concepts guiding qualitative research. An emic perspective is fundamental to understanding how people perceive the world around them. [...].

Para Kroskrity (2004) o conceito de IL não se apresenta unificado, antes, é composto de um conjunto de convergências, que ora se sobrepõem parcialmente e vão se diferenciar quanto à ênfase em determinados aspectos na análise de seus objetos. É um conceito que deve ser considerado em *cluster* (agrupamento) de dimensões convergentes.

Nesse aspecto, o conceito de IL constrói-se, tendo por base, a concepção da linguagem como prática social, umbilicalmente ligada a seu contexto e ao seu resultado material visível, quais sejam o texto (tanto escrito quanto oral) e suas expressões materiais linguísticas ou gramaticais como em Del Valle e Meirinho (2015), Kroskrity (2004) e Gal (2000). Em Woolard (1998), as IL não estudam somente a linguagem, mas antecipam e buscam o estabelecimento de laços entre linguagem e identidade, estética, moralidade e a epistemologia. Kroskrity ainda pondera que as definições do que sejam IL exibem uma tensão que enfatiza, ora a consciência dos oradores, e, portanto, uma forma de agência no plano social, ora enfatizam a sua “incorporação” aos sistemas sociais que os envolvem. Para Silverstein (1979, p. 193, tradução nossa) as IL são definidas como “conjuntos de crenças sobre a linguagem articulada por usuários como uma racionalização ou justificativa da estrutura e uso da linguagem percebida”²³.

Por sua vez, Irvine (1989, p. 249, tradução nossa) dá uma ênfase nas questões sociopolíticas defendendo que as IL representam “o sistema cultural de ideias sobre relações sociais e linguísticas, juntamente com a sua carga de interesses morais e políticos.”²⁴. Nesse âmbito, as IL são vistas como múltiplas e construídas a partir de perspectivas políticas e econômicas que, por sua vez, influenciam “as ideias culturais sobre a linguagem”. Kroskrity (2004) ajuíza que as IL não são apenas aquelas que derivam da “cultura oficial”, antes configuram um onipresente conjunto de crenças das mais variadas, implícitas ou tácitas, que servem como modelos para as construções avaliativas linguísticas e participação nas atividades comunicativas. Kroskrity (2004, p. 498, tradução nossa) conclui que: “Em suma, as Ideologias Linguísticas são crenças ou sentimentos sobre línguas

²³ sets of beliefs about language articulated by users as a rationalization or justification of perceived language structure and use.” (SILVERSTEIN, 1979, p. 193).

²⁴ “the cultural system of ideas about social and linguistic relationships, together with their loading of moral and political interests.” (IRVINE, 1989, p. 249)

usadas em seus mundos sociais”²⁵. E ainda explica o uso do termo “sentimentos” para expressar (Kroskrity, 2004, p. 512, tradução nossa): “[...] uma resposta estética relativamente automática”²⁶, por parte dos falantes acerca da língua que usa.

Em Del Valle e Meirinho (2015) tem-se um conjunto menor de características atribuídas às IL, que reforçam seu caráter materializado nas relações sociais, do que pode, a princípio, ser percebido como inerente ao campo das ideias apenas, partindo da seguinte definição de IL:

Sistemas de ideias que articulam noções de linguagem, das línguas, da fala e/ou comunicação com formações culturais, políticas e/ou sociais específicas. Embora pertençam ao campo das ideias e possam ser concebidos como marcos cognitivos que coerentemente ligam a linguagem a uma ordem extralinguística, naturalizando-a e padronizando-a, também deve ser notado que elas são produzidas e reproduzidas no âmbito material das práticas linguísticas e metalinguísticas (DEL VALLE, 2007, p. 20, tradução nossa).²⁷

Essa definição contém em seu núcleo algumas condições para o estudo das representações da linguagem, nos seus aspectos ideológico-linguísticos. Isso significa que todo estudo deve levar em conta a relação do texto (ou o expresso) ao contexto em que opera e como esse contexto dá significação ao que expressa (ordem extralinguística). Deve-se buscar antever como a lógica das linguagens vai contribuir para a naturalização da ordem social que ela denota ou ampara, o que lhe confere uma aparência de inevitabilidade e a liga aos processos culturais, políticos ou sociais. A análise, também, deve identificar quais os espaços institucionais e quais interesses possibilitam e favorecem a criação e circulação das IL.

Note-se que tanto para Del Valle e Meirinho (2015) quanto para Kroskrity (2004) as IL referem-se aos usos das crenças e sentimentos em relação à língua pelo indivíduo em seu mundo social. Nesse sentido, as IL são fruto de múltiplas

²⁵ In sum, language ideologies are beliefs, or feelings, about languages as used in their social worlds. KROSKRITY, P. Language Ideology. In: DURANTI, A. (ed.) A companion to linguistic anthropology. Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, 2004, p 498.

²⁶ “[...] as relatively automatic aesthetic response.” (KROSKRITY, 2004, p. 512)

²⁷ “sistemas de ideas que articulan nociones del lenguaje, las lenguas, el habla y/o la comunicación con formaciones culturales, políticas y/o sociales específicas. Aunque pertenecen al ámbito de las ideas y se pueden concebir como marcos cognitivos que ligan coherentemente el lenguaje con un orden extralinguístico, naturalizándolo y normalizándolo, también hay que señalar que se producen y reproducen en el ámbito material de las prácticas linguísticas y metalinguísticas”. DEL VALLE, José; MEIRINHO, Vítor. Ideologías Lingüísticas. New York: City University of New York (CUNY), CUNY Academic Works, 2016. p. 629

perspectivas tanto políticas quanto econômicas, que vão influenciar tanto as ideias culturais sobre a língua, quanto às crenças a ela relacionadas, sua estrutura e manutenção, que são aspectos do mundo social.

Com fins de contextualização, apresentamos, a seguir, alguns exemplos de estudos em IL que analisam questões sobre aquisição, crenças, mitos, mapeamento linguístico, discurso, multilinguismo, purismo linguístico e empréstimos, “*codeswitching*”, política linguística, nacionalismos, desigualdade social, identidades, dentre outros, alinhados com as discussões que envolvem as IL.

Kroskity (2004), descreve um evento relacionado à luta feminista nos EUA, contra a utilização do pronome “ele genérico”, constante nos formulários para obtenção de ajuda financeira estudantil naquele país. Esse seria um exemplo da multiplicidade de conteúdo e de contextos ideológicos que os processos de uso da língua demonstram. Trata-se da frase: “(1) Se um estudante deseja candidatar-se para assistência financeira, ele ou ela devem completar um formulário, ou: “(2) Se um estudante deseja candidatar-se para assistência financeira, ele deve completar um formulário.” (KROSKRITY, 2004, p.497 grifos e tradução nossos)²⁸. O que foi lido ou entendido por anos a fio, como um pronome “neutro” assim como “homem” quando se refere a toda humanidade (2ª frase), foi fortemente contestado pelos movimentos feministas. Para esse movimento, a exclusão do pronome feminino, é emblemática da injustiça contra as mulheres, eivado de sexismo e discriminação (SILVERSTEIN, 1985, p. 220).

Referindo-se às crenças e aos sentimentos sobre superioridade/inferioridade de línguas específicas, via autorização ou desautorização, Kroskity (2004) ainda cita como exemplos os “Debates Ebôneos”²⁹

²⁸ (1) If a student wishes to be considered for financial assistance, he or she must complete an application. (2) If a student wishes to be considered for financial assistance, he must complete an application.

²⁹ Ebonics Debate [...] Ebonics também inclui sons, dicas e gestos não-verbais, que são sistemática e previsivelmente utilizados no processo de comunicação de afro-americanos. [...] A palavra Ebonics é formada pela combinação de ébano (preto) e fônicos (sons da fala). [...] quando o conselho escolar de Oakland (Califórnia) decidiu abraçar o Ebonics como uma ponte idiomática para o inglês padrão, a maioria das pessoas não tinha ouvido falar do termo. Indignação irrompeu em todo o país, em comunidades brancas e afro-americanas. Devido, em parte, a “repercussão negativa da mídia” [...] a intenção do conselho foi completamente deturpada. As metas atuais de Oakland enfatizavam o ensino do inglês padrão, mas de maneiras que valorizaram, utilizaram e apoiaram o uso dos alunos de sua fala em casa ou do idioma nativo. [...]. Adaptado de: JOHNSON, Mary Ann (1998) **The**

em Johnson (1998, tradução nossa), também estudados por Silverstein (1996), nos quais o inglês afroamericano falado nos EUA é considerado ilegítimo frente ao inglês padrão puro e conclui Kroskrity (2004, p. 503, tradução nossa) :

Em vez de serem entendidas como diferenças linguísticas, tais inadequações são percebidas naturalizada e hierarquicamente de uma maneira que replica a ordem hierárquica social. Finalmente, a linguagem padrão, que é apresentada como universalmente disponível, é mercantilizada e apresentada como o único recurso que permite a plena participação na economia capitalista e um melhor lugar no seu sistema político-econômico.³⁰

Ainda nesse sentido cita a legislação “*English-only*”³¹ que considera o inglês uma língua sob ameaça constante, visto que do ponto de vista legal o idioma inglês não é considerado oficial nos Estados Unidos da América. Dos cinquenta estados que compõem o país, trinta tem o inglês como língua oficial, no Havaí o inglês e o havaiano são oficiais. O inglês é, segundo Misachi (2018, tradução nossa): “[...] o único idioma para legislação, regulamentação e decisões judiciais. No entanto, a lei

Ebonics Debate: Perspectives and Possibilities: Personal Reflections, In: Journal of Pedagogy, Pluralism, and Practice: Vol. 1. p. 47.

[...] Ebonics also includes nonverbal sounds, cues, and gestures, which are systematically and predictably utilized in the process of communication by Afro-Americans. [...] The word Ebonics is formed by combining ebony (black) and phonics (speech sounds). Before December 1996, when the Oakland school board decided to embrace Ebonics as a language bridge to standard English, most people hadn't heard of the term. Outrage erupted across the nation, in white and African American communities. Due, in part, to the "media's negative spin" [...] the board's intent was completely misrepresented. Oakland's actual goals emphasized the teaching of standard English, but in ways that valued, utilized and supported students' use of their home or native language. [...]

³⁰ Rather than being understood as linguistic differences, such perceived inadequacies are instead naturalized and hierarchized in a manner which replicates the social hierarchy. Finally the standard language, which is presented as universally available, is commodified and presented as the only resource which permits full participation in the capitalist economy and an improvement of one's place in its political economic system.

³¹O movimento “English Only” é um movimento político que busca estabelecer o inglês como o único idioma oficial dos Estados Unidos ou de qualquer cidade ou estado em particular dentro dos EUA. A expressão “English Only” é usada pelos oponentes do movimento. Os defensores preferem outros termos, como “Official-English Movement.” O site da USENGLISH, Inc. afirma que “é o maior e mais antigo grupo de ação dos cidadãos do país dedicado a preservar o papel unificador da língua inglesa nos Estados Unidos. Fundado em 1983 pelo falecido Senador S.I. Hayakawa, ele mesmo um imigrante. O inglês dos EUA agora tem 1,8 milhões de membros em todo o país”. Extraído do artigo publicado por Richard Nordquist, disponível em: <https://www.thoughtco.com/english-only-movement-language-1690601>. Atualizado em: 21/03/2017.

The English-only movement is a political movement that seeks to establish English /as the sole official language of the United States or of any particular city or state within the U.S. The expression "English-only" is primarily used by opponents of the movement. Advocates prefer other terms, such as "Official-English Movement." The website of U.S.ENGLISH, Inc. states that it is "the nation's oldest, largest citizens' action group dedicated to preserving the unifying role of the English language in the United States. Founded in 1983 by the late Senator S.I. Hayakawa, an immigrant himself, U.S. English now has 1.8 million members nationwide."

exige que alguns documentos, como cédulas, sejam impressos em vários idiomas em áreas com grande número de pessoas que não falam inglês.”³²

Nesse âmbito, também Del Valle e Meirinho (2015) lembram a tentativa do Venezuelano Andrés Bello (1789/1865) de estabelecer uma gramática do castelhano voltada para os hispano-falantes da América Latina. Na obra, ele critica a falta de pureza e o excessivo afrancesamento da língua falada na península ibérica. Segundo Del Valle e Meirinho (2015), de maneira paradoxal, ao escolher alguns usos particulares e obstruir outros, Bello assume o papel do colonizador, no sentido de reafirmar os mitos do idioma único e da pureza do idioma padrão.

Ademais, Woolard (1998) lembra a questão envolvendo o uso do “*Thou*” (Tu) pelas comunidades *Quackers* norte-americanas no século XVII, que a princípio parecia um exemplo de distinção comunal, mas que, posteriormente, foi estigmatizado pelo restante da população, o que levou a troca pelo “*You*” (Você) por aquela comunidade.

Quanto aos nacionalismos (e os Estado-nações) resta lembrar a categórica afirmação de Blommaert e Rampton (2011, p. 5, tradução nossa) sobre o papel da Linguística devidamente avalizada pelas ideologias sobre línguas, ao referir um “[...] papel principal no desenvolvimento de estado-nações europeias, assim como na organização e expansão de impérios”³³. Nesse contexto, Kroskrity (2004) lembra também das reações “emancipatórias”, em termos linguísticos, das ex-colônias europeias, fossem as britânicas, francesas ou portuguesas e suas tentativas de eleição de línguas que espelhassem suas ideologias sobre identidades nacionais e que se afastassem ao máximo das línguas dos ex-colonizadores³⁴.

LeMaster e Monaghan (2004) são lembradas por seus estudos sobre variação nas Línguas de Sinais e sobre os mitos que cercam essas línguas, tais como aqueles que associam a língua de sinais à língua falada, ou uma suposta

³² [...] English is the sole language for legislation, regulation, and court rulings. However, the law requires that some documents such as ballots be printed in multiple languages in areas with large number of non-English speakers. (MISACHI, 2018, What is the Official Language of Unisted States). Disponível em :<https://www.worldatlas.com/articles/what-is-the-official-language-of-the-united-states.html>

³³ [...] a major role in the development of the European nation-state as well as in the expansion and organization of empires.

³⁴ A título de exemplo podemos lembrar o caso do idioma *wolof*, no Senegal após a emancipação da França, ou ainda a tentativa de padronização do Javanês na ex-colônia britânica de Java (Cf. Kroskrity, 2004).

universalidade das línguas sinalizadas, e as crenças sobre a adequação ou não da American Sign Language (Língua de Sinais Americana) ou ASL usada pelas comunidades surdas dos Estados Unidos e os embates ideológicos que derivaram dessas discussões. Ainda pode-se abordar questões envolvendo a escolha de pais surdos que optam por não fazer implante coclear em seus filhos surdos, ou, mais recentemente, porque fazem essa opção, como apontado no artigo de Lima e Nascimento (2015), contrariando as recomendações da própria comunidade surda sinalizante e o discurso que associa o implante à comunicação oral e, conseqüentemente, às abordagens educacionais que, por muito anos, priorizaram as línguas orais em detrimento das línguas sinalizadas. As autoras “[...] apontam para a emergência de um novo sujeito surdo, o implantado bilíngue, que demanda novas possibilidades educacionais.” (LIMA e NASCIMENTO, 2015, p. 142). É certo que qualquer decisão estará envolta em opções linguísticas, o que, por sua vez, são mediadas pelas IL circulantes.

Dada a incipiência da temática, quando abordada com o instrumental proposto pelos pesquisadores aqui elencados, acreditamos que os trabalhos voltados para as IL ainda não contemplam todas suas potencialidades envolvidas, que podem remeter a preocupações centrais nos estudos da linguagem e suas dimensões ideológicas. A interpretação dos exemplos supracitados requer uma aproximação que leve em conta a relação direta dos episódios com seu contexto, tanto social quanto geopolítico, ou além, reconhecer que os usos da linguagem supõem intervenções em seu próprio contexto, ou como as práticas linguísticas denotam negociações nas relações de poder como aconselhado por Del Valle e Meirinho (2015, p. 623).

A miríade de temas que circundam as IL, denota seu caráter transdisciplinar, assim, como o da própria Antropologia Linguística e da Linguística Aplicada. Não são poucos os trabalhos que lançam mão de associações epistemológicas e demonstram interesses convergentes em temas tratados pela vertente norte-americana dos estudiosos em IL, como aponta Kroskrity (2004) ao lembrar da similitude de interesses entre outras vertentes teóricas, tais como a Análise Crítica do Discurso como em Fairclough (1989,1992) ou Van Dijk (1998), Blommaert e Bulcaen (2000).

Válido aqui, seria mencionar Cruz (2017), quando lembra o fato do conceito de IL ser flexionado no plural, retomando seu caráter múltiplo. O mesmo pesquisador aponta ainda, para o fato das IL não se circunscreverem apenas aos estudos da linguagem ou a seus estudiosos, antes, orienta a prática de todos nós, quando fazemos uso da linguagem no nosso dia-a-dia, pois somos orientados por e reiteiramos IL.

Kroskrity (2004) também propõe que o conceito de IL possa contribuir com dispositivos que contemplem a diversidade apresentada pelas variações e contextos comunicativos. Como se infere das leituras dos textos que buscam circunscrever esse conceito, suas definições não são excludentes, antes são complementares, ainda que possam, por vezes, se sobrepor parcialmente. Essa afirmação, fruto da heterogeneidade dos estudos sobre IL e suas sobreposições conceituais, permitiu a Kroskrity (2004, p. 501, tradução nossa) elaborar níveis de organização dos conceitos sobre IL, o que ele vai chamar de “camadas de significação parcialmente sobrepostas, mas analiticamente distinguíveis”³⁵ nos estudos sobre IL, que vão servir tanto para delimitar o conceito de IL, quanto para seus estudos.

Para isso Kroskrity (2004, idem, tradução nossa) pontua as seguintes camadas de significação: (1) interesses de grupos ou individuais (*group or individual interests*); (2) multiplicidade de ideologias (*multiplicity of ideologies*); (3) consciência dos falantes (*awareness of speakers*); (4) funções mediadoras das ideologias (*mediating functions of ideologies*); e (5) papel das IL na construção da identidade (*role of language ideology in identity construction*).

Na camada relativa aos interesses de grupos ou individuais expressa-se uma vinculação a interesses políticos e econômicos. Sua forma mais comumente lembrada é a da padronização da língua, sempre evocada para desvalorizar o que não estiver dentro daquele ideal de padrão, que remetem aos programas nacionalistas de padronização da linguagem. A proposição nega o uso isento da

³⁵ [...] these partially overlapping but analytically distinguishable layers of significance [...] (KROSKRITY, 2004, p. 501).

língua, aponta para os mapeamentos linguísticos e cerceamento das manifestações linguísticas “não padrão”. O que pode por vezes, implicar em estigmatização.

No nível denominado multiplicidade de ideologias, as diferentes divisões sociais vão produzir uma gama imensa de ideologias que podem ou não contar com a adesão dos grupos sociais. A multiplicidade guarda em si a latência para as cisões, justaposições e embates entre as visões de subordinação linguística e suas divergências.

Por sua vez, a consciência dos falantes pode apresentar várias gradações, tendo em seus extremos tanto uma alta consciência crítico-discursivo sobre a ideologia linguística, quanto a defesa consciente da naturalização de ideologias hegemônicas. No nível das funções mediadoras das ideologias tem-se a ideologia linguística como mediadora entre aquele que a constrói e sua desconexão com outros sistemas sociais e linguísticos que ele não distingue. Finalmente, na camada sobre o papel das IL na construção da identidade, considera-se as IL construtoras e mantenedoras dos valores e identidades culturais hegemônicos, de novo, em detrimento dos que não dominam ou comandam o definido como padrão, seja por assimilação, naturalização ou conversão.

Importa citar que esses níveis não descartam a contribuição dada pelas outras definições que foram arroladas, ao contrário, organizam a análise ao distinguir aqueles constituintes como indefectíveis no plano da investigação dos processos comunicativos.

2.4.4 Ferramentas analíticas usadas nos estudos sobre IL

Sobre as ferramentas analíticas das quais se valem os pesquisadores em IL, destacamos a Indicialidade, a Ordem indexical, a Iconização, a Recursividade Fractal e o Apagamento, conforme explicitadas a seguir:

Quanto à Indicialidade, Duranti (1997, p. 207, tradução nossa), expõe: “Um **índice** é um signo que identifica um objeto não por analogia ou semelhança, mas por causa de uma relação de contiguidade com esse objeto.[...]”³⁶. Noutras palavras, o índice é aquele signo que aponta ou sinaliza algo, assim: fumaça (indicializa fogo), os sintomas (indicializam uma doença) os ponteiros do relógio

³⁶ An **index** is a sign that identifies an object not because of any similarity or analogy with it, but because of some relationship of contiguity with that object.[...] (DURANTI, A. 1997, p.207)

(indicializam as horas). Para ilustrar didaticamente tal relação, Duranti (1997) relembra a metáfora usada por Pierce³⁷ (1940, p.109, tradução nossa) entre a relação não linguística, porém indicial, entre a chuva e o barômetro³⁸ baixo, a direção do vento e o cata-vento ou ventoinha:

Um barômetro baixo com ar úmido é o índice de chuva; isto é, assumimos que as forças da natureza estabelecem uma conexão provável entre o barômetro e a umidade do ar com a aproximação da chuva. O cata-vento é um índice da direção do vento por dois motivos: porque assume a mesma direção que o vento e porque quando vemos o cata-vento apontando em uma determinada direção, nossa atenção é atraída para aquela direção.³⁹

Em outras palavras, os índices são signos que se conectam tanto em termos de espaço ou temporalidades aos elementos a que se referem (Duranti, 1997). Neste sentido, entendemos que o conceito de índice é fundamental para análise e compreensão da comunicação, no sentido antropológico e linguístico, pois confirma a importância do contexto na comunicação, que é o lugar para o qual o índice nos leva. Isso ocorre seja porque a língua que usamos é historicamente carregada de conexões que levam a outros usos e sentidos, seja pelo fato do índice se caracterizar pelo poder de evocar realidades que vão além das suas literalidades escritas ou faladas.

Os índices tanto podem compor perguntas inofensivas, quanto declarações políticas. Os elementos do repertório dos diversos dialetos se conectam com as identidades e relações sociais que estão em jogo na interação, e compõem os indiciais. Hanks (2000), refere-se à Indicialidade, como a característica que atribui valor a uma declaração, ou a algum elemento concreto do enunciado, não apenas no sentido literal ao objetivo que se refere, antes pela sua capacidade subjacente de apontar elementos contextuais, de construir relações entre os interactantes e indicar identidades sociais destes.

³⁷ A edificação da semiótica enquanto ciência é atribuída a Charles Sanders Pierce (1839-1914). As noções de índice e ícone, são alguns dos objetos aos quais Pierce dedicou seus estudos. Sua teoria é bastante complexa e densa, irreplicável em poucas linhas. Para um contato inicial com a teoria Peirciniana vide "O que é semiótica" de Lúcia Santaella (SANTAELLA, 2003).

³⁸ barômetro. Rubrica: física, meteorologia. Instrumento que indica a pressão atmosférica, a altitude e prováveis mudanças do tempo (HOUAISS, 2009).

³⁹ A low barometer with a moist air is an index of rain; that is we suppose that the forces of nature establish a probable connection between the low barometer with moist air and coming rain. The weathercock is an index of the direction of the wind for two reasons: because it assumes the same direction as the wind and because when we see the weathercock pointing in a certain direction, our attention is drawn to that direction. (PEIRCE. C.S. Logic as semiotic: the theory of signs. New York: 1940, Dover Publications.

Esse “apontar” para alguma coisa, implica inferir a existência e relevância de outras ocorrências em relação ao evento comunicativo. Como propõe Del Valle e Meirinho (2015), a simples escolha de um pronome de tratamento como “senhor” ou “você” numa interação, pode revelar tanto o emprego de entidades abstratas (pessoas do pronome) quanto relações de hierarquia e negociação de poder, ao se desvelar para o analista o contexto em que desenrola a interação.

Por sua vez, Gumperz (1988) vê os indiciais dentro do que ele chama de convenções de contextualização e suas pistas. No jogo da fala-em-interação, a Indicialidade diz respeito às pistas que usamos para entender e sermos entendidos, que podem ser de natureza linguística (alternância de códigos, de dialeto ou estilo), de natureza paralinguísticas (valor das pausas, tempo da fala, hesitações) e ainda prosódicas (entonação, acentos, tons). As pistas também podem ser não vocalizadas, como o direcionamento do olhar, o distanciamento entre os interlocutores, suas posturas, gestos e etc. Ainda para o autor, uma “constelação de traços” (p. 212), contribui para que, na interação, os interactantes sinalizem e interpretem o que está ocorrendo, colaborando para a comunicação. Esses traços são chamados de “pistas de contextualização”. Tais pistas giram em torno das expectativas dos interagentes, seu conhecimento prévio, e são, frequentemente, irrefletidas, quase mecânicas e inconscientes. Só podem, ao contrário das palavras, ser entendidas pelo e em seu contexto. Dentro das pistas de contextualização, estão os indiciais que descrevem um circuito que se fecha ao revelarem o contexto do qual compõem o sentido (GUMPERZ, 1998).

No que se refere à Ordem indexical, Silverstein (2003, p. 193, tradução nossa) aprofundou o estudo sobre os índices, estruturando o conceito de ordem indexical, valendo-se de uma metáfora escalar. Em suas palavras, “[...] ordem indexical é o conceito necessário para nos mostrar como relacionar o microsocial às estruturas macrossociais de análise de todo fenômeno sociolinguístico.”⁴⁰

Os Indexicais se mostram quando os signos apontam para outros processos comunicativos, signos, e sentidos sociais, compondo a informação Indicializada. Em linhas gerais o movimento escalar é descrito como um fluxo entre os índices

⁴⁰ [...] indexical order’ is the concept necessary to showing us how to relate the micro-social to the macro-social frames of analysis of any sociolinguistic phenomenon (SILVERSTEIN, 2003, p.193).

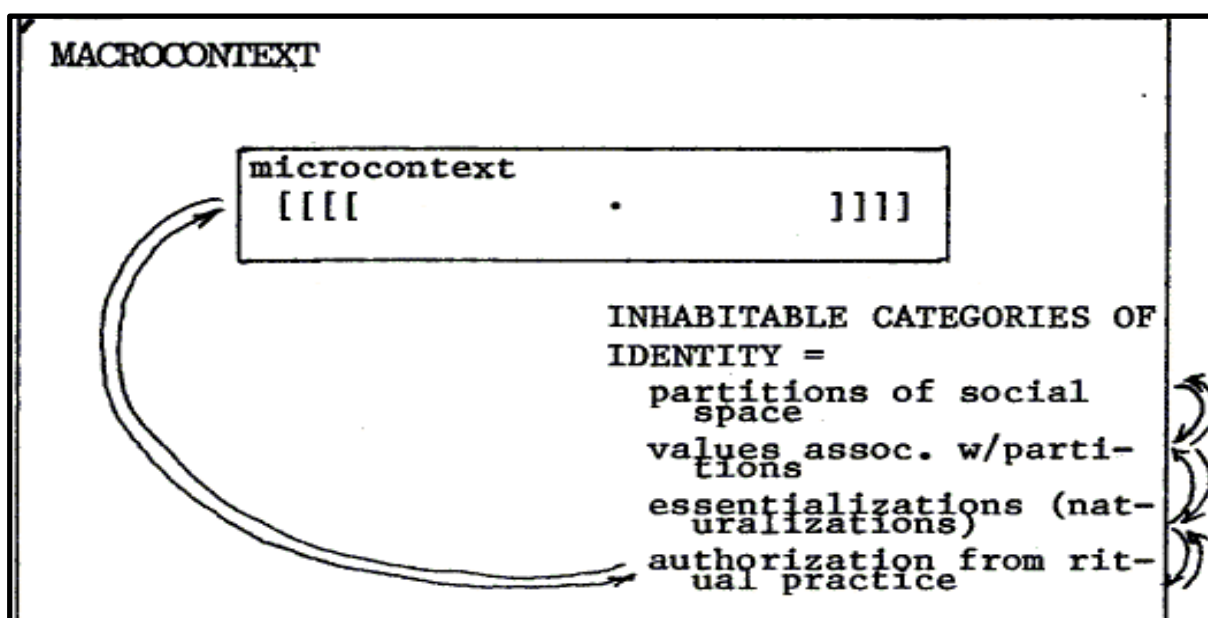
aparentemente inocentes que alimentam e são alimentados pelas ideologias, e estas articulam o que deve ou não ser valorizado culturalmente em determinado grupo social. Em outras palavras, não se busca o sentido dos signos linguísticos de *per si*, antes como eles se realizam em significações, pois não representam o sentido, mas apontam para sentidos (indicializam). De um plano micro, acessamos um plano macro, seja no plano histórico ou social. Silverstein vai relacionar linguagem à cultura, no sentido de expressão social que carrega o ordenamento, em níveis ou ordens no plano simbólico, das relações dos indivíduos entre si e entre a natureza. Os valores indexicais, no modelo de Silverstein (2003) não se apresentam em categorias da linguagem comumente evocadas, ao contrário, como aponta Pontes (2009, p. 30): “outras formas comunicativas tais como expressões linguísticas ideologizadas, signos gráficos, gestos etc. também se constituem veículos para práticas culturais.”

Aquilo que regula em termos de valoração, negativa ou positivamente, ou seja, o que deve ou não ser prestigiado ou desprestigiado, extirpado ou inserido, configura o conceito de ordem indexical. O macro-conceito é alimentado e alimenta as Ideologias, dentre elas as IL, que em geral, vão se apresentar quando analisam-se as interações ou produções dos discursos. A organização, ou ordenação, nunca é inocente e, portanto, é motivada ideologicamente, regulando os usos sociais da linguagem. A ordem de indexicalidade vai se relacionar às classificações/categorizações sociais. Negociada socialmente, porque naturalizada, a ordem indexical vai trazer para as práticas interacionais cotidianas, a determinação do que é desacreditado, estigmatizado, ou desacreditável quando acontece na inapropriação do uso linguístico. Na agregação dos constituintes da diferença (por vezes da identidade) do eu em oposição ao outro (ego x alter), ou da gradação do prestígio na escala interna da própria comunidade.

Todos esses fatores são inter-relacionados às IL, que vão se apresentar, sub-repticiamente, ou subliminarmente nas ações ou falas dos participantes de qualquer interação. A Ordem de indexicalidade remete a estruturas maiores dos fenômenos linguísticos, via análise dos seus indiciais. Isso implica pensar os usos da linguagem como sempre ideológicos e nunca neutros. Implica, também, pensar “língua” como “um projeto discursivo” (WOOLARD, 1998), ou seja, uma construção ideológica, que não existe no mundo por si mesma.

Essa afirmação, é representada esquematicamente, por Silverstein (SILVERSTEIN, 2003, p. 201, tradução nossa) e convida a algumas explanações sobre suas proposições, que reproduzimos na figura 05 a seguir, e posteriormente, comentamos:

Figura 06 — Relações Micro/Macro-contextuais esquematizadas



Fonte: Silverstein (2003, p.201)

A ilustração esquematiza a relação micro/macro contextual. Nossa interpretação da ilustração permite-nos extrair as seguintes ilações: note-se que o micro-contexto está contido dentro do retângulo maior que representa o macro-contexto. O retângulo menor que delimita o micro-contexto, possui no centro um ponto, que demarca seu ponto de equilíbrio e contém colchetes que descrevem um movimento tanto à direita quanto à esquerda. O movimento dos colchetes representa uma relação dialética, entre o micro-contexto e o termo com o qual está ligado; é dialética porque a seta tanto se comunica quanto é comunicada pelo nível (“*authorization from ritual practice*” – autorização da prática ritual). Ou seja: o micro-contexto é guarnecido e guarnece as autorizações para as práticas rituais, que por sua vez é o último componente da noção expressa no termo categorias habitáveis das identidades (*inhabitable categories of identities*). Em nossa compreensão, a representação, por ser precedida do sinal = (igual), significa que o mesmo é constituído pelos termos descendentes. Entretanto, tais termos descrevem outra relação de troca entre si (como se vê pelas setas no canto direito que tanto sobem

quanto descem) que evoluem do ponto “*partitions of social space*” (divisões do espaço social), acrescido dos “*values associated with partitions*” (valores associados àquelas divisões) até chegar ao termo “*essentializations/naturalizations*” (essencialização/naturalização), cujo final configura a autorização para as práticas rituais (*authorization for ritual practice*). As práticas rituais, referem-se, às posições em termos ideológicos-linguísticos, autorizadas em seu meio social.

Observa-se, também, que os mesmos componentes das categorias habitáveis das identidades (*inhabitable categories of identities*) são alimentados e alimentam os outros componentes. O quadro sintetiza, em Silverstein (1985), o fato linguístico. Silverstein (1985, p.220, tradução nossa) arremata que o fato linguístico, ao conter os índices e suas respectivas ordens: “[...] é uma interação mútua e instável de formas simbólicas significativas, contextualizada a situações de uso humano interessado e mediado pelo fato da ideologia cultural.”⁴¹

O construto teórico proposto por Silverstein (2003) é extremamente sofisticado, incluindo vários graus para os índices e ordens de indexicalidade, no entanto, para efeito de uso nesta pesquisa, usaremos, principalmente, o termo ordem indexical no sentido de um índice, tido como primário ou isento, ou no sentido micro contextual, visando apontar para uma construção macro, conforme sua ordem indexical. Tomemos por exemplo, o linguajar antissemita, como na frase: “Judeus, não são bem-vindos” que indicializaria tanto o arianismo (no sentido de pureza da raça alemã) quanto o antissemitismo dos Hitleristas, sendo estes ordens indexicais do grande construto ideológico Nazista, que por sua vez, também é uma ordem indexical. As expressões ideologizadas sejam racistas, misóginas, dentre outras, vão indicializar ordens de indexicalidade correspondentes. Interessa ressaltar que a ordem indexical não se expressa apenas na expressão falada, sendo este aspecto apenas mais um dos componentes do contexto.

À guisa de uma introdução, apresentamos a seguir um quadro com aspectos resumidos das ferramentas analíticas anunciadas neste estudo, adicionando algumas que ainda não foram analisadas: Iconização, Recursividade

⁴¹“It is an unstable mutual interaction of meaningful sign forms, contextualized to situations of interested human use and mediated by the fact of cultural ideology.”

Fractal e Apagamento. A seguir discorreremos sobre estas ferramentas, excluídas a aceção de Índice e Ordem Indexical, visto que as mesmas foram analisadas até aqui.

Quadro 03 - Resumo Instrumental de Análise

RESUMO IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS INSTRUMENTAL DE ANÁLISE		
AUTOR (ES/AS)	INSTRUMENTO ANALÍTICO	DESCRIÇÃO
ALESSANDRO DURANTI (1997) WILLIAN F. HANKS (2000)	ÍNDICE, INDICIALIZAÇÃO	O conceito expressa uma relação de contiguidade entre o expresso e o que ele aponta, o que relaciona, ou esconde como uma pista em uma cena de crime. Só será acessível se o relacioná-lo e contextualizá-lo à um todo. Exs.: nuvens carregadas = CHUVA projétil descartado= USO DE ARMA sintomas= DOENÇA
MICHAEL SILVERSTEIN (2003)	ORDEM DE INDEXICALIDADE	O conceito busca relacionar o contexto micro ao contexto macro. As escolhas linguísticas apontam, ou indicializam estruturas maiores, as quais pertencem. Ex.:Linguajar homofóbico ORDEM INDEXICAL: HOMOFOBIA Linguajar racista ORDEM INDEXICAL: RACISMO Linguajar Misógino ORDEM INDEXICAL: MACHISMO
JUDITH IRVINE; SUSAN GAL (2000)	ICONIZAÇÃO	Característica que serve para “marcar” determinado grupo ou indivíduo, aproxima-se do estereótipo, uma característica contingente passa a ser definidora, uma associação convencionalizada, exs.: Francês não toma banho..., Japonês é tudo igual..., Judeu é Sovina e rico...
	RECURSIVIDADE FRACTAL	Um upgrade da iconização, o que era para ser icônico, é levado a sério e passa a diferenciar e criar “outros” seja intra ou extra-grupalmente, seja no nível identitário ou linguístico. Levam às cismogêneses, ou divisões.
	APAGAMENTO	Determina o que é iconizado ou recursivo no grupo, mantém seleciona, prestigia ou erradica outridades, alteridades, impondo via apagamento, o padrão hegemônico.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Sobre a Iconização, Recursividade Fractal e Apagamento, estas são ferramentas analíticas que foram desenvolvidas pelas pesquisadoras Judith Irvine e Susan Gal, como mencionado por Woolard (1998), a partir de uma inspiração

semiótica⁴² nos esquemas conceituais de Peirce e exploram o papel mediador das IL na estruturação e/ou reestruturação das línguas, e de como são tratadas as diferenças linguísticas. Para Andronis (2004), tais ferramentas também se prestam ao mapeamento das IL e mais, suas consequências no mundo social.

A Iconização pode ser, por aproximação, comparada à estereotipação, mas não se resume a essa. Para Irvine e Gal (2000, p. 37-38, tradução nossa):

Iconização envolve a transformação das relações entre signos e características linguísticas (ou variações) e as imagens sociais a que essas estão ligadas. Características linguísticas que indexam grupos ou atividades sociais são vistas como representações icônicas destes, [...]⁴³

De outro modo, Irvine e Gal (2000) querem dizer que o que deveria ser uma característica menor ou situada, ganha status de inerência ou essência de um grupo social. Como dizer: O judeu é sovina. Todos os judeus são sovinas. Uma característica historicamente situada: o fato de os judeus lidarem com dinheiro (particularmente na Idade Média, quando a usura era condenada pela Igreja Católica), iconiza o restante da população judaica, que não necessariamente lida com dinheiro ou é sovina. O que deveria ser contingente, ou historicamente localizado, transforma-se em uma associação convencionalizada, em que o signo se torna um ícone que remete diretamente a uma construção social (IRVINE; GAL, 2000).

No que tange à Recursividade Fractal, a noção vai ser associada a oposições, sejam intragrupos ou externas. Para Andronis (2004, p. 264, tradução nossa): “[...] as diferenças que são para serem icônicas, são usadas na criação de um ‘outro’[...]”⁴⁴. Esses “outros” são identidades criadas em determinado grupo e que podem ser subdivididos em outros mais. Para Irvine e Gal (2000) essas criações identitárias podem se opor a outros grupos (supercategorias) ou internamente (subcategorias), criando oposições dentro de oposições por processo de

⁴² “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, examina os modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como o de produção de significação e de sentido.” (SANTAELLA, 2003, p. 13).

⁴³ Iconization involves a transformation of the sign relationship between linguistic features (or varieties) and the social images with which they are linked. Linguistic features that index social groups or activities appear to be iconic representations of them, [...] (IRVINE; GAL, 2000, p.37)

⁴⁴ [...] that the differences which are made to be iconic are used in the creation of an “other.” (ANDRONIS, 2004, p. 64).

dicotomização, seja em relação a outros grupos ou entre variedades linguísticas. Numa lógica que evolui para repetir o que os próprios grupos condenavam a princípio. Ainda em Andronis (2004, tradução nossa) as divisões são expressas numa cismogênese, em que:

Operando em vários níveis, a Recursividade Fractal pode criar uma identidade para um determinado grupo e dividi-la ainda mais. Dentro de cada grupo ou subgrupo, então, há uma cismogênese (ou criação das diferenças), por meio do qual os falantes podem ser divididos de acordo com esses mesmos princípios. (ANDRONIS, 2004. p. 264)⁴⁵

O processo de cismogênese pode ser entendido a partir de sua etimologia (HOUAISS, 2009) sendo a fusão de dois termos: cismo, do latim eclesiástico *cisō*, separação e gênese: do grego. *camada*, *eōs* 'força produtora, princípio, fonte de vida. A noção de Recursividade Fractal, se assemelha ao postulado por Kroskrity (2004) quando elabora sua segunda "camada de significação", qual seja, a referente às múltiplas ideologias em embates intra-grupais. Este fenômeno pode ser observado em qualquer grupo, como no caso dos surdos. Nesse caso, as cismogêneses se expressam internamente, por exemplo, nas categorias de identidades propostas por Perlin (1998) quando descreve as identidades surdas de transição, flutuante, híbrida (como expostas nos parágrafos finais da seção 2.4.1 - Cultura e identidades surdas- neste trabalho). Externamente, a cismogênese se expressa dicotomicamente na distinção ouvinte x surdo e suas subdivisões. Em suma: a cismogênese refere-se à criação de diferenças.

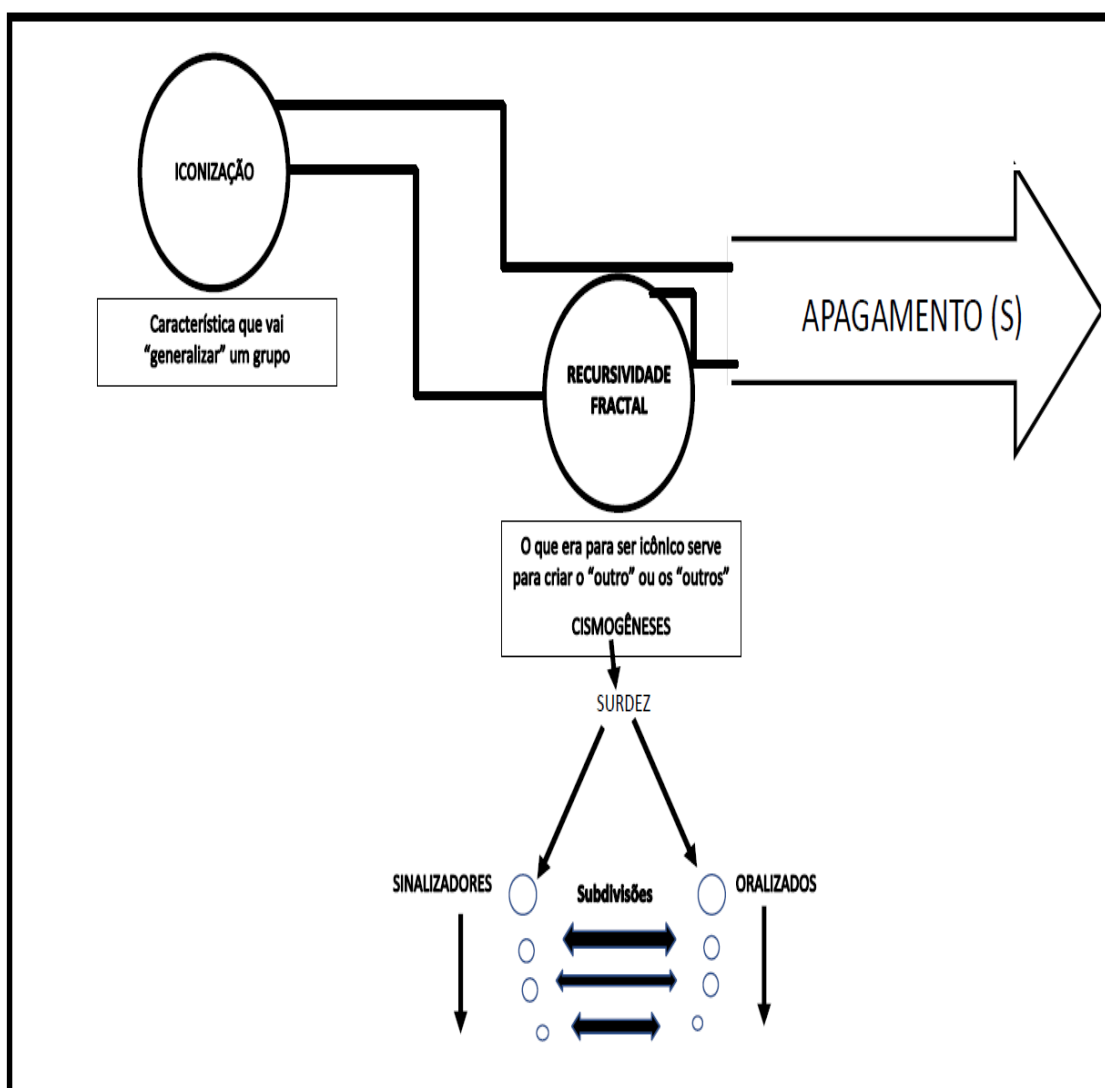
Finalmente, o Apagamento é um processo entrelaçado com os anteriores (Iconização e recursividade), que vai determinar o que vai tornar-se recursivo ou iconizado dentro de determinado grupo (ANDRONIS, 2004). Mais ainda, é o processo pelo qual são criadas e mantidas as diferenciações e distinções, definindo o que deve, via seleção, ser prestigiado⁴⁶ ou erradicado do modelo eleito como "padrão" de linguagem. Para Kroskrity (2004, p. 508, tradução nossa) o Apagamento: "[...] é uma desatenção seletiva para com formas frequentemente

⁴⁵ Operating on various levels, fractal recursivity can both create an identity for a given group and further divide it. Within each group or subgroup, then, there is a schismogenesis (or creation of differences), whereby speakers can be divided further according to those same principles. (ANDRONIS, 2004. p. 264)

⁴⁶ Essas afirmações são esteadas nas concepções de Goffman (2008) acerca do Estigma, prestígio e desprestígio como apresentados no subitem 2.2.3.2- Surdez e Estigma Social-, constante deste trabalho.

indisciplinadas de variação que não se encaixam nos modelos dos falantes e/ou linguistas⁴⁷. Em suma, quais “outros” serão criados a partir do olhar relacional da categorização de identidades hegemônicas já estabelecidas. E, o “outro” que será iconizado, quando não comungar com aquelas perspectivas já estabelecidas, são materializados no Apagamento. Para Andronis (2004) o Apagamento cria e mantém as distinções elaboradas em processos anteriores, mas também, ideologicamente, as ignora, dispersando-as e diminuindo o que é considerado anômalo. A figura 06 a seguir tenta representar o esquema conceitual proposta por Irvine e Gal (2000):

Figra 07 — Representação Irvine e Gal (2000)



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

⁴⁷ Is a selective disattention to often unruly forms of variation that do not fit the models of speakers and/or linguistics. (KROSKRITY 2004, p. 508)

Note-se que adaptamos a representação ao objeto desta pesquisa. Dessa maneira, as cismogêneses ocorrem sobre o fenômeno da surdez, basicamente estruturando uma oposição binária nuclear, qual seja: surdos sinalizantes x surdos oralizados, e essa divisão também vai comportar subdivisões. Estas aproximações serão empregadas nas análises dos conteúdos dos blogues, posteriormente.

No intuito de contextualizar o emprego das ferramentas analíticas, dentre algumas, a nossa realidade, apresentamos, na seção a seguir, alguns trabalhos sobre a temática das IL desenvolvidos no Brasil recentemente.

2.4.5 Estudos sobre Ideologias Linguísticas no Brasil

Nessa seção serão apresentadas algumas produções acadêmicas que tratam das IL no Brasil, na perspectiva empregada neste trabalho. No ano de 2015, o pesquisador Michel Soares do Carmo, apresentou, no “*International Congress of Critical Applied Linguistics*”(ICCAL) ocorrido em Brasília-DF, o trabalho intitulado: “Mapeamento dos estudos sobre ideologia linguística no Brasil”, no qual fez um levantamento das pesquisas em IL, pautadas, principalmente, nos estudos de Kroskrity (2004), Woolard e Schieffelin (1994). Seu trabalho circunscreveu-se à pesquisa bibliográfica nos portais da Capes e Scielo, e seus resultados apontaram para uma baixa produção até aquele período, encontrando apenas 2 estudos, dentre 68 trabalhos pesquisados, que se valeram dos conceitos e ferramentas de análise das IL como apresentados na subseção anterior. São eles: “Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia linguística para tempos híbridos (MOITA LOPES, 2008) e “Políticas linguísticas em uma escola pública de ensino médio e tecnológico: a oferta de línguas estrangeiras” (CÁCERES, 2014).

No levantamento realizado por Carmo (2015), o autor pondera que apesar da amplitude que se possa dar ao uso do conceito de IL e seus instrumentos analíticos, até aquele momento predominava uma associação entre IL e Políticas Linguísticas, o que deixava de lado várias reflexões possíveis, notadamente aquelas que visassem desnaturalizar algumas concepções sobre a linguagem (CARMO, 2015).

Pautados no levantamento do autor, no decorrer desta pesquisa, também travamos contato com vários trabalhos que se utilizam tanto dos conceitos como do

instrumental da área de IL como descritos na seção anterior. Ainda que esse breve levantamento não tenha sido sistematizado, por não se ater aos dois portais de divulgação científica como em Carmo (2015), podemos inferir que há um movimento incipiente de aumento da produção de estudos que usam o instrumental e o conceito de IL no Brasil. A seguir, apresentamos quatro trabalhos dos vários a que tivemos acesso:

O estudo intitulado “Construções de latinidade e Ideologias Linguísticas na Internet”, da autoria de Leonardo Dias Cruz (CRUZ, 2017), se debruça sobre as interações online na página da rede social Instagram, pertencente à atriz Gina Rodriguez, norte-americana, filha de porto-riquenhos e protagonista da série televisiva “*Jane the virgin*”. Buscando responder às perguntas sobre como as pessoas constroem sociabilidades “latinas” e quais IL vão atravessar suas posições, o autor refaz a história evolutiva do conceito de latinidade para depois, ao analisar as interações, esmiuçar os processos semióticos “envolvidos nessas práticas e às IL que orientam discursos.” (CRUZ, 2017, p.43). O autor se vale, na sua análise, das noções de Entextualização⁴⁸ defendida por Bauman e Briggs (1990), além de indexicalidade, de Silverstein (2009) e ordem de indexicalidade, de Blommaert (2005), para analisar questões sobre nacionalismo linguístico, multilinguismo, naturalização e identidades. Cruz (2017) conclui que por usar uma variante ou variedade do espanhol, tida como não tradicional, os comentários depreciativos dirigidos à atriz, indexicalizam um culto a um Espanhol “padrão” versus Espanhóis “errados” que devem sofrer Apagamento. O autor entende que estudos que atestem a instabilidade dos posicionamentos sobre latinidade e concepções linguísticas, contribuem para a desnaturalização das normas, e proporcionam um

⁴⁸ Não pretendendo um aprofundamento sobre o termo criado por Bauman e Briggs (1990), transcrevemos e compilamos aqui, a explicação do termo “Entextualização” como proposta por Silva (2014, p.68) onde sintetiza o que é central no conceito: “[...] “Entextualização” foi o termo inventado por eles para capturar o processo contínuo e fundamental de tornar “um discurso extraível, de fazer de um trecho [*stretch*] de produção linguística uma unidade – um *texto* – que pode ser levada [*lifted out*] para fora de seu evento interacional” (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p. 73). A entextualização é, assim, a própria viagem de um trecho ou excerto para além de seu contexto “original”. Ela captura os sentidos da relativa autonomia das unidades linguísticas de se tornarem textos, no trânsito de um contexto a outro. Visto sob essa perspectiva, defendem Bauman e Briggs (1990, p. 73), “um texto é [...] discurso tornado descontextualizável.” Na medida em que a entextualização é uma história natural do discurso [...], ela “pode incorporar aspectos do contexto, de modo que o texto resultante carrega elementos de sua história de uso consigo” (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p. 73).

reconhecimento das várias sociabilidades que estão em jogo e que podem ter suas vozes legitimadas.

O segundo estudo, denominado “Ideologias Linguísticas em contexto de migração qualificada no Brasil: o caso do programa mais médicos⁴⁹”, de autoria de Daniella do Amaral (AMARAL, 2016), é uma dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Goiás (UFG). A pesquisadora discute IL a partir dos estudos de Kroskrity e Blommaert (2014), entrecruzando a relação das IL com a identidade e categorias de diferença propostas por Picitelli (2008), Signorini (2008) e Blommaert (2010). Os discursos analisados no *corpus* da pesquisa são textos multimodais públicos, desde aqueles publicados em redes sociais, até os circulantes na grande mídia, relativos ao Programa Mais Médicos. A autora analisa as reproduções e produções de alteridade, a partir do mapeamento das IL e dos marcadores de diferença no contexto de migração qualificada do Programa Mais Médicos. As tentativas de Iconização dos médicos cubanos e seus erros ortográficos: “a cubanagem” (AMARAL, 2016, p. 76), o preconceito racial explícito em um texto de rede social sobre a semelhança das médicas cubanas com empregadas domésticas no Brasil (AMARAL, 2016, p. 49) e outros episódios, são estudados nas inferências que a autora faz, desvelando o processo de desqualificação do programa pelos autores contrários a sua implantação, processo permeado e amparado por escolhas linguístico-ideológicas.

Por sua vez, o artigo “Ideologias Linguísticas e a instituição de hierarquias raciais”, de autoria de Joana Plaza Pinto (PINTO, 2018), discute o papel das IL na instituição das hierarquias raciais na Modernidade, em especial, no Brasil. Infere como as formas de falar racializam os sujeitos, mantém as hierarquias e rarefazem, porque naturalizam e justificam racionalmente as mesmas hierarquias. Identificando-se com as perspectivas de Irvine, Irvine e Gal, Kroskrity, Woolard e Schieffelin, a pesquisadora traça um paralelo entre a natureza racializada das IL e sua projeção nas nossas interações. Ela se impõe a pergunta: “Como figurações sobre fala, pensamento, linguagem, línguas, funcionam como projeções e regulações para corpos falantes no mundo contemporâneo, no lastro da sua história

⁴⁹ O Programa Mais médicos foi um programa lançado em 8 de julho de 2013 pelo Governo Dilma, cujo objetivo é suprir a carência de médicos nos municípios do interior e nas periferias das grandes cidades do Brasil (<http://www.maismedicos.gov.br/conheca-programa>).

moderna/colonial?” (PINTO, 2018, p. 709). Guiada por essa questão, a autora disserta sobre três conexões que constituem e mantêm o arcabouço das hierarquias raciais, esteadas pelas IL, quais sejam: uma ideologia da homogeneidade variável, a ideologia da clareza e a ideologia da competência, todas devidamente “nubladas” ou rarefeitas (na acepção da autora), por conexões com instrumentos de dominação linguística. A pesquisadora aponta para a relação de troca ou deslocamento que houve entre a condenação do racismo explícito, sua proibição, e na sequência, a troca pela discriminação linguística como marcadora de diferença e contribuinte para a continuidade das racializações, tanto de hierarquias quanto dos sujeitos.

Finalmente, temos o estudo denominado “Ideologias Linguísticas e regimes de testes de língua para migrante no Brasil”, de autoria de Luiza Krüger Dias (DIAS, 2017). A pesquisadora analisa, entre outros, o teste de proficiência em Português Celpe-Bras, exame exigido em várias situações para estrangeiros que pretendam se naturalizar, trabalhar e/ou residir no Brasil e, por vezes, exigidos dos estudantes surdos como pré-requisito para pós-graduação nas universidades públicas brasileiras. A pesquisadora afirma que, na contramão das tendências em regime de testes de língua, no Brasil se observa uma contradição entre os aspectos linguísticos e a realidade dos testes enquanto barreira para a legalização da situação do estrangeiro no país. Afirma que os recursos indexicalizados na sua análise permitem antever uma “comoditização”⁵⁰ do ensino de Português para estrangeiros, uma construção ideológica que afirma uma diferenciação corporal, que naturaliza uma correspondência entre língua oficial e nação, que hierarquiza identidades estrangeiras em um binarismo do tipo migrantes desejáveis e indesejáveis.

A seguir, apresentamos um quadro resumo com as principais características dos trabalhos aqui descritos (Quadro 04).

⁵⁰ O termo, tomado da economia, refere-se à vulgarização das mercadorias, quando uma mercadoria perde sua originalidade e passa a ser copiado por todos. Para saber mais consulte: <http://gestao3pontozero.com.br/comoditizacao-o-que-e-e-como-evitar/>

Quadro 04 — Resumo dos trabalhos em IL no Brasil apresentados na pesquisa

Título do Trabalho	Tema discutido	Autores mobilizados	Pontos chaves das análises
Mapeamento dos estudos sobre ideologia linguística no Brasil	pesquisa bibliográfica nos portais da Capes e Scielo sobre a produção no Brasil, de pesquisas em IL, principalmente a partir dos autores norte-americanos	Kroskirty (2004), Woolard e Schieffelin (1994)	Constatação da pouca produção referente às IL a partir do referencial apresentado nesta pesquisa.
Construções de latinidade e Ideologias Linguísticas na Internet	Conceito de Latinidade, IL, entextualização, ordem indexical, conceitos de comunicabilidade e mediatização	Bauman e Briggs (1990), além de ordem de indexicalidade, de Silverstein (2009) e ordem de indexicalidade, de Blommaert (2005) Irvine e Gal (2000)	Refaz a história evolutiva do conceito de latinidade para depois, ao analisar as interações, esmiuçar os processos semióticos envolvidos nas interações e as IL que orientam discursos, nas interações presentes no blogue da atriz norte-americana de origem porto-riquenha Gina Rodriguez.
Ideologias Linguísticas em contexto de migração qualificada no Brasil: o caso do programa mais médicos	Textos multimodais públicos, publicados em redes sociais, até os circulantes na grande mídia, relativos ao Programa Mais Médicos.	Kroskirty e Blommaert (2014), entrecruzando a relação das IL com a identidade e categorias de diferença propostas por Picitelli (2008), Signorini (2008) e Blommaert (2010)	A autora analisa as ideologias linguísticas que balizavam as tentativas de desqualificar os participantes do programa “mais médicos” de origem cubana.
Ideologias Linguísticas e a instituição de hierarquias raciais	Hierarquias raciais na Modernidade	Irvine, Irvine e Gal, Kroskirty, Woolard e Schieffelin	A pesquisadora aponta para a relação de troca ou deslocamento que houve entre a condenação do racismo explícito, sua proibição, e na sequência, a troca pela discriminação linguística como marcadora de diferença e contribuinte para a continuidade das racializações, tanto de hierarquias quanto dos sujeitos

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

A exposição desses trabalhos mais recentes sobre as IL, que abordam desde interações na internet até questões raciais e políticas para estrangeiros, é por nós considerada importante, pois busca demonstrar algumas possibilidades do imenso leque de questões que podem ser tratadas pelo viés epistemológico das IL. Nesse entendimento, importa lembrar que, enquanto instrumental teórico e abordagem epistemológica, as IL podem se apresentar como mais um contributo para as análises dos fenômenos sociolinguísticos.

3 METODOLOGIA

3.1 Abordagem método-epistemológica, técnicas e instrumentos de pesquisa

Do ponto de vista epistemológico, a presente pesquisa vai ao encontro das proposições emuladas pelas correntes ditas “críticas” ou “transgressivas” em Linguística Aplicada, como nas proposições e abordagens teóricas de Moita Lopes (2006), Street (2014), Fabrício (2006), Pennycook (2006) Rajagopalan (2006) dentre outros. Tais proposições se expressam, nas abordagens ditas Indisciplinares (Grifo Nosso) em Linguística Aplicada (doravante LA) como em Moita Lopes (2006). Os pesquisadores nessas abordagens, expressam uma consciência da instabilidade (seja essa social, identitária ou política), como uma das constantes dos atuais cenários sociais. Nesse sentido, tais autores não concebem a pesquisa e a prática em LA, sem a inclusão das práticas sociais, das práticas discursivas e de seus atores no processo tanto de pesquisa quanto do fazer educativo. Assim, propõe uma LA que questione tudo que pode ser visto com engessado, pronto e acabado. Tal prática implica num enorme desafio, pois não pretende substituir uma certeza por outra (BORELLI, 2011). A ética, a igualdade e, sobretudo, a voz dos que não tem voz, devem ser ouvidas na “desconstrução” do já estabelecido e que legitima a opressão. Uma prática engajada, que pretende romper também com os cânones acadêmicos. Nessa perspectiva, a pesquisa não pode ser compartimentada. A inter e a transdisciplinaridade são estimuladas e entendidas como mais pertinentes a um saber que não se pretende eterno. Uma perspectiva crítica em LA é naturalmente problematizadora e reflexiva, tanto na prática quanto na teoria. Não há que se entender como “naturais” todos os complexos problemas do fazer educativo. Isso leva a buscar na formação dos professores a continuidade e aprofundamento de uma prática reflexiva, tal como exposta por Borelli (2011) ao lembrar a trajetória das mudanças na área de formação de professores. O enfoque reflexivo, além do componente da criticidade, encampa ainda a colaboração entre os diversos atores do processo educativo e o papel do professor como pesquisador, como arremata Moita Lopes (2015, p.334):

A Linguística Aplicada INdisciplinar não se prende a / não se confina a limites disciplinares nem tampouco teóricos, metodológicos ou analíticos. Além disso, constrói como questão de investigação tópicos normalmente desprezados e considerados ilegítimos. Especialmente, interessam questões que focalizem a vida social por meio do estudo da linguagem e práticas de significação que sejam fonte de sofrimento humano. Isso não quer dizer que é o mundo do vale tudo. Ao contrário, é um campo muito bem teorizado e fundamentado metodológica e analiticamente.

Nessa perspectiva, essa pesquisa tenta contribuir para a reflexividade do fazer educativo, trazendo primeiro uma problematização sobre as IL que circundam aspectos das identidades surdas, num enfoque ainda pouco explorado em pesquisas no Brasil: a abordagem norte-americana das IL (Cf. item 2.4.3, este trabalho). E, em segundo lugar, a presente pesquisa propõe, ao expor aspectos das relações permeadas pela IL entre surdos sinalizadores e implantados, a ampliação e enriquecimento das perspectivas que exploram o intrincado e rico universo das pessoas surdas (nas suas diversas “configurações”). Sendo assim, se vale da transdisciplinariedade para emular a discussão a que se propõe. É diante dessa necessidade emulativa que se apoia tanto das proposições de Goffman sobre o Estigma (2008), que se enquadrariam dentro da Sociolinguística, quanto das proposições dos Estudos Culturais sobre deficiência (LANE, 2002, SKLIAR, 1998, FRANÇA, 2013), e das IL, nas abordagens, principalmente como desenvolvidos pela vertente norte-americana por Kroskrity (2008), Irvine e Gal (2000) e Silverstein, (1979/2003), perspectivas apoiadas firmemente pela Antropologia Linguística (DURANTI, 2000).

Dada as características do objeto que se pretendeu estudar, acreditamos que a melhor fundamentação para o trabalho de pesquisa, quanto a método ou “*approach*” metodológico, fossem da abordagem qualitativa, por permitir a problematização pelo pesquisador da geração de registros e, como explicita Minayo (2001, p. 22), essa abordagem:

se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para Angrosino (2009), as abordagens qualitativas partem da enumeração de aspectos mais comuns ou compartilhados, e procura o entendimento de como

as pessoas constroem seus mundos de forma consensual ou conflitiva. Em Goetz e Lecompte (1988) uma etnografia (enquanto abordagem qualitativa), reconstrói analiticamente os cenários e agrupamentos culturais, o que traz à tona suas crenças, artefatos, conhecimentos e práticas compartilhadas daquela cultura estudada. A pesquisa qualitativa produz dados a partir do que é observado diretamente no local onde as “coisas acontecem”, ou seja: nas interações, nos lugares e com as pessoas e seus produtos comunicacionais, ou como prefere Angrosino (2009, p.8-9), em seus “artefatos sociais”, que no caso desta pesquisa são os blogues.

O substantivo *blog*, ou na forma aportuguesada de escrita constante no Vocabulário Ortográfico da Língua Brasileira (VOLP) *blogue*, é uma justaposição de duas palavras do inglês *web* e *log*, *Weblog*, ou reduzidamente, *blog*, que, literalmente traduzido significa registro na rede. Por vezes ganha a acepção de diário, pois em geral como explica Schmidt (2007, p. 1409, tradução nossa), são:

Websites frequentemente atualizados onde o conteúdo (texto, fotos, arquivos de som, etc.) são postados em uma base regular e posicionados em ordem cronológica reversa. Os leitores quase sempre possuem a opção de comentar em qualquer postagem individual, [...].⁵¹

A definição citada refere-se ao aspecto técnico dos blogues, geralmente atrelada ao seu aspecto instrumental como ferramenta de publicação e formato peculiar. Amaral, Recuero e Montardo (2008) denominam esta definição de estrutural. Essa conceituação foca-se na estruturação das páginas, referindo-se à presença de *links* (ligações ou elos) e *posts* (textos curtos) dispostos em ordem cronológica reversa, periodicamente atualizados. As autoras ainda tratam da definição funcional, caracterizada a partir da função comunicativa imediata, o que distingue os blogues como mídia, pois expressa um caráter conversacional. Para Marlow (2004, p.3, tradução nossa): “*Weblogs* constituem uma conversação massivamente descentralizada onde milhões de autores escrevem para a sua própria audiência [...]”⁵². Em suma, essa proposição enxerga os blogues além de uma ferramenta de publicação, e sim um instrumento para comunicação para uma

⁵¹ Frequently updated websites where content (text, pictures, sound files, etc.) is posted on a regular basis and displayed in reverse chronological order. Readers often have the option to comment on any individual posting, [...]" (SCHMIDT, 2007, p. 1409).

⁵² Weblogs are a massively decentralized conversation where millions of authors write for their own audience; [...] (MARLOW C., 2004, p. 3)

audiência. Outro caráter marcado nessa definição é a personalidade, pois proporciona a publicação pessoal. Cabe salientar que existem várias plataformas disponíveis e gratuitas para a autoria de blogues, o que adiciona relativa facilidade para a produção, personalização e publicação dos mesmos.

Se aquelas definições trazem em comum o caráter de ferramenta dos blogues, Espinosa (2007, p. 272, tradução nossa)⁵³ os entende como artefato cultural: “representa a oportunidade de uma aproximação do contexto sócio-histórico de apropriação dos artefatos tecnológicos a partir do olhar subjetivo dos próprios atores que interatuam com as TICs.” Essa apropriação advém de um olhar antropológico e etnográfico, que apontam o fortalecimento das expressões individuais em público, por proporcionarem o que Gumbrecht, (2004, p.4, tradução nossa) vai chamar de “espaço protegido”⁵⁴, um local em que os autores podem expressar suas identidades.

A escolha desses locais como objeto de nosso estudo foi pautada em Halavais (2011, p. 13-14), ao destacar o aspecto singular que caracteriza a pesquisa envolvendo a internet:

A internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar.

Para a seleção dos blogues, foi realizada uma pesquisa usando-se o motor de busca do Google (*Google search*), empregando a seguinte expressão: “*blogs para surdos*”. A busca retornou, aproximadamente, 981 mil resultados. Dentre estes resultados, os mais variados temas surgiram: blogues voltados ao ensino de Libras e assessoria para inclusão digital em sites, blogues sobre aparelho para surdez e sua manutenção, divulgação, experiências após implante coclear, sobre identidades surdas e principalmente, manchetes de jornais que tratavam sobre os mais variados assuntos ligados à surdez.

Nosso objetivo, a princípio, era encontrar blogues feitos por surdos, objetivo do qual, ainda em fase inicial da pesquisa, fomos demovidos por uma percepção

⁵³ “[...]representa la oportunidad de un acercamiento al contexto socio-histórico de apropiación de los artefactos tecnológicos, desde la mirada subjetivada de los propios actores que interactúan con las TIC.”(ESPINOSA, 2007, p.232)

⁵⁴ Protected Space (GUMBRECHT, 2004, p. 4)

muito simples: os surdos não implantados, preferem os *Vlogs* (ou vídeo blogues), onde ao uso intensivo da Libras, podem ser acrescentadas legendas. O retorno dos termos “*blogs* feitos por surdos”, apesar de apresentar o estupendo número de 13,2 milhões de resultados, incluíam, além daqueles temas listados no parágrafo anterior, milhões de *Vlogs*. Esta constatação reafirmou a necessidade de filtrar a busca, refinando as escolhas aos blogues feitos por indivíduos ouvintes, que pelas mais diversas razões abraçaram as causas surdas, e, blogues desenvolvidos por surdos implantados ou oralizados.

Foram pesquisados blogues que disponibilizassem depoimentos, discussões sobre a condição dos surdos, aprendizagem de Libras, opiniões, divulgação de eventos relacionados aos surdos, e por representarem aspectos de uma economia e mercado que visassem atender as comunidades surdas, e principalmente, por permitirem acessar alguns aspectos das identidades dos seus participantes e as IL que espelham suas opiniões, como já dito. Retomamos, então à primeira pesquisa, reempregando o mesmo critério de busca (palavras chaves: *blogs* para surdos), nos quais apareceram três páginas que mais tarde, seriam escolhidas: “Blogue do Hugo”, “Crônicas da Surdez” e “Surdos Usuários da Língua Portuguesa (SULP)”. O segundo e terceiro blogues me levaram, por possuírem parcerias com outros blogues, aos blogues “desculpe não ouvi” e “igualmente diferentes”. Os outros blogues restantes, foram escolhidos, por pautaram-se, subjetivamente, pelo que entendemos ser mais representativo: blogues onde textos e ilustrações, indicializassem as identidades e IL que norteiam os conteúdos das páginas, seus autores e participantes. Os blogues de surdos implantados (Crônica, Desculpe..., Sulp, Igualmente...), exibem uma visão que, em geral, vai se contrapor à visão do usuário de Libras, o que interessa, sobremaneira, para os objetivos desta pesquisa. De outro modo, o blogue “Descobrimo a Surdez” representa uma identidade ouvinte, mas engajada na divulgação da Libras, o blogue “Cultura Surda” foi escolhido pela singularidade da proposta, pois busca divulgar e difundir eventos culturais voltados para surdos sinalizantes. O blogue do Hugo, também é singular, pois trabalha numa ordem mercadológica, voltada para usuário de Libras. Final e especialmente, escolhemos o blogue Marcelo de Paula, pois de forma bastante representativa, o autor, que antes era usuário de Libras, realiza um

implante e compartilha suas importantes experiências, primeiro como surdo sinalizante e, mais tarde, como surdo implantado.

Após a definição dos blogues, foi realizada uma leitura minuciosa das publicações, buscando organizar as informações e identificar nos dados coletados, as seguintes categorias teóricas e empíricas: índices, Iconização, recursividade fractal, Apagamento e ordem indexical das IL dos indivíduos surdos implantados acerca dos indivíduos surdos sinalizadores, e dos surdos sinalizadores sobre os surdos implantados. Em nossas análises, aproveitamos a denominação proposta por Perlin e Skliar (2013), qual seja, o Ouvintismo (doravante com letra inicial maiúscula) por entendermos que tal conceituação sintetiza bastante bem as percepções dos surdos sinalizantes sobre as crenças e posturas acerca de sua condição por parte dos ouvintes e dos surdos implantados. O Ouvintismo vai se referir a ordem de indexicalidade Oralização (também com “o” em maiúscula).

Por vezes, também, usufruímos das categorias de identidade como propostas em Perlin (2013), a saber: Identidade Surda, Identidade Surda Híbrida, Identidade Surda de Transição, Identidade Surda Incompleta e a Identidade Surda Flutuante. Para a análise das percepções dos indivíduos que se expressam através da Libras, sejam ouvintes, surdos implantados ou não, e dos indivíduos que com estes convivem, e por vezes, podem compartilhar suas posições sobre surdez e língua de sinais, usaremos a denominação Ordem Indexical Sinalização, com “S” maiúsculo. Do ponto de vista empírico tratamos de buscar e analisar nas publicações dispostas nos blogues, as indexicalidades, os Apagamentos, as recursividades e iconizações, seja abstraindo excertos, analisando ilustrações, seja analisando textos completos, antecédidos de sua contextualização.

As análises tiveram como base as literaturas científicas da área, as quais buscaram evidenciar as IL presentes nas publicações, especialmente aquelas relacionadas com a afirmação das identidades de indivíduos surdos sinalizadores ou implantados. Procuramos identificar como as formas de comunicação estabelecidas entre os produtores de conteúdos relacionados à surdez e seus usuários expressam a ordem indexical que norteiam suas expressões, e, por conseguinte, buscamos compreender como as IL contribuem para a naturalização das posições assumidas por usuários e produtores dos referidos blogs com relação

às diferentes identidades surdas, tanto da perspectiva de ouvintes quanto da perspectiva dos surdos sinalizantes, implantados e convivas.

A organização da apresentação do *corpus* foi estruturada em um quadro com informações dos blogues escolhidos, dispostos em ordem alfabética, onde constam o título do blogue, o endereço na Web, e a condição do produtor, se é surdo ou ouvinte, ou surdo implantado (quadro 05). A primeira categoria de análise foi voltada para a comparação e contextualização dos aspectos de aparência estrutural dos blogues, como sua formatação, na qual buscou-se traçar um panorama dos aspectos visuais dos blogues encontrados no percurso deste trabalho. Optamos por trabalhar apenas com as descrições dos detalhes das páginas, no intuito de não violar qualquer direito de imagem, porque, apesar de serem sites de acesso livre, alguns se reservam direitos de *copyright* ou direito autorial. Após a apresentação dessas características visuais, trouxemos excertos dos textos que consideramos representativos, seguidas de uma correspondente análise.

As análises, ora ocorreram de maneira comparativa entre os blogues, ora individualmente a partir dos textos relativos a um único blogue. Individualmente ou por comparação, analisamos e discutimos os aspectos que consideramos relevantes, com base nas ferramentas de análise, ou das ordens indexicais que os textos expressavam. Por questões de confidencialidade, ainda que, de novo, saibamos que os blogues aqui analisados sejam de livre acesso, em respeito aos participantes e aos autores das inserções, usamos denominações que preservassem o anonimato dos mesmos, em acordo com as recomendações de ética para a pesquisa na internet da “*Association of Internet Researchers*”⁵⁵ (AOIR, tradução nossa). Desta forma, os autores dos blogues foram referenciados como “Blogueiro ou “Blogueira” seguido do número correspondente ao seu blogue (que estão ordenados em ordem alfabética). Nos excertos ou textos que constam interações, os participantes que não sejam autores dos blogues, são identificados

⁵⁵ A *Association of Internet Researchers* (AOIR) ou Associação de Pesquisadores da Internet (tradução nossa) cujo site é <http://www.aoir.org>, publica o *Ethical decision-making and Internet research 2.0: Recommendations from the AoIR ethics working committee* (Tomada de decisão ética e pesquisa na Internet 2.0: Recomendações do comitê de trabalho de ética da AoIR, tradução nossa) cujo objetivo é discutir e desenvolver soluções éticas para o desenvolvimento de pesquisas na internet. Uma das suas principais diretrizes relaciona-se à anonimização dos participantes da pesquisa (RECUERO, 2008).

pela palavra “ator” e numeração sequenciada, ou quando outras pessoas forem referidas nominalmente usaremos a denominação “xxx”, entre parênteses.

No quadro 05, a seguir, estão listados os blogues, sua referência nos textos, o endereço disponível para acesso na internet, a condição auditiva do seu produtor e o número usado em substituição ao nome verdadeiro dos autores, antecedido do termo “Blogueiro (a)”. Para melhor operacionalizar as análises que seguem a ordem alfabética, e as referências na segunda coluna do a seguir (quadro 05), a partir deste momento nos referiremos aos blogues abreviadamente. Assim, o Blogue Crônicas da Surdez, será referenciado como B1 e assim sucessivamente.

QUADRO 05 — Blogues selecionados para o estudo

BLOGUE	REF.	ENDEREÇO WEB	CONDIÇÃO DO AUTOR	IDENTIFICAÇÃO
CRÔNICAS DA SURDEZ	B1	https://cronicasdasurdez.com/	SURDO IMPLANTADO	Blogueira 1
CULTURA SURDA	B2	https://culturasurda.net/	OUVINTE	Blogueiro 2
DESCOBRINDO A SURDEZ	B3	http://descobrinodasurdez.blogspot.com/	OUVINTE	Blogueiro 3
DESCULPE NÃO OUVI	B4	https://desculpenaoouvi.com.br	SURDO IMPLANTADO	Blogueira 4
HAND TALK-BLOG DO HUGO	B5	http://blog.handtalk.me/	OUVINTE	Blogueiro 5
IGUALMENTE DIFERENTES	B6	www.igualmente diferentes.com	SURDO IMPLANTADO	Blogueira 6
MARCELO DE PAULA	B7	http://marcelodepaulaic.blogspot.com/	SURDO IMPLANTADO	Blogueiro 7
SULP- Surdos Usuários da Língua Portuguesa	B8	http://sulp-surdosusuariosdalinguaportuguesa.blogspot.com/	SURDO IMPLANTADO	Blogueiro 8

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Na seção seguinte apresentamos os resultados das análises e as discussões com base nos argumentos e ferramentas, como descritos anteriormente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Análises quanto à estruturação visual dos blogues e de suas ordens indexicais

Neste tópico serão apresentados os aspectos mais comuns encontrados nos blogues avaliados, no tocante a sua forma, atentando-se para a descrição dos seguintes aspectos: direitos de autoria, qualidade visual, disposição e conteúdo das imagens, em termos semióticos, ou seja, na medida em que signos (ilustrações, fotos e textos) indicializam estruturas maiores (ordens indexicais) que possam enriquecer as análises que serão dispostas posteriormente. Dentre tais aspectos, chamou-nos a atenção a questão da profissionalização de alguns blogues, enquanto outros mostraram ser elaborados de maneira artesanal. Isto pôde ser constatado pelo uso ferramentas gratuitas ou não, o que nos permitiu assinalar três tipos de blogues, que usaremos para distingui-los nas análises, quanto a sua feitura ou confecção, a saber: o blogue do tipo “amador”, o blogue do tipo “profissional” e o “semiprofissional”. Os sentidos dos termos amador e profissional aqui são tomados do Dicionário Houaiss (AMADOR, Houaiss, 2009), assim, amador seria o adjetivo que designa aquela pessoa que se dedica “[...] a uma arte ou um ofício por gosto ou curiosidade, não por profissão; [...]”, e o tipo de blogue profissional seria feito por “que ou aquele que exerce por profissão determinada atividade” (PROFISSIONAL, Houaiss, 2009) e semiprofissional vai designar o blogue que apesar de ser construído com ferramenta de uso gratuito, apresenta um design mais elaborado em sua apresentação.

As análises seguem a mesma ordem do quadro 05. Em meio às ferramentas gratuitas para confecção de blogues, tais como *WordPress*, *Blogger*, *Weebly*, *Medium*, *Blog.com*, *Wix*⁵⁶, dentre outras, constatamos que na maioria dos blogues

⁵⁶ Todas estas ferramentas, designadas por CMS, em inglês: Content Management System e em português: Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo, possuem sua versão gratuita e suas versões

escolhidos foram usadas as ferramentas *Blogger* e *WordPress*, o que se pode aferir observando os rodapés onde constam os créditos, ou referência ao autor, ou dono do blogue. Nas páginas dos Blogues B2 e B7 constam que foram criados pela ferramenta gratuita do *WordPress*, e nos sites B3, B7 e B8 a tecnologia usada foi da ferramenta para criação de blogues, *Blogger*. Os demais blogues, B1, B4, B5 e B6, são autorais, ou seja, ou foram criados pelos próprios autores ou tiveram sua produção terceirizada por empresas. A seguir, apresentaremos uma síntese das características gerais de cada blogue selecionado, seguidas das análises referentes aos aspectos de suas respectivas indexicalidades:

O blogue CRÔNICAS DA SURDEZ (B1), é editado desde 2010 e foi desenvolvido pela socióloga e Blogueira 1, sendo voltado para surdos implantados ou que desejam realizar implantes cocleares. O blogue disponibiliza diversas postagens e artigos, escritos tanto pela autora, quanto por indivíduos implantados, tais como: “Reflexões sobre a vida após os implantes cocleares: Luiza”, “Implante coclear aos 50 anos: história de vida do Pedro”. O site busca trocar experiências e informar sobre os direitos dos indivíduos implantados como nos artigos: “Posso deduzir aparelho auditivo do imposto de renda? A explicação” e “Deficiência auditiva: os benefícios do INSS e quem tem direito”, ou ainda “RG de PcD⁵⁷ no Rio de Janeiro: como fazer o seu”. Em B1 a ilustração no cabeçalho estampa uma premiação alcançada pela página. A ilustração indexicaliza um trabalho feito por artista gráfico profissional e, simbolicamente, remete a uma idealização da capacidade de ouvir, pois temos os pássaros, os animais, a música representada pelo piano e notas musicais. Os olhos indexalizam um ganho, tanto porque se vai enxergar melhor (olho à direita) quanto porque se vai ser visto melhor (olho à esquerda). As formas que a ilustração apresenta trazem um caráter onírico, bastante expressivo pelas cores e camadas. Do ponto de vista estrutural, o site B1 vai se distanciar do visual comumente encontrado nos blogues em geral, mesmo os profissionais, dado ao cuidado e apuro visual.

A disposição das fotos e o emprego das cores e fontes indexalizam uma estrutura profissional por trás da feitura do site, acrescentando a observação sobre

pagas, que são usadas por empresas de publicidade. A versão paga dispensa o uso de referência ao detentor do Copyright, ou direito autoral do CMS (Cf. RECUERO, 2008).

⁵⁷ A sigla PcD significa pessoa com deficiência (ONU, 2007).

copyright no seu rodapé. O blogue é autopromocional e disponibiliza janelas que descrevem e permitem a compra dos livros da criadora do blogue. Em B1 toda a confecção indicializa um sentido de “vitrine”, de uma glamourização do Implante. Notamos algumas ausências em B1, a primeira é que não há janelas para acessibilidade em Libras, e a segunda, na ilustração da página principal, a personagem feminina que a ilustra, não tem desenhado nenhum implante, parecendo sonhar de olhos fechados, indicializando que o implante, idealmente, é tão discreto que não permite identificar se a pessoa é ou não surda implantada. Tais ausências vão indicializar, também, um Apagamento do “outro”, qual seja, do surdo que é usuário de Libras, apontando para uma ordem de indexicalidade, que denominaremos de “Oralização”. Por vez, no blogue B1, temos ora a omissão de aspectos que possam apontar para uma não “normalidade” da aparência, ora a exposição de aspectos que remetam a uma “normalização” da aparência.

Tais configurações permitem-nos classificar o blogue, quanto a sua estrutura, como profissional.

O blogue CULTURA SURDA (B2) tem como proposta partilhar e promover produções culturais de diversas comunidades surdas, incluindo de outros países. Também compartilha informações sobre diversos espectros da arte voltada para surdos e feitos por estes. Assim, literatura, artes plásticas, músicas, filmes, eventos, entre outros, são divulgados no site. O site foi criado pelo produtor cultural e Blogueiro 2, que tem uma fértil carreira acadêmica relacionada às questões envolvendo a surdez. Nas palavras constantes da aba “Autor”, sobre o mesmo, pode-se ler: “por toda a sua trajetória acadêmica, a surdez foi (e é) uma constante nada silenciosa” (BLOGUE CULTURA SURDA, 2018). O autor é um ouvinte engajado nos movimentos em favor da inclusão e da cultura surdas. O slogan do blogue é: “Acessibilidade Cultural e as Artes Surdas” (BLOGUE CULTURA SURDA, sem data). Do ponto de vista do *layout* e da estrutura o blogue apresenta um visual limpo, feita pela ferramenta gratuita do *WordPress*. No lado direito da página inicial, temos a seção “Mundo Surdo” que exhibe várias postagens, tais como: “curtas e animações Surdxs”⁵⁸, “propagandas com Surdxs”, “Bares e restaurantes Surdos”,

⁵⁸ O ato de trocar as letras que caracterizam gênero por X, seja nos adjetivos ou substantivos, é designado por “linguagem não-binária” ou “linguagem neutra”, tal conceito faz parte das bandeiras dos movimentos feministas e LGBT e defende o postulado de que o binarismo na linguagem reforça o sexismo, e a descaracterização dos binarismos, demonstra que as palavras, necessariamente, não

“poemas em língua de sinais”, etc. Chama a atenção o link para eventos em outros países, disponibilizado através da aba “busca por país” no rodapé da página inicial, que apresenta uma lista de países. Ao escolhermos, por exemplo, a Argentina, a página conduz a vários eventos culturais portenhos, mas todos datados do ano de 2016. O blogue indicializa um comprometimento com as causas dos surdos, mas, apesar de conter postagens com poemas e curtas-metragens em Libras, não conta com a janela que permite acessibilidade em Libras na página e, portanto, limita o acesso daqueles surdos que não têm domínio da Língua Portuguesa escrita. Em relação a sua estrutura, pode ser classificado como semiprofissional.

O blogue DESCOBRINDO A SURDEZ (B3), desenvolvido pelo estudante de medicina Blogueiro 3, que apesar de não ser surdo, não possuir parentes surdos e não ser intérprete de Libras, é bastante engajado na luta pela afirmação da identidade surda e na divulgação das questões que envolvem a surdez nos ambientes médicos, acadêmicos ou não. O Blogueiro 3 é coordenador nacional do projeto: LIBRAS em Saúde: acessibilidade no atendimento clínico”. Alguns dos textos publicados denunciam os constrangimentos a que são submetidos os indivíduos surdos, como nos exemplos: “Diagnóstico médico: Considerada inapta para ser professora por ser surda” (BLOGUE DESCOBRINDO A SURDEZ, 2014) ou “A falsa crença no padrão levando à morte de um jovem surdo” (BLOGUE DESCOBRINDO A SURDEZ, 2014) que narra a ação policial que resultou na morte de um jovem surdo).

No cabeçalho da página principal consta, no alto à direita, uma janela que quando acionada permite acessibilidade ao site por meio da Libras, que deveria instalar automaticamente o *ProDeaf Web*,⁵⁹ mas após o acionamento é exibida uma mensagem informando que o blogue não tem direito ao uso da interface *ProDeaf*

tem gênero. Este texto foi baseado na matéria disponível online intitulada “Todxs contra x língua: os problemas e as soluções do uso dx linguagem neutrx, de autoria de Ana Freitas, (FREITAS, 2015) disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/07/10/Todxs-contra-x-l%C3%ADngua-os-problemas-e-as-solu%C3%A7%C3%B5es-do-uso-dx-linguagem-neutrx>

⁵⁹ O *ProDeaf Web* é uma interface para surdos usuários de Libras na internet, que traduz para Libras, o conteúdo escrito nos sites que o disponibilizam. Essa ferramenta foi criada pelos mesmos realizadores do Hand Talk, dicionário de Libras interativo, o publicitário Ronaldo Tenório, o arquiteto Thadeu Luz e o programador Carlos Wanderlan. Texto baseado em matéria do Jornal Folha de São Paulo on line. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2016/03/1746569-criador-do-hand-talk-esta-entre-os-jovens-mais-promissores-do-brasil.shtml>

Web. Neste blogue, a ilustração do cabeçalho lembra um mapa do tesouro antigo, onde constam traços que remetem aos passos a serem seguidos para alcançar tal tesouro. Abaixo da ilustração há a seguinte frase: “Há um mundo por trás do silêncio! Conheça a realidade da surdez e quebre paradigmas...” (BLOGUE DESCOBRINDO A SURDEZ, sem data) e, ao lado, o símbolo internacional da surdez e perda auditiva (um ouvido parcialmente atravessado por uma faixa), símbolo usado em locais ou em instrumentos para indicar que o indivíduo é surdo, como em automóveis usados por surdos. Importa ainda destacar que quando se descansa o ponteiro do mouse sobre o símbolo aparece a frase “acessível em Libras”, mas o símbolo comumente usado para o acesso em Libras é outro (mãos em movimento na altura do abdômen de uma figura humana).

Do ponto de vista estrutural, o blogue, por se valer apenas dos recursos básicos de construção de blogues, foi considerado “amador”.

O blogue DESCULPE NÃO OUVI! (B4) foi criado pela Blogueira 4, que, em sua apresentação, se autodenomina blogueira, escritora e comunicadora. A Blogueira 4 informa que perdeu a audição quando ia completar dez anos de idade, como provável seqüela de caxumba, o que provocou surdez profunda bilateral. Relata que no ano de 2009 fez a primeira cirurgia de IC em um dos ouvidos e três anos mais tarde no segundo ouvido. Explica que seu blogue é dedicado aos deficientes auditivos e surdos oralizados que tenham o português como primeiro ou único idioma. O blogue ainda divulga notícias e artigos sobre os IC`s. Entre os *posts* mais populares destacamos: “Afiml, quantos surdos existem no Brasil? (*spoiler*: ninguém sabe)” (BLOGUE DESCULPE NÃO OUVI! 2018) ou “Por que tanto ódio contra as pessoas com deficiência auditiva?” (BLOGUE DESCULPE NÃO OUVI! 2019). De caráter autopromocional, ao longo das janelas do blogue, encontramos *links* para contratação de palestras, janelas em que a escritora divulga seus livros e permite a compra online destes vídeos de interesse de surdos implantados e divulgação de avanços tecnológicos dos aparelhos de IC. Seu segundo livro é voltado para crianças, sendo que a autora tem sua representação numa personagem infantil desenhada para ilustrar o livro, que usa dois implantes de cor vermelha sobre os cabelos negros.

Visualmente, o blogue é bastante apurado, com emprego equilibrado das cores. Na ilustração de cabeçalho, observa-se uma chuva de notas musicais, multicoloridas, indexando uma visão poetizada dos sons. As ilustrações são

ladeadas por ilustrações do livro infantil da autora, com o indefectível link para sua descrição e compra. Do ponto de vista estrutural, o blogue é profissional.

O blogue intitulado BLOG DO HUGO (B5) foi desenvolvido pelos criadores do dicionário de Libras *Hand Talk* (cujo avatar é denominado Hugo), entre eles o Blogueiro 5. Valoriza aspectos da surdez e da cultura surda dos usuários da Libras. Apresenta iniciativas para tentar desnaturalizar crenças sobre a surdez, como no artigo: “Porque você não deve falar linguagem de sinais” (BOGAS, J. V, BLOG DO HUGO, sem data), “Surdo ou Deficiente Auditivo: qual é a nomenclatura correta?” (Idem, sem data). O Blogue ainda fornece suporte para melhoramentos de plataformas digitais ligadas à surdez, empresariais ou particulares como no artigo: “Como eu fiz um site acessível sem conhecimento algum de programação” (ABREU, W. V., BLOG DO HUGO, sem data). Ainda, discute várias questões sobre acessibilidade voltadas para empresas. Visualmente o site é bem elaborado, lembrando as interfaces de aparelhos celulares, com grandes quadros. Compõe a ilustração do cabeçalho a seguinte frase: “Por um mundo mais acessível” (BLOG DO HUGO, sem data).

O site descaracteriza um pouco o conceito de blogue, apesar de publicar postagens de interesse dos surdos que sinalizam. Em sua página inicial, disponibiliza mais conteúdos voltados para profissionais interessados em criar ferramentas inclusivas, ou em aspectos legais sobre acessibilidade. Há também *merchandising*, quando descreve o caso de um banco, que assessorado pela empresa que mantém o blogue, tornou-se acessível para servir melhor aos que precisam de atendimento diferenciado. Para acessar conteúdos mais gerais de interesse dos surdos, é preciso navegar pelas janelas laterais, onde podem ser encontrados tópicos como comunidade surda, histórias inspiradoras, ensino de Libras etc. O site conta com uma janela com o símbolo de acessibilidade em Libras, que quando acionado apresenta o Hugo, avatar do *HandTalk*. O Site oferece soluções de acessibilidade digital em Libras, para daltônicos e pessoas com baixa visão. Do ponto de vista estrutural, o blogue é profissional.

O blogue IGUALMENTE DIFERENTES (B6), foi criado pela Blogueira 6, que perdeu a audição aos 14 anos, realizando seu primeiro implante aos 21 anos, e o segundo implante aos 23 anos. A autora relata que apesar das dificuldades, morou nos Estados Unidos da América por vários anos, fala inglês, espanhol e italiano. Possui duas graduações universitárias sendo uma em Psicologia e a outra em

Ciência da Computação. Seu objetivo com o blogue é compartilhar suas experiências como deficiente auditiva e implantada. Nos textos podemos observar conteúdos como: “O preço do Implante Coclear”, “A falta de preparação dos profissionais de acessibilidade”, “despertadores para deficientes auditivos’ ou “dicas para falar ao telefone com implante coclear” (BLOGUE IGUALMENTE DIFERENTES, sem data). Na aba categorias, o site dispõe de uma enorme lista de tópicos que vão desde acessibilidade até viagens. Quando tentamos acessar o link para Libras, percebemos que ele não existe, remetendo sempre a um texto de uma colaboradora. Isso acontece com vários links disponíveis no blogue, o que indicializa que, nestes aspectos, o site está em construção, e que pode vir a ter inserções posteriores.

O Cabeçalho da página principal tem uma ilustração de uma mulher, provavelmente a autora, com o implante um pouco confundido com o cabelo da mesma cor, o desenho de um aparelho de IC, pelo seu formato, é aproveitado para compor o nome do site, sendo a letra D o aparelho e a peça que vai na cabeça (*head piece*) é o pingo na letra I da palavra diferente. Constam também do cabeçalho um desenho de um notebook em que duas mãos aparentemente estão digitando e de um aparelho celular. Do ponto de vista estético o site é bem cuidado, contando com design assinado. O site pode ser considerado semiprofissional, devido ao seu apuro gráfico e, ainda, pela ausência de links para vendas.

O blogue MARCELO DE PAULA (B7), do Blogueiro 7, é bastante simples na sua formatação. No cabeçalho, além do nome do autor, consta a seguinte frase: “o Implante Coclear mudou a minha vida, me trouxe de volta ao mundo dos sons e me apresentou sons que eu até antes desconhecia” (BLOGUE MARCELO DE PAULA, 2015). O blogue teve sua última postagem em agosto de 2015. Mas caracteriza, o que é tipicamente esperado de um blogue, o compartilhamento de experiências em ordem reversa. O total de visualizações registradas na própria página conta 5.483 visualizações. Apesar de não estar atualizado, o blogue foi escolhido pela singularidade de alguns assuntos que ele registra. O autor relata que fez seu primeiro implante em 2011 e o segundo menos de um ano depois, e que perdeu sua audição em 1995 quando passou a usar aparelho auditivo e aprender leitura labial. Há, nas postagens mais antigas, um texto intitulado “Eu já fui um Anti-IC” (BLOGUE MARCELO DE PAULA, 2015) com um relato do seu convívio com usuários de Libras e dos medos que cercam alguns surdos acerca da cirurgia de IC.

Um dos textos principais, logo abaixo do cabeçalho, é um libelo em defesa da escolha das pessoas, isso em se tratando de realizar ou não o IC. Em outro *post* ele relata suas conquistas, sua entrada para a faculdade de administração, sua experiência com a Libras, que apresenta uma fala de como foi importante tal vivência. Do ponto de vista estrutural, o blogue pode ser classificado como amador.

O blogue Sulp-Surdos Usuários da Língua Portuguesa (B8) indicializa um caráter de institucionalidade e representação, quando se lê os objetivos descritos abaixo do desenho da logomarca do blogue (cuja autoria consta do final do texto), em letras maiúsculas:

[...] PROCURAMOS PESQUISAR E DIVULGAR RECURSOS QUE POSSAM MELHORAR A ACESSIBILIDADE DOS SURDOS USUÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL. ESTÃO À DISPOSIÇÃO LINKS DE TEXTOS E ASSOCIAÇÕES DE OUTROS PAÍSES REFERENTES AO NOSSO FOCO PRINCIPAL: SOMOS SURDOS E DEFICIENTES AUDITIVOS ORALISTAS E ORALIZADOS, PÓS LINGUAIS, QUE USAM PRÓTESES, IMPLANTES E OUTRAS AJUDAS TÉCNICAS. [...] (BLOGUE SURDOS USUÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA-SULP, sem data)

As postagens abordam assuntos como: “Porque preferimos usar a denominação SURDOS neste blog” (Idem, sem data), com letras maiúsculas, lembrando a controvérsia que existe entre o Surdos com somente o S em maiúscula, que se refere aos usuários de Libras, e os deficientes auditivos aos demais, inclusive os Sulp. O uso de letras maiúsculas seja em sites ou mensagens, contraria as regras da “Netiqueta”⁶⁰, indicializando um discurso exaltado. O caráter institucional mencionado acima é reafirmado nos *posts* colocados na lateral direita da página do blogue, na seção QUEM SOMOS NÓS (Ibidem, sem data), é citado o art. 5º da Lei 5.296/04 (BRASIL, 2004) que conceitua legalmente quem é a pessoa com deficiência auditiva. No site também há um espaço para coleta de assinaturas para um manifesto onde os Sulp, reivindicam várias melhorias em termos de acessibilidade, disponibilização de legendas, dentre outras. Do ponto de vista estrutural, a página é bastante simples, usando apenas *layouts* básicos da ferramenta *Blogger*. A lateral do cabeçalho, após a logomarca à direita, exibe

⁶⁰ A netiqueta (neologismo oriundo da fusão das palavras net + etiqueta) cumpre o papel de intermediar a boa comunicação e prezar por uma vivência virtual harmônica. [...] **Evite escrever em letras maiúsculas.** Na hora de escrever uma mensagem (seja um e-mail profissional ou uma conversa em rede social), evite escrever em letras maiúsculas. Como a internet tem suas limitações na hora de imprimir emoções, as letras maiúsculas acabam sendo usadas como “grito”. Uma mensagem inteira assim pode denotar outro sentido, mesmo sem querer. Compilado do site Dicas de Etiqueta. Disponível em: [https:// https://www.dicasdeetiqueta.com.br/netiqueta/](https://www.dicasdeetiqueta.com.br/netiqueta/).

pássaros em voo. Quando se vai rolando a página e chega-se aos *posts* mais antigos, a página simplesmente se desconfigura em sua largura, o que impede a visualização de todo conteúdo de texto ou imagem à direita da tela. Não há menção a quem seja o autor ou autores do blogue, entretanto, muitos textos contém a seguinte indicação: postado por “seuantonio” e na frase do cabeçalho temos os *e-mails* do criador da logomarca do blogue e do “seuantonio”.

Dado a estas características, apesar da presença de uma logomarca, o blogue é considerado amador.

Nessa seção buscamos trazer alguns aspectos que pudessem enriquecer as análises, demonstrando aquilo que, em termos simbólicos, fornecessem pistas, indiciabilidades, sobre quais ordens indexicais endereçam e, por vezes, são endereçadas nos conteúdos dos blogues. A seguir apresentamos o quadro 06 com a síntese dos aspectos mais relevantes que serão retomados nas análises.

Quadro 06 — Síntese aspectos analíticos/Ordens Indexicais dos blogues

BLOGUE	REF.	ASPECTOS ANALÍTICOS	ORDEM INDEXICAL
CRÔNICAS DA SURDEZ	B1	<ul style="list-style-type: none"> - a autora é surda implantada bilateral - o blogue tem caráter autopromocional - a estruturação é referenciada como profissional 	ORALIZAÇÃO
CULTURA SURDA	B2	<ul style="list-style-type: none"> - o autor é ouvinte sinalizante - o blogue é voltado para divulgar eventos culturais voltados para surdos <ul style="list-style-type: none"> - caráter social - a estruturação é referenciada como semiprofissional 	HÍBRIDA
DESCOBRINDO A SURDEZ	B3	<ul style="list-style-type: none"> - o autor é ouvinte sinalizante - o blogue é voltado para divulgar questões que envolvem a surdez e acessibilidade nos ambientes médicos, acadêmicos ou não-caráter social - a estruturação é referenciada como amadora 	SINALIZAÇÃO
DESCULPE NÃO OUVI	B4	<ul style="list-style-type: none"> - a autora é surda implantada bilateral - o blogue tem caráter autopromocional - a estruturação é referenciada como profissional 	ORALIZAÇÃO
HAND TALK-BLOG DO HUGO	B5	<ul style="list-style-type: none"> - os autores são ouvintes - o blogue tem caráter promocional empresarial voltado para acessibilidade - a estruturação é referenciada como profissional 	SINALIZAÇÃO
IGUALMENTE DIFERENTES	B6	<ul style="list-style-type: none"> - a autora é surda implantada bilateral - o blogue tem caráter autopromocional - a estruturação é referenciada como semiprofissional 	ORALIZAÇÃO
MARCELO DE PAULA	B7	<ul style="list-style-type: none"> - o autor era sinalizante e posteriormente realizou dois implantes - o blogue tem caráter autobiográfico - a estruturação é referenciada como amadora 	HÍBRIDA
SULP- Surdos Usuários da Língua Portuguesa	B8	<ul style="list-style-type: none"> - o autor é surdo pós-lingual - o blogue indicializa um caráter de manifesto político e caráter social - a estruturação é referenciada como amadora 	ORALIZAÇÃO

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Esta seção analisou a estruturação dos blogues que compõem o *corpus* da pesquisa, procurando demonstrar, através da descrição quanto à estrutura de visualização e conteúdos, aspectos que pudessem apontar para as ordens de Indexicalidade em que operavam seus autores e/ou colaboradores.

4.2 Análises quanto à Indicialidade e às Ordens Indexicais Oralização, Sinalização e Híbrida

Antes de apresentarmos os textos e excertos transcritos, ressaltamos que eles preservam sua literalidade, e por isso é possível observar ocorrências que podem ser tomadas por inadequações quanto à escrita e à construção das frases segundo a norma culta da Língua Portuguesa. O termo inadequação, aqui empregado, não designa nossa posição, pois lembra algo inadequado ou anormal em relação ao que possa ser adequado ou normal, portanto, indicializa uma IL que valoriza a língua padrão. Seu emprego é justificado simplesmente pela pobreza do léxico do autor, ao querer dizer que não há certo ou errado nas formas expressivas. Essas dicotomias só vão aparecer se operamos em relação a um padrão. Como entendemos que todo recurso expressivo é válido, afirmamos que o emprego do termo é meramente instrumental, não trazendo nenhum juízo de valor sobre o que possa ser adequado ou não nos textos e excertos analisados.

Nesta subseção, analisamos os conteúdos de textos e excertos dos conteúdos dos blogues quanto aos aspectos indiciais, com vistas a ampliação da compreensão do contexto em que se materializam. A compreensão do contexto possibilita a identificação da ordem de indexicalidade em que opera(m) o(s) ator(es) nas suas manifestações escritas, que são objetos das análises.

A análise ainda vai levantar questões que retomam o embate entre surdos sinalizantes e oralizados, expressa no debate sobre a lexicalização e conseqüente, apropriação dos termos relativos à surdez, entre os dois grandes grupos (sinalizantes e oralizados).

4.2.1 análise excertos Blogue B1- crônicas da surdez

A primeira análise trata de um excerto publicado no blogue B1. O excerto 01, demonstrado no quadro 07, a seguir, trata de uma postagem na qual a Blogueira 1, autora do blogue, interage com uma leitora, após a mesma ler o conteúdo da aba

onde consta a apresentação da Blogueira 1. No texto temos o relato da experiência da surdez da autora, contatos para palestras, e várias publicações em que a mesma aparece. No final desta exposição há um espaço para comentários dos leitores. Nessa aba ou janela, consta o nome real da autora, o qual foi anteriormente mudado para um nome fictício, assim como o nome da interactante.

Quadro 07 — Excerto 01 - B1

1.	Ator 1	
2.	28/11/2017 às 12:32 am	
3.		Amei sua historia eu tenho uma filha de 16 anos e quero que ela faça o implante
4.		coclear mas ela tem medo ela tem surdez prof bilateral mas outros surdos falam pra
5.		ela néo fazer a cirurgia não sei o q faço
6.	Blogueira 1	
7.	28/11/2017 às 10:46 am	
8.		Ator 1
9.		Ela precisa ser candidata à cirurgia, não basta apenas que você queira que
10.		ela faça
11.		Leve-a a um otorrino especializado em surdez.
14.		Bjos

Fonte: Blogue Crônicas da Surdez (2017)

Observamos que se trata da interação entre a autora do blogue e Ator 1, uma interactante que é mãe de uma menina surda. Os comentários foram postados após a leitura do texto presente na aba que apresenta a Blogueira 1. Nas linhas 04 e 05, observa-se que a mãe expressa sua contrariedade com a posição da filha

surda, pois a mãe demonstra querer que ela faça o Implante Coclear (doravante IC), e a filha tem medo, segundo a mãe, por influência das opiniões de outros surdos, temores que indicializam desinformação e crenças sobre os possíveis perigos da cirurgia. Na réplica da Blogueira 1, linhas 08, 09 e 10, ela esclarece que não basta querer, é preciso que ela seja candidata e, portanto, que preencha os requisitos para se submeter à cirurgia. A réplica indicializa para a Blogueira 1, que a mãe demonstra desinformação sobre as dificuldades relacionadas à realização do IC, dentre elas, a burocracia quando o implante é custeado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que condiciona ao requerente tentativa de usar os aparelhos de amplificação sonora individual (AASI) tradicionais.

Cabe realçar, ainda, que a manutenção do IC é bastante proibitiva e pouco custeada pelo SUS. Além disso, para ser candidata ao implante, a pessoas surdas têm de atender aos diversos critérios estabelecidos pelo Ministério da Saúde, que são estipulados pela portaria nº 1.278/GM de 20 de outubro de 1999. Segundo essa portaria, o IC deve ser indicado para pessoas com surdez neurossensorial, ou seja, quando a perda auditiva está localizada na orelha interna, na cóclea ou no nervo auditivo, quando a pessoa não é beneficiada por Aparelho de Amplificação Sonora Individual - AASI, o qual obrigatoriamente deve experimentar por um período mínimo de três meses. Além dos aspectos médicos que balizam os critérios para IC no SUS, constam também aspectos psicológicos, como, no caso de adultos, a adequação psicológica e motivação para o uso de implante coclear; no caso de crianças, a motivação é estendida. O IC é contraindicado para adolescentes e adultos pré-linguais que não passaram por processos de reabilitação pautados na abordagem oral. Aspectos sociais também delimitam a indicação e são referentes às condições adequadas para reabilitação, após a cirurgia, como acompanhamento fonoaudiológico na sua cidade de origem (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1999).

A confecção do blogue B1 indicializa uma glamourização da vida da autora, e por conseguinte, a um entendimento de uma facilidade na realização do implante pela mãe que buscava informações.

Ao retomar a discussão apontada por Silverstein (2003), é possível perceber, nesse excerto, índices aparentemente especializados que trazem a discussão acerca do implante coclear pela autora, que pode ser entendido dentro de um perfil da oralização. A indicialidade capta aspectos desta ideologia, que valoriza o saber médico por meio de determinados padrões linguísticos, os quais

podem ser representados pelas palavras cirurgia, especializado e otorrino. Além disso, indicializa uma afirmação de conhecimento, ou *Ethos*, o qual é respeitado e valorizado em nossa sociedade, e mais, confere autoridade ao discurso.

A autora do blogue opera na ordem de indexicalidade da Oralização, que remete ao conceito de normalidade, padrão que visa a correção da deficiência, se aproximando do conceito de deficiência biomédico. Portanto, o conceito biomédico exposto reforça a expressão corporal da deficiência, operando na ordem de indexicalidade Oralização, no tocante à deficiência auditiva.

4.2.2 análises excertos blogue B4- Desculpe não ouvi

O blogue DESCULPE NÃO OUVI! (B4) na maioria dos seus conteúdos, vai indicializar um comprometimento com as questões que envolvem as comunidades de surdos oralizados e alfabetizados em Português, ainda que a Blogueira ceda espaço para discutir questões ligadas à Libras, como analisaremos a seguir. Na aba denominada “Minha História”, a Blogueira 4, relembra sua experiência quando descobriu a surdez e pontua:

Quadro 08 — Excerto 01 Blogue B4

1.	Eu nunca utilizei a língua de sinais. Meu idioma materno é o português
2.	falado e escrito.
3.	Não tenho qualquer identificação com a LIBRAS e, por isso, não escrevo
4.	sobre ela e não tenho interesse no assunto.
5.	Respeito, contanto que não tentem me impor nada em relação a isso!

Fonte: Blogue Desculpe não ouvi, sem data.

O comprometimento observado no texto da introdução é inferido a partir dos conteúdos do excerto. Assim, nas linhas 01 e 02 a afirmação de que nunca usou a língua de sinais, completada pela asserção de que seu idioma materno é o português, em que ressalta: o português falada e escrito, demonstra que a autora

opera na ordem de indexicalidade Oralização, ou seja, não é sinalizante, nem pretende ser, e também não domina somente a modalidade escrita da Língua Portuguesa (linha 2), o que indicializa uma certa rejeição, provavelmente fruto de interações em que a Blogueira 4 teria de explicar sua condição para eventuais interactantes. Essa percepção é realçada na afirmação das linhas 03 e 04: “Não tenho qualquer identificação com a LIBRAS e, por isso, não escrevo sobre ela e não tenho interesse no assunto.” O fato de não se identificar, entretanto, não indicializa um desconhecimento da existência da Libras, antes, aponta para possíveis experiências desagradáveis com usuários da língua de sinais, ou seus defensores, como denota-se da leitura da linha 05: “Respeito, contanto que não tentem me impor nada em relação a isso!”. O ponto de exclamação ao final da frase, que visa enfatizar categoricamente uma afirmação, indicializa que a Blogueira 4 teria vivido situações em que houve tentativas de imposição da Libras como seu meio de expressão, o que não foi aceito por ela, valorando negativamente os sentidos que possam ser atribuídos aos usuários de Libras. Os índices apontam e reforçam sua identificação com os aspectos oralizantes das suas percepções, expressando uma necessidade de separar as condições da surdez. Como reforçado no excerto a seguir do mesmo texto:

Quadro 09 — Excerto 02 Blogue B4

1.	Este blog é, portanto, dedicado aos deficientes auditivos e surdos oralizados, aqueles que tem
2.	a língua portuguesa como primeiro ou único idioma. Nossas necessidades, nossas dificuldades, nossos
3.	interesses. Escrevo também sobre próteses e implantes auditivos e minhas experiências subjetivas para com o
4.	Implante Coclear.

Fonte: Blogue Desculpe não ouvi, sem data.

Assim como o excerto da Blogueira 1, a Blogueira 4 também faz menção ao implante coclear, no entanto, descreve claramente sua postura voltada ao Oralismo. Quando se refere na linha 1, do excerto 02 (B4), que “este blog é, portanto, dedicado aos deficientes auditivos e surdos oralizados”, ela manifesta de forma indexical a

ideologia linguística voltada aos deficientes auditivos e à perspectiva do Oralismo. Conquanto o blogue, quando vai circunscrever seu público àqueles que têm a Língua Portuguesa “como primeiro e único idioma” (linha 2), faz com que, neste trecho a Blogueira 4, passe a operar numa IL que valoriza o idioma padrão, numa “desatenção seletiva” como define Kroskity (2004), que erradica o que não se encaixa ao padrão. O padrão, neste caso, é o que escapa da tríade surdo-oralizado-implantado, identificado como deficiente auditivo. Outras formas de expressão dos indivíduos surdos, como a Libras, não se encaixam na padronização que o texto indicializa.

Ao remeter à discussão das IL voltadas para uma padronização linguística e para o empoderamento de uma língua em detrimento de outra, citamos a escolha da Blogueira 4, ao descrever que sua primeira língua é a Língua Portuguesa. Nesse caso, a Língua Portuguesa está em evidência frente à Libras. Como apontam Del Valle e Meirinho (2015), a partir das escolhas culturais e linguísticas são reafirmadas noções de um idioma padrão, que é considerado, de forma hegemônica, melhor que outro(s).

4.2.3 análises excerto blogue B8- Sulp-Surdos Usuários da Língua Portuguesa

Ainda no sentido de analisar as ordens indexicais referentes à Oralização” e à Sinalização, no quadro 10 apresentamos o excerto 01, que trata da motivação para a criação do blogue B8 (SULPs - Surdos Usuários da Língua Portuguesa). O texto, intitulado “Porque preferimos usar a denominação SURDOS neste blog”, do qual foi extraído o excerto, se apresenta disposto no site à direita, como uma espécie de poema, onde as frases lembram estrofes deste gênero literário. Os conteúdos do blogue, em especial o excerto que será analisado a seguir, indicializam um tom de manifesto em favor das causas dos surdos usuários da Língua Portuguesa. O texto, em seu teor geral, vai questionar a apropriação pelos surdos sinalizantes do termo surdo, com “S” maiúsculo. Cabe lembrar que tal distinção pela inicial maiúscula em surdo (Surdo) tem sua criação e primeiro uso atribuídos ao sociolinguista e pesquisador de línguas de sinais James Woodward, em 1975, durante simpósio sobre antropologia aplicada, realizado na Holanda naquele ano. No texto em questão Woodward (1975) propõe as designações de “Surdo” e “surdo”, sendo o termo com letra maiúscula usado para denominar o

indivíduo que vivencia a identidade e cultura surdas, vinculadas às línguas sinalizadas, enquanto que o segundo termo em letra minúscula designa o indivíduo com problemas de audição, de forma geral. Esta distinção foi adotada pelos pesquisadores dos estudos surdos no Brasil (PERLIN, 2009; SKLIAR, 2003; dentre outros, e é justificada no blogue B2, analisado neste trabalho).

Quadro 10 — Excerto 01 Blogue B8

2.	denominação SURDOS neste
8.	Há alguma controvérsia no assunto, alguns
9.	consideram SURDO quem nasceu surdo e
10.	usa preferencialmente a língua de sinais,
11.	preferindo chamar os demais de
12.	DEFICIENTES AUDITIVOS.
15.	Depois de algumas discussões em nossa
16.	equipe, lendo textos legais, científicos e
17.	também o uso comum das palavras surdo e
18.	surdez optamos por essa denominação
19.	para sermos mais abrangentes.

Fonte: Blogue SULP's (Surdos Usuários da Língua Portuguesa), sem data

Na linha 02 o autor emprega a palavra “SURDOS” com todas as letras em maiúsculas, introduzindo seu argumento. Nas linhas de 08 a 12, ele faz referência à controvérsia sobre pessoas que consideram a terminologia Surdo usada preferencialmente (grifo nosso) para quem faz uso de língua de sinais, sendo os demais, chamados de deficientes auditivos. A afirmação contida neste excerto indicializa a percepção do fato das pessoas aparentemente confundirem os termos. Para o autor, surdo não é só quem se comunica por língua de sinais, e os demais, ou seja, os deficientes auditivos não são apenas quem não se expressa em língua

de sinais. As afirmações prenunciam, novamente, que é necessário fazer uma distinção dos termos.

De fato, essas diferentes denominações entre os termos denotam as também diversas concepções sobre a surdez, que também estão presentes nas leis brasileiras. No Decreto acerca da Libras (BRASIL, 2005), o termo surdo é atribuído aos usuários de línguas de sinais; já na Lei da Inclusão (BRASIL, 2015), o termo surdo não aparece, sendo usado como sinônimo de deficiência auditiva, inclusive em relação ao uso dos serviços de Intérpretes de Libras. Tais distinções geram dissensos entre as diversas comunidades surdas, como lembra Dias (2017), referindo-se à recente organização social dos “deficientes auditivos” que configuraria não só uma luta por reconhecimento de direito, mas sobretudo, uma luta por reconhecimento de uma “normalidade própria”, diferente da “normalidade” dos surdos sinalizantes.

Dias (2017), também trata, em seu trabalho, da confusão no emprego dos termos. A pesquisadora estudou a legislação sobre deficiência e ao discorrer sobre o Decreto 5.626/2005 ao apresentar que a definição de pessoa surda se circunscreve a “aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras” (BRASIL, 2005), a autora discute sobre a incompletude da definição, que simplesmente omite todas as outras manifestações da surdez. Entretanto, de maneira mais abrangente, a Lei nº 10.098, que trata da acessibilidade, assim define a pessoa com deficiência: “III - pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida: a que temporária ou permanentemente tem limitada sua capacidade de relacionar-se com o meio e de utilizá-lo” (BRASIL, 2000). Nesta lei e no Decreto 5.296 (BRASIL, 2004) que a regulamenta, a deficiência auditiva é classificada em termos técnicos de perda auditiva, o que generaliza a definição⁶¹. Ainda em seu estudo, a autora relata seu contato, em sala de aula com a divisão surdo x deficientes auditivos, em que Surdo, com “S” maiúsculo, seria usado para o usuário de Libras.

⁶¹ O artigo 2 do referido decreto assim define deficiência auditiva: “b) deficiência auditiva: perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz; [...] (BRASIL, 2004)

Por sua vez, Lane (2002) discute como o capitalismo ávido por mão-de-obra apta, através das “Tecnologias de poder” (tradução nossa⁶²) promove o que define como “uma biologização do estado social das coisas” (tradução nossa)⁶³ através das tecnologias de normalização. No seu entendimento, Lane aponta que o conceito de normal é uma construção social, visceralmente ligada às estruturas capitalistas de manutenção e propagação ideológica. O pesquisador propõe exemplificar como se opera a criação da deficiência, a partir da distinção entre aptos e não aptos ao trabalho. Lane (2002) exemplifica o paradoxo a que esta biologização do social pode chegar, a partir do exemplo sobre o uso exacerbado do hormônio do crescimento nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, prescritos para crianças. O que a princípio era socialmente entendido como uma falta (falta de tamanho) foi eleita como condição médica e assim operou-se uma inversão: por dispor da tecnologia para produzir o hormônio, ou seja dispor de uma possibilidade para o tratamento, criou-se uma incapacidade (ou deficiência), quando o normal seria a deficiência levar ao tratamento, e não o tratamento levar à deficiência. O paradoxo da situação relatada vai exemplificar o que é normal, ou seja, “biologizar” qualquer deficiência, a fim de enquadrar o indivíduo na esfera da “normalidade”. Para Lane, todos ganham com a “medicalização da diferença social”, menos seus públicos-alvo. No caso dos surdos, Lane é radicalmente contra o IC, por considerar a intervenção uma desnaturalização da condição surda, uma agressão literal à diversidade humana. Mas o mais importante aqui não é concordar com sua opinião sobre IC's, antes é chamar atenção para o que seus estudos revelam, e que nos parece, irrefutável: a deficiência como criação social interessada. Criação que ideologicamente, justifica as intervenções, a partir da lógica de uma normalidade, em relação a uma diferença.

Estas posturas, tanto do lado dos sinalizantes quanto dos oralizados, vão formando blocos, que por sua vez vão se agregando à percepção do autor das ordens indexicais que alimentam os argumentos de ambos os grupos. Infere-se que a questão do enquadramento e tipificação do que seja deficiência, ou normalidade, incide diretamente nas conquistas ou perda de direitos no plano legal. De novo, fica explícito um embate que configura uma luta por poder, na qual uma visão mais

⁶² “technology of power” (LANE, 2002, p. 358)

⁶³ biologizing of a social state of affairs (LANE, 2002, p. 360)

socioantropológica tenta se opor a uma visão medicalizada da deficiência e vice-versa, considerando-se algumas gradações.

Nessa perspectiva, a partir da linha 15, o Blogueiro 8 discorre sobre a justificativa para a adoção do termo SURDOS. Tal adoção seria mais abrangente. Nesse ponto, o autor passa a operar, por recorrência, em um Ethos retórico, visando dar credibilidade à decisão, que foi fruto de “discussões” (linha 15): “leitura de textos legais, científicos” (linha 16), o que embasaria a necessidade da distinção terminológica; por fim ele faz referência à vulgarização dos termos surdo e surdez (linha 18).

Os excertos indicializam um descontentamento com a apropriação do termo surdo, pelos usuários de línguas de sinais, no caso brasileiro a Libras, o que geraria confusão para as demais pessoas. A denominação “surdo” vem sempre associada aos usuários de línguas de sinais. Nesse caso, é usada negativamente, porque “apagaria” os outros tipos de surdos, em particular, os usuários da Língua Portuguesa, em geral, oralizados. Os excertos desvelam que o autor opera na ordem de indicialidade Oralização.

Os argumentos indicializados no excerto do blogue 08 apontam para uma afirmação identitária que se aproxima, num primeiro momento, dos ideais do Modelo Social de Deficiência, ao propor assumir, sem eufemismos, a condição de deficiente, mas num segundo momento, a partir dos índices de Iconização e Apagamento, se afasta do ideal de promoção da diversidade daquele movimento, operando numa ordem de indexicalidade que expressa um ideal de inclusão individualista, pouco receptivo a outros tipos de surdos, que não sejam os usuários da Língua Portuguesa. Os surdos usuários de línguas de sinais são, recursivamente, tomados como o outro, do qual se quer afastar. A ordem de Indexicalidade Oralização ainda vai incorporar alguns elementos do Modelo Biomédico da Deficiência quando indicializa atitudes que remetem ao conceito de normalização, numa escala de valor, que aumenta quanto mais perto do “socialmente normal” se aproxima.

O conceito de normalidade aparece difuso nas afirmações dos textos, indicializando uma normalidade que se aproxima da língua padrão no Brasil, o Português, como fator de prestígio e aproximação de tal ideal de “normalidade”. E, por conseguinte, deslegitima a Libras, como meio de expressão dos surdos. O autor

do texto, por operar na ordem de indexicalidade Oralização, reforça a crença na padronização do idioma.

A questão do idioma padrão, a questão da deficiência, que por sua vez remete a uma visão de normalidade, estão presentes no excerto analisado. O autor opera numa ordem de indexicalidade de padronização, buscando uma expressão própria para sua definição de deficiência, aliada mais à definição proposta pela Lei de Acessibilidade (BRASIL, 2004), que da Lei de Libras (BRASIL, 2005).

4.2.4 análise Blogue B2- Cultura Surda:

Os excertos escolhidos para análise do blogue B2 foram retiradas do texto constante da aba do cabeçalho intitulada “Cultura Surda?” que contém *links* para outros textos. O primeiro excerto consta do texto “Deficiente auditivo, surdo, Surdo?” O texto em seu teor integral é quase um libelo em favor dos surdos sinalizantes, da defesa da língua de sinais (Libras) e de uma reconfiguração sobre as acepções sobre a surdez em nossa sociedade. Como relatado na seção que tratava da estruturação dos blogues (item 4.1) o Blogueiro 2 possui uma relação antiga com surdos sinalizantes e pesquisadores que tratam da questão da surdez. Os excertos extraídos do blogue B2, estão alinhadas com a perspectiva da Sinalização enquanto ordem indexical. A apropriação de termos largamente utilizados na literatura científica que estuda os surdos sinalizadores, onde a surdez (na perspectiva do ouvinte) é referenciada na linha 1 do excerto 01 como: patologizada, medicalizada, ou ainda na linha 4, através do neologismo “normouvintização”, indicializam uma proximidade e conhecimento da literatura conhecida e alinhada com os “estudos surdos”. As demandas da comunidade surda sinalizante em Libras, são explicadas no excerto 02.

Quadro 11 — Excerto 01- Blogue B2

1.	A surdez é, assim, institucionalizada, patologizada, medicalizada, entremeada
2.	por ideários que se forjam naturais no senso comum: e o que se ouve como
3.	respostas imediatas e, por vezes, irrefletidas (talvez por soarem “óbvias”) são
4.	falas que pretendem a normouvintização [A adequação a uma existência
5.	pautada por modelos ouvintes.] e a “inclusão” dos sujeitos surdos a modos
6.	dominantes de agir, pensar, sentir e se expressar.

Fonte: Blogue Cultura Surda, sem data.

Quadro 12 — Excerto 02- Blogue B2

1.	Surdo”, em distinção a “deficiente auditivo” (aquele que não reconhece as
2.	“práticas culturais surdas e que, tampouco, expressa uma identidade Surda), é
3.	palavra usada e preferida por muitos sujeitos Surdos e, ao contrário do que
4.	alguns acreditam, não soa depreciativa ou ofensiva. Com uma intencionalidade [...]

Fonte: Blogue Cultura Surda, sem data.

Ao levar em consideração o conteúdo do excerto 02, em que autor reafirma a distinção propugnada pela comunidade surda sinalizante, a do uso da palavra Surdo com “S” maiúsculo. Temos, que, apesar de fortemente engajado com as causas dos surdos sinalizantes, o Blogueiro manifesta uma posição reflexiva sobre questões que vão interferir nas apropriações identitárias dos surdos. Admite quão controversas são as concepções sobre a surdez mesmo entre os próprios surdos, como se infere do excerto a seguir:

Quadro 13— Excerto 03- Blogue B2

1.	Daí a negação, neste
2.	blog, de entender “normalização” como processo perpetrado
3.	exclusivamente por forças ouvintistas.

Fonte: Blogue Cultura Surda, sem data.

No texto “A luta contra o ouvintismo”, que é um vários textos presentes na aba “cultura surda?” do cabeçalho do site B2, o Blogueiro 2, propõe uma densa discussão sobre as questões que envolvem as identidades surdas, onde faz um apanhado das conquistas dos surdos usuários das línguas de sinais, e discorre sobre os novos dissensos que a popularização do “ouvido biônico” trouxe para dentro das famílias e comunidades surdas. Apesar de reconhecer o Ouvintismo como hegemônico, admite a complexidade da situação dos surdos, em especial, com a popularização e avanços dos IC’s. Como se observa no excerto a seguir:

Quadro 14 — Excerto 04- Blogue B2

1.	Os dissensos sobre o implante coclear, as abordagens médicas e culturalistas (das
2.	moderadas às mais radicais), a aceitação e a luta contrária ao ouvido biônico trazem à
3.	superfície a complexidade e a mobilidade das fronteiras traçadas entre as compreensões
4	clínicas e as concepções sócio-antropológicas da surdez. Uma região conflituosa, espinhosa,
5	que exige um grande cuidado para ser (re)tratada.

Fonte: Blogue Cultura Surda, sem data.

Nas linhas 1 e 2, o Blogueiro 2 alude às posições moderadas e ou radicais acerca dos IC’s, o que trazem à tona a complexidade e força a mobilidade das fronteiras que vão distinguir os surdos sinalizantes e os implantados. Ainda nas linhas 2 e 3, ao admitir tanto a moderação quanto o excesso dos defensores de uma

ou outra abordagem (que nomina de médicas x culturalistas), o Blogueiro 2, por sua postura reflexiva, indicializa um ponto de vista que não coaduna com o binarismo por nós inferido em outros conteúdos, quais sejam: os das ordens de indexicalidade Sinalização e Oralização.

Ainda que por sua história o Blogueiro 2 assuma sua proximidade e identificação com surdos sinalizadores, não se pode afirmar que ele opere, irrefletidamente, somente na ordem indexical Sinalização. Por tudo isso, concluímos que o Blogueiro 2, opera numa terceira ordem de indexicalização. Uma ordem Híbrida, que vai congrega aqueles que não segregam ou não admitem a diversidade das identidades surdas. Sobre a ordem de Indexicalidade Híbrida, retomaremos sua caracterização mais adiante. A reiteração da posição híbrida do Blogueiro 2, é expressa no texto “Identidades Surdas”, do qual retiramos o seguinte excerto (parágrafo 27):

Quadro 15 — Excerto 05- Blogue B2

1.	Há diferentes tipologias e etiologias da surdez (surdez leve, moderada, severa
2.	ou profunda; condutiva, neurosensorial, mista, etc). [...]
3.	Há surdos usuários das línguas
4.	de sinais, há surdos oralizados, há surdos que transitam – sem grandes
5.	constrangimentos, nem dificuldades – entre os gestos e a fala. Há surdos
6.	usuários de aparelhos auditivos (Aparelhos de Amplificação Sonora Individual
7.	– AASI), há surdos implantados (Implantes Cocleares – IC), há surdos que, por
8.	uma série de motivos, rejeitam e desdenham quaisquer tipos de próteses. Há
9.	surdos filhos de pais ouvintes (a grande parte dos surdos), há surdos filhos de
10.	pais surdos. Entre esses e tantos outros “hás”, emerge um mundo de diferenças
11.	ligadas à surdez.

12.	Falar em povo surdo, assim, não é assumir a imagem cristalizada de um sujeito
13.	Surdo usuário de língua gestual, que partilha das comunidades e das práticas
14.	culturais Surdas; tampouco é reforçar estereótipos ouvintizadores da surdez. É,
15.	antes, atentar à diferença e entender esse universo como um campo de forças
16.	complexo, não harmônico, movimentado por diferentes atores e lugares do discurso.

Fonte: Blogue Cultura Surda, sem data.

Como indicializa o excerto 05, o Blogueiro 02, opera numa ordem de indexicalidade que admite e faz sua autocrítica (linhas 12 e 13) e reflexivamente, contesta o reforço dos estereótipos dos ouvintes acerca dos surdos sinalizantes entre os mesmos (linha 14). Ao assumir a pouca harmonia e a complexidade do universo relativo à surdez, o Blogueiro 02 expõe o que seriam alguns dos componentes da Ordem de Indexicalidade Híbrida.

4.2.5 análises excertos blogue B7- Marcelo de Paula

O blogue B7, é bastante significativo no tocante às questões que envolvem as diferentes percepções sobre a surdez, especialmente, quando contextualizamos a trajetória do autor. Relembrando: o Blogueiro 7 ficou surdo aos 8 anos e, portanto, é um surdo pós-lingual. Fez uso de AASI e de leitura labial. Aos 16 anos teve contato com usuários de Libras, ocasião em que fez amigos e ficou fluente na língua de sinais. À época da última atualização do blogue, o autor havia realizado dois implantes cocleares. Maravilhado com os avanços auditivos que conseguiu, o Blogueiro 7 afirma usar a língua de sinais em determinadas ocasiões, ainda que esteja ouvindo bem. Nos depoimentos constantes em sua página, o autor descreve a relação com a comunidade surda sinalizadora, a qual é sempre referida como boa e afetuosa. Entretanto, tais depoimentos indicializam que tal relação pode ter sofrido crises, a partir da decisão do Blogueiro 7 por realizar a primeira cirurgia de IC. Escolhemos dois excertos de textos constantes em seu blogue para embasar nossa percepção, o qual transcrevemos a seguir, sendo o primeiro excerto retirado do texto “Eu já fui um anti-IC”.

Quadro 16 — Excerto 01- Blogue B7

1.	Aos 16 anos eu entrei para uma ONG e conheci dezenas
2.	de surdos que usavam LIBRAS.. [...]
5.	LIBRAS, foi super bacana e uso até hoje em certas
6.	ocasiões.
7	Mas espere! Que texto mais confuso. Sim, agora eu
8.	conto aqui pra você leitor, eu NÃO queria o Implante
9.	Coclear NÃO QUERIA MESMO. Que papo é esse de "cortar
10	a cabeça" para colocar um aparelho, se hoje temos o
11.	AASI??? [...]
16.	Ai pensei. E a cirurgia
17.	do Implante Coclear, por que não testar? Se não der
18.	certo, não vou perder nada mesmo. Sei libras, sei
19.	escrever e tenho muitos amigos, se são meus amigos
20.	de verdade, eles vão continuar me amando.
21.	independente de eu fazer a cirurgia ou não. [...]
23.	Meus pais e amigos foram contra.

Fonte: Blogue Marcelo de Paula, 2015.

Acerca da cirurgia de IC, cabe aqui uma breve descrição desse procedimento, com o propósito de contextualizar melhor a análise do excerto

escolhido. O procedimento, segundo Brito et al. (2014), é clinicamente consagrado a pelo menos quarenta anos, o que não o exime dos riscos afeitos a qualquer procedimento cirúrgico. Com efeito, a cirurgia demanda o uso de anestesia geral, e pode durar por volta de duas horas e meia. São realizados dois procedimentos: primeiro abre-se o osso temporal para atingir a cóclea (procedimento denominado de mastoidectomia); após, implanta-se o processador interno, um filamento que contém cerca de 24 eletrodos que substituirão as funções das células ciliadas da cóclea. O paciente tem alta, em geral, um dia após a cirurgia, mas a ativação dos eletrodos se dará após 5 semanas. Os riscos de infecção, zumbido, distúrbio no paladar, tonturas e paralisia do nervo facial, ainda que considerados raros, podem acometer o implantado⁶⁴.

O excerto em seu conteúdo indicializa dois aspectos que marcam a decisão do autor por fazer a cirurgia de implante do IC: uma justificativa e uma afirmação. Os índices que apontam para a justificativa mostram-se a partir da escolha do título: “Eu já fui um anti-IC”, e são mais contundentes a partir da linha 7 até a linha 11. Esse trecho expressa uma crença comum entre usuários de Libras e AASI, relacionada aos perigos de “cortar a cabeça” para realizar o implante. Tais argumentos denotam que o autor operava na ordem de indexicalidade Sinalização, que pode conter em seus grupos, elementos fortemente contrários à realização de IC’s. A partir da linha 16 o autor pondera sobre a decisão, aparentemente já tomada, por realizar a cirurgia. A decisão é cercada de receios, mas entre as linhas 17 e 21 seus questionamentos indicializam uma afirmação da decisão, pois ao analisar os prós e contras ele conclui que não tem nada a perder, pois sabe Libras, sabe escrever e tem amigos (linha 19). A amizade é questionada quanto a sua verdadeira extensão, pois não pode estar condicionada à realização ou não da cirurgia, isto é, se os amigos forem, de fato, amigos de verdade. Essa frase indicializa quanto ao poder de rejeição ao IC, o que pode resultar até em perdas de “amigos”. É como se a cirurgia de IC fosse considerada uma traição aos valores da comunidade surda sinalizante, que não é implantada. Ao final, o autor lembra que seus amigos e pais

⁶⁴ Para melhores esclarecimentos, vide o anexo 01 deste trabalho, que tem a transcrição completa do “Termo de Consentimento esclarecido implante coclear” constante em Brito et al (2014), onde se expõe de forma bastante didática como é o procedimento cirúrgico do implante, suas vantagens, cuidados e os riscos e complicações que podem advir da cirurgia.

foram contra. O excerto traz, por suas indicialidades, uma característica da ordem de indexicalidade “Sinalização”, no seu espectro mais extremado, qual seja: a não tolerância com a mudança para o “outro lado”, para o lado ouvinte. Note-se que o autor já era usuário de AASI e era integrado a um grupo usuário de Libras. Resta também, indicializado, que o autor não vai negar sua experiência com a Libras (linhas 1 e 2), o que nos leva à conclusão de que o mesmo, opera em uma ordem de indexicalidade Híbrida.

O segundo excerto que trazemos, intitulado “Escolhas” consta do início da página do blogue, logo após o cabeçalho. O texto é um libelo em favor da escolha de realizar o IC, e indicializa o quanto pode ter sido difícil para o autor enfrentar as consequências de suas escolhas.

Quadro 17 — Excerto 02- Blogue B7

1.	Acho que ninguém tem o direito de se meter nas escolhas dos outros.
2.	Se os pais de uma criança querem que ela seja usuária do Implante
3.	Coclear. Os pais estão no direito deles e NINGUÉM deve interferir. [...]
6.	O mundo é cheio de SONS. Nossa primeira língua oficial do Brasil é a
7	língua portuguesa.
8.	Se comunicar com as pessoas sem depender de outros torna a vida muito
9.	mais fácil
10	O Implante Coclear tem tornado a vida de milhares de pessoas mais fácil
11.	e mais feliz.
12.	Se alguém é contra o Implante Coclear. Não opere, e deixa que os outros
13.	decidam por si mesmo. Simples assim?

14.	Agora querer impedir os outros de ouvir é um absurdo. Cada um tem suas
15.	escolhas. [...]
18.	"Sou surdo. Mas minha alma é ouvinte"
19.	Minhas escolhas sou EU quem faço e ter optado pelo IC foi sem duvida
20.	uma das melhores escolhas que fiz na vida.

Fonte: Blogue Marcelo de Paula, 2015.

O conteúdo no excerto é categórico ao defender direito de escolha das pessoas para realização ou não do IC. Se justifica nas linhas 2 e 3 pelo simples direito de opção, e no caso em questão, quando o surdo é criança, é defendida a opção de escolha pelos pais. O autor justifica na linha 6: "O mundo é cheio de SONS." Em parte, na mesma linha, o autor, ainda justificando, passa a operar na ordem de indicialidade Oralização, quando escreve: "Nossa primeira língua oficial do Brasil é a língua portuguesa". Nas linhas 08 e 09 o autor opera numa ordem de valoração que expressa o quanto a exclusão dificulta a existência. Lembra que se comunicar sem intermediários é muito mais fácil, indicializando a não necessidade de intérpretes, como mais uma justificativa para sua opção. Nas linhas seguintes o autor reafirma o absurdo que é para ele, tentar impedir os outros de ouvir (linha 14). Na linha 18 ele reitera: "Sou surdo. Mas minha alma é ouvinte", o que justificaria por si só suas escolhas, dentre elas, a realização do IC, considerada "uma das melhores escolhas" da sua vida, como constam das linhas 19 e 20. O texto, em seu todo, indicializa o sofrimento que deve ter passado o autor para justificar sua escolha entre seus pares. Neste excerto, mais que no primeiro analisado, o autor tende a operar mais na ordem de indexicalidade Oralização, como que para reforçar seus argumentos para a decisão de realizar o implante: "O mundo é cheio de SONS" ; "Nossa primeira língua oficial do Brasil é a língua portuguesa".(linhas 6 e 7).

4.3 Considerações sobre as indicialidades e as Ordens Indexicais

Como afirmado na seção sobre as ferramentas analíticas, os índices nos levam ao contexto e às Ordens Indexicais que norteiam o que o(s) índice(s) vai (vão) expressar.

Assumir o termo deficiência indicializa uma disputa por prestígio e poder, ainda que, do ponto de vista legal, a legislação não se refira ao termo “diferença linguística”, conceito defendido pelos usuários de Libras, e sim ao termo “pessoa com deficiência” (PCD), como se observa no capítulo II, § 1º do Decreto 5.296 (que regula a lei de acessibilidade onde o portador de deficiência é definido como aquele que “[...] possui limitação ou incapacidade para o desempenho de atividade [...]”). Mais adiante o decreto em seu inciso I, item b (BRASIL, 2004), define deficiência auditiva como “(a) deficiência auditiva: perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz; [...]”. Não obstante o fato do surdo usuário da língua de sinais poder usufruir de todos os direitos previstos na lei, observa-se uma iniciativa para o deslocamento ou manipulação do prestígio e portanto, do estigma em paralelo, dos surdos oralizados e do termo deficiência auditiva, aliado à proposta do uso do termo SURDOS (todas as letras em maiúsculas, como no blogue B8) que indicializa uma clara reação ao Surdo (com S inicial maiúsculo) dos usuários de Libras, como defendido no blogue B2 (Cultura Surda) e, mesmo o termo surdo como tipificado pela Lei de Libras (BRASIL, 2002). Ainda que do ponto de vista do direito, o termo PCD, iguala todos os surdos, parece que a luta é para que o termo deficiente afigure mais prestígio social, na tentativa de distanciar os deficientes auditivos (oralizados) dos surdos usuários de línguas de sinais, pois no texto, quase um manifesto, constante do cabeçalho do blogue B8, o autor escreve: “SOMOS SURDOS E DEFICIENTES AUDITIVOS” (Blogue Surdos Usuários da Língua Portuguesa-SULP, sem data).

Tendo as causas dos surdos usuários de Libras ganhado visibilidade e avanços nos aspectos legais, os surdos oralizados, ao operarem na Ordem Indexical Oralização, tomam para si o termo deficiente como circunscrito a sua condição, pois os demais seriam sinalizadores. Tal fato indicializa um sentir-se ameaçado, por parte dos surdos oralizados, quando associados, ou imiscuídos, aos surdos sinalizadores.

Resta retomar a questão da ordem indexical Híbrida, necessária para justificar a inferência desta postura que não é calcada no binarismo Oralização x Sinalização. O que vai caracterizar a ordem indexical Híbrida, é aceitação da diversidade, como elemento a ser respeitado, assim como a liberdade de escolha

dos indivíduos que compõem a comunidade surda, que não deve ser reprimida, numa reflexividade que visa superar os binarismos.

4.3.1- Análises e considerações quanto à Iconização, a Recursividade Fractal e Apagamento:

A Iconização, a Recursividade Fractal e o Apagamento são processos imbricados. Quando iconizamos, vamos fornecer recursos para a criação e afirmação das diferenças que gerarão os apagamentos. Os processos de tentativa de lexicalização em curso, de um lado o “surdo” com “s” maiúsculo e do outro lado os SURDOS (todas as letras em maiúsculas) e ainda, os “deficientes auditivos” são constituintes das instâncias do Apagamento, uma vez que iconizam grupos, numa díade “sou” “não sou” e, que são usadas como recurso, ou recursivamente, para alimentar as diferenças, que se consolidarão nos apagamentos linguísticos e, conseqüentemente das outridades.

As discussões sobre as iconizações entre os surdos, e de suas alteridades, estarão relacionadas à questão das “normalidades”, percepção embebida em significações culturais que instituem discursos. Lunardi e Machado (2007) problematizam a questão a partir da constatação de que entre os discursos sobre alteridades surdas que circulam, especialmente nos meios acadêmicos, corre-se o risco de uma imposição de uma normalidade restritiva, que idealiza o aluno surdo ideal, como sendo o usuário de Libras, apagando dessa forma todas as outras alteridades surdas. Machado se questiona: “Teria eu construído ao longo de minhas relações a representação de um modelo de sujeito surdo, uma espécie de ‘normalidade surda’?” (MACHADO, 2005, p. 10), o que endossaria uma espécie de “ouvintismo” ao contrário, ao idealizar um “surdo modelo”. Retomando Hall (2000), que concebe tanto a diferença quanto identidade, entes interpelados pela linguagem e produtos ou invenções sociais, as autoras discutem como as diferentes formas de outridades surdas travam um embate nas ordens discursivas que tentam enquadrar um parâmetro para a “normalidade surda”.

A criação e delimitação do conceito de “ouvintismo” (SKLIAR, PERLIN) configura por si só um processo de iconização, quando eleger uma característica, no caso a faculdade da audição, como definidora de um grupo, sem levar em conta a diversidade de qualquer grupo, para posteriormente, como recurso eleger os ouvintes como o “outro”, aquele que devo evitar, ou excluir. Tal processo se

concretiza no apagamento, seja linguístico, seja social. Acerca destes processos, que têm em seu cerne concepções binárias sobre o campo da surdez (ouvinte/surdo; maioria/minoria; ouvintismo/gestualismo, dentre outros, Rodrigues e Beer (2016) nos alertam que estes mecanismo se expressam entre usuários de Libras, em uma perspectiva excludente, que proíbe expressões de oralidade entre seus membros e demonizam os implantes cocleares. Tais expressões segundo os autores reduz a noção de direitos, o que conduz ao cerceamento das escolhas individuais.

Como já exposto anteriormente, a iconização vai criar ou permitir a criação do “outro”, e por conseguinte, do “um” quando se referem a si mesmos. Assim usuários de Libras e surdos oralizados, recursivamente recriam o que a princípio eles combatiam e negavam (a classificação, a discriminação e a exclusão) seja entre eles mesmos, seja entre os “outros” (Recursividade Fractal). O apagamento, então, se materializa no ignorar as peculiaridades do outro, na tentativa de idealizar e cobrar um comportamento padronizado de seus pares. Assim, se sou surdo oralizado, não devo usar Libras, e o contrário também: se sou surdo sinalizante, não devo oralizar e muito menos me sujeitar ao imperativo oralista de me submeter a implante. Os apagamentos, por vezes, são indicializados somente, porque tácitos ou pouco manifestos, como discutido anteriormente. O processo de lexicalização também se apresenta como uma faceta do apagamento, pois delimita o que não sou ou não quero ser associado com. Quando trabalho para lexicalizar surdo com todas as letras maiúsculas, quero me distanciar do surdo com “S” maiúsculo, este termo já lexicalizado. Por sua vez o surdo com “S” maiúsculo, nascido para ser uma distinção conceitual acadêmica, indicializa uma posição política, por vezes avessa às diversidades, o que contribui para o apagamento do outro.

Não poderia ser diferente entre os surdos implantados, pós-linguais e usuários do Português como primeira língua. Iconizam os usuários de Libras, desconhecendo também sua diversidade. Repetindo o processo que leva ao apagamento. Seria ingenuidade conceber que as Ordens de Indexicalidades demonstradas nesta pesquisa, não admitam exceções ou gradações. Entretanto, tais exceções só confirmam a regra: se sou assim, não sou assado, se sou sinalizante, não oralizo, se oralizo, não sinalizo. Os binarismos simplistas contribuem apenas para aumentar o isolamento e diminuir a convivência, trabalhando em favor de uma padronização que desconhece as diferenças,

configurando um “jogo de soma zero”, em que ninguém ganha. Os dissensos intra e extragrupos enfraquecem a luta para a consolidação de conquistas e direitos da comunidade surda, que não pode ser reduzida ao binarismo “sinalização/oralização”.

Um dos exemplos mais significativos do processo de iconização, por parte dos surdos oralizados, é o constante do excerto a seguir, retirado do Blogue B1 (Crônicas da Surdez), do qual fizemos a análise:

Quadro 18 — Excerto 02 - Blogue B1

12.	Se ela faz parte da comunidade surda que usa Libras, certamente será
13.	desaconselhada pelos seus pares a tentar ouvir...:/

Fonte: Blogue Crônicas da Surdez, 2017.

Nas linhas 12 e 13, tem-se a frase: “Se ela faz parte da comunidade surda que usa Libras, certamente será desaconselhada pelos seus pares a tentar ouvir...:/”. O símbolo ...:/ é usado nas interações online para designar enfado, pena, ou ainda “já vi esse filme”, reações sem emoção ou indecisão, apontando que a Blogueira 1 opera numa ordem de indexicalidade naturalizada, uma postura que pressupõe que todos os surdos que se expressam em Libras, são engajados nas causas surdas, que se assumem na identidade surda segundo a classificação de Perlin (2003), que irão rejeitar todos os procedimentos relacionados à oralização dos surdos e, portanto, desaconselharão a realização da cirurgia de IC como mecanismo de reabilitação auditiva.

Aqui se percebe uma iconização, já que a fala indicializa uma postura cristalizada e generalizante: os outros ou os surdos que usam Libras, ou os pares da filha de Ator 1, desconhecem ou se posicionam contrários ao IC. Aquilo que é contingente, ou seja, não é invariável, nem inexorável, aparece como indefectível da comunidade que se comunica em Libras em seu todo. A Blogueira opera numa ordem de indexicalidade que se pressupõe superior, pois tem como certo que os surdos usuários de Libras irão desencorajar a filha de Ator 1, o que não se pode afirmar que todos farão.

É certo que há surdos que em sua afirmação identitária defendem a Libras como única forma legítima de expressão e comunicação das comunidades surdas.

Mas o contrário também pode ser encontrado. Ainda que em menor número, há surdos usuários de Libras que também optam pela cirurgia de IC, e outros que mesmo não se interessando pelo dispositivo, acolhem e respeitam a opção dos surdos implantados. Por sua vez, também existem surdos oralizados e implantados que ensinam Libras, fonoaudiólogos que são bilíngues e promovem o incentivo tanto da oralização quanto da Libras e, ainda, surdos implantados que não usam a Libras, e assim por diante.

Em geral, da iconização para a recursividade, o primeiro passo está dado. O excerto demonstra a reprodução do que se quer negar, classificando, elegendo o outro, e a busca pelo conforto nas comunidades afins das escolhas, sentimento indicializado pela fala do Ator 1, ao descrever o medo da filha, que indicializa, por sua vez, o quanto a opinião dos seus pares surdos têm importância para ela, a despeito da opinião de sua mãe. Por fim, para o apagamento, em geral tácito e inconsciente, o caminho já está aberto.

Os apagamentos nos blogues dos surdos oralizados, por vezes não são explícitos como no blogue B4 nas linhas 3 e 4 reproduzidas a seguir. Às vezes são operados tacitamente, seja pelo pouco espaço disponibilizado à Libras (blogues B1 e B4, Crônicas da Surdez e Desculpe não ouvi) seja pela outorga da fala sobre Libras a colaboradores (B4), ou ainda, pela omissão ou ausência pura e simples, de referências a outros grupos como se observa em B8 (SULP's) e no blogue B6 (Igualmente diferentes) onde consta uma aba que disponibilizaria conteúdos em Libras, mas ao acioná-la somos levados a um texto sobre deficiência, escrita por uma amiga da Blogueira 6, sendo que em tal texto, não se aborda Libras.

Quadro 19 — Excerto 01 Blogue B4

1.	Não tenho qualquer identificação com a LIBRAS e, por isso, não escrevo
2.	sobre ela e não tenho interesse no assunto.
3	Respeito, contanto que não tentem me impor nada em relação a isso

Fonte: Blogue Desculpe não ouvi (sem data)

No quadro 20, temos o segundo excerto retirado do B4, onde a Blogueira 4 explica que desde a criação do seu blogue “Desculpe não ouvi (DNO)”

ela foi cobrada pela ausência de Libras no conteúdo do seu blogue (linha 1). De novo ela reafirma, na linha 2 sua falta de afinidade e de interesse em relação à Libras, mas como admite que o assunto permeia a deficiência auditiva, ela publica um texto informativo escrito por uma amiga (xxx) que também é implantada. Aqui o apagamento é individual, sutil e indicializado pela outorga de procuração da fala.

Quadro 20 — Excerto 02 - Blogue B4

1.	Desde que comecei a escrever o DNO, em abril de 2009, me cobram que falta falar de LIBRAS por aqui
2.	Confesso que não tenho afinidade nenhuma com a língua de sinais e não tenho muito interesse de
3	elucubrar o assunto. Mas, já que é um dos muitos assuntos que permeiam a deficiência auditiva, trouxe
4	um texto informativo para ajudar alguns ouvintes que têm dúvidas sobre a LÍBRAS.
5	Quem escreveu foi a minha amiga (xxx), que tem bastante conhecimento no assunto e também
6	é implantada.

Fonte: Blogue Desculpe não ouvi (sem data)

O apagamento também é indicializado pela omissão, do lado dos defensores das línguas sinalizadas. A omissão se dá pela falta de espaço dedicado a outras identidades surdas. Sendo assim, o apagamento é materializado via reducionismo, pois quando os surdos oralizados são referenciados, apenas suas características “Ouvintistas” são lembradas ou reforçadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No objetivo geral, quando estabelecemos o intento de identificar quais as IL que circulam na instância midiática que é o blogue, entendemos que através da percepção das ordens indexicais (SILVERTEIN, 2004), se apresentaram duas grandes linhas de marcação ideológicas: a Oralização e a Sinalização. Ambas entremeadas por uma percepção Híbrida. Tais Ordens de Indexicalidade municiam outros fenômenos que se mostraram por meio das noções de Iconização, Recursividade Fractal e Apagamento (IRVINE e GAL, 2000).

Neste sentido, considerando todas as análises realizadas, inferimos que os excertos dos blogues analisados expressam orientações conduzidas pelos seguintes aspectos: os surdos oralizados, que operam na Ordem Indexical Oralização, assumem com naturalidade a condição de deficientes. No blogue SULP's, a apropriação do termo "deficiente" pretende ser vinculada aos surdos oralizados e usuários de Português, pós linguais, indicializando uma oposição aos surdos usuários de línguas de sinais. Novamente percebe-se a ideia de uma etapa do construir identitário, materializada em uma negação: se uso a Língua Portuguesa, não "sinalizo", portanto não sou Surdo (com "s" maiúsculo).

As análises dos textos e excertos permitiu-nos observar que os surdos oralizados e implantados tratam e referem-se com naturalidade a sua condição auto espelhada de deficiente auditivo. O termo "deficiente" não lhes incomoda, antes, é fator de distinção identitária, como constatado nas análises. Sem descartar as noções de deficiência e diferença, aludidas aqui como uma perspectiva socioantropológica e considerada uma construção teórica que se firma, sobretudo, nas questões que envolvem surdos sinalizadores em Libras, enxergamos a necessidade de aprofundar as questões que demonstrassem como a deficiência é considerada nos textos e excertos em análise.

As IL se expressam em grandes ordens indexicais, como já exposto. Operam na tentativa de determinar padrões. Linguisticamente, quando lutam para determinar qual língua deve representar o indivíduo surdo: para os surdos sinalizantes, a Libras; já para os surdos oralizados, o Português. Socialmente, as IL são manifestadas na luta por afirmação identitária: deficiente ou surdo (ou ainda, Surdo, grifo nosso). Lexicalizar os termos, confere prestígio ao grupo e baliza a

determinações de padrões, que necessariamente vão tentar se impor a outras manifestações.

Outro objetivo que tínhamos por propósito alcançar dizia respeito à relação entre as temáticas e a afirmação das identidades dos dois grandes grupos sociais analisados. Sobre esse aspecto, nos pareceu que o tempo todo tal afirmação se apresentou. Seja explicitamente, como demarcação de território no Blogue B8; seja tacitamente, quando, ao compartilhar as experiências, os autores dos blogues defenderam suas opções, e, por vezes, descartaram as opções dos outros.

Nossa percepção foi a de que havia uma batalha em curso, desenvolvida em dois *fronts*: na afirmação identitária e no *front* ideológico-linguístico, que por vezes se entrelaçavam. Na afirmação identitária por parte dos surdos oralizados há uma tentativa de manipulação do estigma, particularmente ao assumir o termo “deficiente” por essa comunidade. Observou-se, também, que há uma pretensão de que o termo deficiente seja associado à comunidade surda oralizada, em franca tentativa de marcar território com relação aos usuários de Libras.

As inquietações que nos trouxeram até aqui nos conduziram por caminhos em que uma constante e latente incerteza se fez presente: as questões que se apresentam quando estudadas pela ótica das IL, como aqui desenvolvidas, seriam inerentes à condição humana quando constituída em grupos? A intolerância e mesmo a estigmatização poderiam ser debeladas se convivêssemos mais com aqueles que segregamos, sejam surdos, cegos, LGBT’s, dentre outros excluídos? O desenvolvimento da pesquisa não pacifica essas questões, mas aponta para a existência de alternativas, materializadas nas posturas de indivíduos que questionam, porque admitem que não há homogeneidades identitárias.

Este trabalho não pretendeu e, obviamente, não esgotou as possibilidades de aprofundamento das questões levantadas. Aspectos como o da mercantilização da Surdez, como indicializados na maioria dos blogues de surdos implantados, e explicitamente no Blogue *HandTalk* do Hugo (B5) poderiam ser mais explorados, porque guardam relações simbólicas com vários aspectos aqui discutidos. Aspectos da glamourização dos implantes e mesmo da surdez implantada, são assuntos pouco aprofundados também, e guardam possibilidades imensas para futuros trabalhos. Os aspectos da tipificação legal das condições sobre a surdez: deficiente auditivo ou surdo, ou pessoas com deficiências em ambos os casos, se oralizados ou sinalizantes, também merecem uma ampliação da discussão.

Destacamos ainda que as ferramentas analíticas a que tivemos acesso configuram uma aproximação que, provavelmente, podem ser utilizadas no estudo de quaisquer outros grupos sociais. Os mecanismos que emergem da aplicação de tais ferramentas podem propiciar uma visão menos dicotômica das nossas práticas sociais, porque expõem-nas.

Este trabalho, ao levantar questões sobre IL, identidades e estigma, intentou ser uma modesta contribuição, no sentido de explicitar que os dissensos entre os grupos expressos nos textos dos Blogueiros por vezes configuram uma disputa, uma corrida em raias separadas, quando não deveriam haver raias. Que o embate bastante “ruidoso” entre os surdos implantados e usuários da língua portuguesa e os surdos e ouvintes defensores da Libras e da Cultura Surda é, a nosso ver, contraproducente, quando se almeja a tolerância social e a desnaturalização das crenças sobre a surdez, em suas diversas manifestações e formas. Esperamos, também, que as discussões aqui levantadas contribuam para que se questione as crenças e arquétipos relacionados ao fenômeno da surdez e estimulem novas abordagens sobre essa temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMADOR. In: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

AMARAL, A; RECUERO, R; MONTARDO., **Blogs: Mapeando um objeto**. Trabalho apresentado no VI Congresso Nacional de História da Mídia, no GT História da Mídia Digital. Universidade Federal Fluminense, 13 a 16 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Blogs%20Mapeando%20um%20objeto.pdf>. Acesso em outubro de 2018.

AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLMAN, L. M. A. Stigma reconsidered. In: AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLMAN, L. M. A.. (Ed), **The Dilemma of Difference** (1-13). New York: 1986, Plenum.

ANDRONIS, Mary Antonia. **Iconization, Fractal Recursivity, and Erasure: Linguistic Ideologies and Standardization in Quichua-Speaking Ecuador**. Austin: 2004. .Texas Linguistic Forum, 47, Disponível em: <http://salsa.ling.utexas.edu/proceedings/2003/andronis.pdf>. Acesso em setembro de 2017.

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre: 2009, Artmed.

ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS (AOIR). **Ethical decision-making and Internet research 2.0: Recommendations from the AoIR ethics working committee**. Chicago:2012. Website. Disponível em: <https://aoir.org/reports/ethics2.pdf>. Acesso em setembro de 2017.

AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: 1998. Artes Médicas.

BAMPI, L.; GUILHEM, D.; ALVES, E. **Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência**. Revista Latino-Americana de Enfermagem. Brasília: 2010, v. 18, n. 4, p. 816-823. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4224>. Acesso em abril de 2019

BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo:1997, Martins Fontes, p. 318.

BAQUEIRO, R. V. Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**. Porto Alegre: 2012, v. 6, n. 1, p.173-187.

BORELLI, J. D. V. P. Linguística Aplicada e formação de professores: convergências da atuação crítica. In: **Reflexão e crítica na formação de professores de língua estrangeira**. Goiânia: Editora UFG, p. 15-30, 2011

BARÔMETRO. In: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro:2009, Ed. Objetiva.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. **Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social**. Tradução de Vânia Z. Cardoso. *ILHA*, Revista de Antropologia, p.185-229, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: 2005, Jorge Zahar Editor.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: 2003, Jorge Zahar Editor.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 230.

BERLATTO, Odir. A construção da identidade social. In: **Revista do Curso de Direito da FSG**, Caxias do Sul: 2009. Ano 3, n. 5, p. 141-151.

BERNARDES, Raquel. Implante Coclear e sua Relação com a Identidade do Implantado: Expectativas e Possibilidades. **V Encontro de Pesquisadores em Educação Especial e Inclusão Escolar, 2014**. Disponível em: http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VIseminario/trabalhos/oral/eixo7/18_implante_coclear_e_sua_relacao_Raquel.pdf. Acesso em fevereiro de 2019.

BICULTURAL. In: **Dicionário de termos linguísticos- Portal da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2853>. Acesso em abril de 2019.

BLOGUE. In: **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)**. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em abril de 2019.

BLOMMAERT, Jan. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Situar a língua[gem]**. São Paulo:2008, Parábola. p. 91-115.

BLOMMAERT, Jan. **A sociolinguistics of globalization**. Cambridge: 2010, Cambridge University Press.

BLOMMAERT, Jan. Language and Superdiversity. In: **Diversities**. UNESCO: 2011, vol. 13, no. 2, p.1-21. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000214772.nameddest=214780>. Acesso em outubro de 2018.

BLOMMAERT, J.; BULCAEN, C. (2000). Critical Discourse Analysis. In: **Annual Review of Anthropology n. 29**: 447–466. Disponível em: https://www.academia.edu/6061266/Critical_Discourse_analysis_Journal_Review. Acesso em abril de 2019.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Londres: 1935. George Allen & Unwin Ltd. Disponível em: <http://arrow.latrobe.edu.au:8080/vital/access/manager/Repository/latrobe:34348>. Acesso em março de 2017.

BOAS, Franz. Introduction. In: F. BOAS (Org.) **Handbook of American Indian Languages**. Washington DC: 1911. Government Printing Office, p. 70-71. Disponível em: <https://repository.si.edu/handle/10088/15507>. Acesso em março de 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. Brasília: 1986, Editora Brasiliense, Universidade de Michigan.

BRASIL **Decreto 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em maio de 2017.

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em maio de 2017.

BRASIL. **Decreto nº. 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm Acesso em maio de 2017.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em maio de 2017.

BRASIL. **Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em maio de 2017.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em maio de 2017.

BRASIL. **Lei n. 13.409, de 28 de dezembro de 2016**. Altera a Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13409.htm. Acesso em maio de 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria nº 1.787, de 26 de dezembro de 1994**. Dispõe sobre a instituição do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa CELPEBRAS.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 1.278/GM de 20 de outubro de 1999**. Indica os critérios para indicação de Implante Coclear pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2776_18_12_2014.html Acesso em maio de 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 2.161, de 17 de julho de 2018**. Indica os critérios para as trocas dos processadores de fala no Sistema único de Saúde (SUS). Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/31890149/do1-2018-07-18-portaria-n-2-161-de-17-de-julho-de-2018-31890131http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2776_18_12_2014.html Acesso em maio de 2019.

BRITO, Rubens, et al. Cirurgia em Adultos. In: **Tratado de implante coclear e próteses auditivas implantáveis**. BENTO, R. et al (Eds.) Rio de Janeiro: 2014, Thieme Publicações Ltda. p. 229-337.

BRITO, Rubens, et al. Termo de Consentimento esclarecido implante coclear. In: **Tratado de implante coclear e próteses auditivas implantáveis**. BENTO, R. et al (Eds.) Rio de Janeiro: 2014, Thieme Publicações Ltda. p. 235-236.

CAPOVILLA, Fernando. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. São Paulo: 2000, **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.6, n.1, p. 99-116.

CARMO, Michel S. do. **Mapeamento dos estudos sobre Ideologia Linguística no Brasil**. ICCAL- International Congress of Critical Applied Linguistics- Brasília, Brasil-19-21 outubro de 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/iccal/pages/arquivos/ANAIS/LINGUAGEM%20EPIST.%20ONTOLOGIA/MAPEAMENTO%20DOS%20ESTUDOS%20SOBRE%20IDEOLOGIA%20LINGUISTICA%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em setembro de 2017.

COMODITIZAÇÃO. In: **Site Gestão ponto zero**. Disponível em: <http://gestao3pontozero.com.br/comoditizacao-o-que-e-e-como-evitar/>. Acesso: em janeiro de 2019.

CORAZZA. Sandra Mara. Planejamento de ensino, uma estratégia de política cultural. In: MOREIRA. Antonio Flavio (Org.) **Currículo: questões atuais**. Campinas. SP: Papyrus, 1997.

CORDEIRO, W. S. **Internet e práticas sociais: identidades e “vozes surdas” em comunidades virtuais**. Dissertação (Mestrado em Letras) — Departamento de Letras. UFRPE-Fundaj. Recife, PE, 2017. Disponível em: [:http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1537](http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1537). Acesso: em janeiro de 2019.

COSTA, Marisa. Estudos Culturais e educação: um panorama. In SILVEIRA, Rosa Maria. (Org.) **Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em educação**. Canoas: ULBRA, 2005.

CRUZ, Leonardo D. Construções de Latinidade e Ideologias Linguísticas na Internet. In: **Cadernos do Instituto de Letras, Porto Alegre**, n.º 55, p. 27-45, dezembro de 2017. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/67777/46166> Acesso em setembro de 2017.

CULTURAL STUDIES. In: **Enciclopédia Britânica online**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/cultural-studies>. Acesso: em janeiro de 2019.

DEL VALLE, J. **La lengua, ¿patria común? Ideas e ideologías del español**, Madrid/ Frankfurt: 2007, Iberoamericana/Vervuert.

DEL VALLE, José; MEIRINHO, Vítor-Guede. Ideologías Lingüísticas. In: REXACH, J. G (ed.). Ideologías Lingüísticas. In: **Enciclopedia de Lingüística Hispánica Vol. 2**. New York: 2015. Routledge, p. 622-631. Disponível em: https://www.academia.edu/28396649/Ideologias_linguisticas_-_Jose_del_Valle_y_Vitor_Meirinho. Acesso em dezembro de 2016.

DIAS, Ana Luiza K. **Ideologias Linguísticas e regimes de testes de língua para migrantes no Brasil**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), Belo Horizonte: 2017. Universidade Federal de Minas Gerais, v. 17, n.1, p. 61-81. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1984-6398&lng=en&nrm=iso. Acesso em janeiro de 2018.

DIAS, Francine de Souza. **Devir Surdo: disputas, poder e saber na produção do sujeito não ouvinte**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) — Centro de Educação e Humanidades da Faculdade de Educação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: file:///D:/Downloads/Devir_Surdo_disputas_poder_e_saber_na_pr.pdf. Acesso em janeiro de 2019.

DICAS DE ETIQUETA. **Netiqueta: O que é?** São Paulo: 2012. Website. Disponível em: <https://www.dicasdeetiqueta.com.br/netiqueta/>. Acesso em outubro de 2018.

DINIZ, D. **Deficiência, saúde pública e justiça social**. Revista Estudos Feministas, v.15 n.3, p.823-841, Florianópolis: 2007, set./dez.

DUIGNAN, B. Cultural Studies. In: **Encyclopedia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/cultural-studies>. Acesso em janeiro de 2019.

DURANTI, Alessandro. **Antropología Lingüística**. Madrid: 2000, Cambridge University Press.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthopology**. New York: 1997, Cambridge University Press.

DURANTI, Alessandro. (ed.) **A companion to linguistic anthropology**. Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, 2004. Disponível em: http://www.academia.edu/4915392/A_Companion_to_Linguistic_Anthropology_-_Alessandro_Duranti. Acesso em: janeiro de 2016.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Editora UNESP 2005.

ESPINOSA Zepeda, H. (2007). Intersticios de sociabilidad: una autoetnografía del consumo de TIC. Athenea Digital: **Revista de Pensamiento e Investigación**

Social, 12, 272-277. Disponível em:

https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/6397/ssoar-athenea-2007-12-espinosa_zepeda-intersticios_de_sociabilidade_uma_autoetnografia.pdf?sequence=1. Acesso em março de 2019.

EVELEIGH, Mark. **A cidade onde a maioria da população usa linguagem de sinais**. Revista BBC. Internet: 2019, British Broadcast Company-BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/revista-47615587>. Acesso em abril de 2019.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. Em: MOITA LOPES, L.P. da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 15-66.

FARIAS; BUCHALLA. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da Organização Mundial da Saúde: Conceitos, Usos e Perspectivas. In: **Revista Bras Epidemiol**. São Paulo: 2005. P. 187- 193. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v8n2/11.pdf>. Acesso em abril de 2019.

FETTERMAN, David M. Emic/Ethic distinction. In: **The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods vol. I e II**. Thousand Oaks, CA: 2008, SAGE Publications, Inc. p. 249.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. Londres: 1989, Longman.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Language Awareness**. Londres: 1992, Longman.

FOLHA DE SÃO PAULO ON-LINE. **Criador do Hand Talk está entre os jovens mais promissores do Brasil**. São Paulo: 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2016/03/1746569-criador-do-hand-talk-esta-entre-os-jovens-mais-promissores-do-brasil.shtml>. Acesso em: janeiro de 2019.

FRAGOSO, S. (2006) WTF a Crazy Brazilian Invasion. In: **CATaC - Cultural Attitudes Towards Technology and Communication**, 2006, In: Fifth International Conference on Cultural Attitudes Towards Technology and Communication 2006. School of Information Technology - Murdoch University, Melville Australia: 2006. v. 1. p.255-274. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/264672730_WTF_A_CRAZY_BRAZILIAN_INVASION/download. Acesso em março de 2019

FRAGOSO, Suely, RECUERO R.; AMARIAL Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANÇA, Tiago H. **Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social**. In: Lutas Sociais, São Paulo: 2013., vol.17 n.31, p.59-73, jul./dez. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/revista/vol%2031/tiago-henrique-franca.pdf>. Acesso em abril de 2019.

FREITAS, Ana. “Todxs contra x língua: os problemas e as soluções do uso dx linguagem neutrx”. In: **Nexo-Jornal Digital**. São Paulo: 2015, Nexo Jornal Ltda –

Epp. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/07/10/Todxs-contra-x-l%C3%ADngua-os-problemas-e-as-solu%C3%A7%C3%B5es-do-uso-dx-linguagem-neutrx>. Acesso em março de 2018.

GAL, Susan. Linguistic Anthropology. In: SILVERSTEIN, M. (org). **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. 2ª edition., Oxford: 2006, Elsevier Publishers. p. 171-185.

GAL, Susan. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (Ed.) **Regimes of language: Ideologies, politics and identities**. Santa Fe, New Mexico: 2000, School of American Research Press, , p.35-84. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/IrvineGal2000.pdf>. Acesso em outubro de 2018.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Tradução de FIGUEIREDO, A. et al. **Conceito de cultura**. Londres: 2008, Polity Press, 6ª Ed.p.22.

GOETZ, J. P. e LECOMPTE, M. **Etnografía y Diseño Cualitativo en Investigación Educativa**. Madri: 1988, Morata.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: 2008, LTC.

GUMBRECHT, Michelle. Blog as “Protected Space”. In the: **Workshop on Weblogging Ecosystem**. Aggregation, Analysis and Dynamics. WWW 2004. New York: 2004, ACM Press. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.197.4981&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em dezembro de 2018.

GUMPERZ, J.J. Pistas de Contextualização. In: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P.M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: 1998, Age, Cap. 6, p.99/119.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely, RECUERO R.; AMARAL Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: 2011, Sulina.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade/** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: 2006, DP&A.

HANKS, W. “Indexicality”, In: Duranti, A. (Ed.) Language matters in anthropology: A Lexicon for the Millenium. Washington (DC): 2000. Número especial do **Journal of Linguistic Anthropology**, nº 9, p. 124–126. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/jlin.1999.9.1-2.124>. Acesso em janeiro de 2017.

HERÉDIA, V. Novas tecnologias nos processos de trabalho: efeitos da reestruturação produtiva. Scripta Nova. In: **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona:1 de agosto de 2004, Universidad de Barcelona, vol. VIII, núm. 170 (9). <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-170-9.htm>. Acesso em dezembro de 2018.

HINE, C. **Virtual methods: issues in social research on the internet**. New York: 2005, Berg Publisher.

HOBBSAWM E. Identity politics and the Left. In: **New Left Review**, n. 217:

London: 1996, p. 38-47. Disponível em:

<http://banmarchive.org.uk/articles/1996%20annual%20lecture.htm>

IRVINE, J. T. When Talk Isn't Cheap: Language and Political Economy. In:

American Ethnologist 16. New York: 1989, The American Ethnologist Society, p. 248–267. Disponível em:

<https://journals.linguisticsociety.org/elanguage/pragmatics/article/download/225/225-1833-1-PB.pdf>. Acesso em setembro de 2017.

IRVINE, J. T., and Gal, S. Language Ideology and Linguistic Differentiation. In: P. V. Kroskrity (ed.), **Regimes of Language** (p. 35–83). Santa Fe, NM: 2000, School of American Research Press. Disponível em:

<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/IrvineGal2000.pdf>. Acesso em dezembro de 2018.

ISAAC, M.; VALADÃO M. N. Aspectos históricos da Educação e da RE

(Habilitação) dos surdos. In: **Tratado de implante coclear e próteses auditivas implantáveis**. BENTO, R. et al (Eds.) Rio de Janeiro: 2014, Thieme Publicações Ltda, p. 8-15.

JOHNSON, Mary Ann. **The Ebonics Debate: Perspectives and Possibilities:**

Personal Reflections, In: Journal of Pedagogy, Pluralism, and Practice: Vol. 1:Iss. 3, Article 9. Cambridge (MA):1998. Lesley University Library. Disponível em:

<https://digitalcommons.lesley.edu/jppp/vol1/iss3/9>. Acesso em janeiro de 2017.

LANE, Harlan. Do Deaf People Have a Disability? In: **Sign Language Studies**

Volume 2, Number 4. Washington (DC): 2002. Gallaudet University Press. p. 356-379. Disponível em: http://gallyprotest.org/do_deaf_people_have_a_disability.pdf
Acesso em junho de 2019.

LAKATOS, MARCONI. **Fundamentos de metodologia científica 1**. Marina de

Andrade Marconi, Eva. Maria Lakatos (Orgs.). São Paulo: 2003, Atlas

LE MASTER, Barbara; MONAGHAN Leila. Variation in Sign Languages. In:

DURANTI, A. (ed.) **A companion to linguistic anthropology chapter 7**. Malden, MA: 2004, Blackwell Publishing, p.141-165. Disponível em:

http://www.academia.edu/4915392/A_Companion_to_Linguistic_Anthropology_-_Alessandro_Duranti. Acesso em março de 2017.

LOPES, M. C. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: 2007, Autêntica.

LUNARDI, L. Márcia; MACHADO, F. Discursos sobre a surdez: problematizando as normalidades. In: **Revista Educação Especial**. Santa Maria: 2007, nº30.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4087>. Acesso em maio de 2019.

KLEIMAN, Ângela. A construção de identidade em sala de aula: um enfoque

interacional. In: SIGNORINI, Inês (org.) **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: 1998, Mercado das letras.

KOZINETS, R.V. The field behind the screen: using netnography for marketing

research in online communities. In: **Journal of Marketing Research vol. XXXIX**.

Evanston: 2002. Disponível em:
<https://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/netnography.pdf>. Acesso em dezembro de 2018.

KOZINETS, Robert. Netnography 2.0. In: R. W. BELK, **Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing**. Northampton: 2006. Edward Elgar Publishing. Disponível em:
https://www.academia.edu/1433499/Netnography_2.0._The_Handbook_of_Qualitative_Research_Methods_in_Marketing._Edited_by_Russell_W._Belk. Acesso em dezembro de 2018

KROEBER, A. L., Kluckhohn, C. Culture, a Critical Review of Concepts and Definitions. **Cambridge, Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology**. Cambridge, MA: 1952, Harvard University Press, 47, 1. Disponível em:
<http://www.pseudology.org/psychology/culturecriticalreview1952a.pdf>. Acesso em março de 2019.

KROSKRITY, P. Language Ideology. In: DURANTI, A. (ed.) **A companion to linguistic anthropology chapter 22**. Malden, MA: 2004, Blackwell Publishing, p.498-517. Disponível em:
http://www.academia.edu/4915392/A_Companion_to_Linguistic_Anthropology_-_Alessandro_Duranti. Acesso em março de 2017.

MANGILI, Ana Raquel Périco. **Implante Coclear e Surdez Pós-Lingual**. Associação de Deficientes Auditivos, Pais, Amigos e Usuários de Implante Coclear. Bauru: sem data. Disponível em: <http://adap.org.br/site/conteudo/194-21-bebes-e-criancas-podem-receber-um-ic-quando.html>. Acesso em março de 2018.

MARLOW, C. Audience, structure and authority in the weblog community. In: **Presented at the International Communication Association Conference**, New Orleans, LA: 2004. Disponível em:
<http://alumni.media.mit.edu/~cameron/cv/pubs/04-01.pdf>. Acesso em março de 2017.

MECANICISMO/MECANISMO. Verbete in: **Dicionário de Filosofia**, Google Sites. Disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/mecanicismo-mecanismo>. Acesso em: outubro de 2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: 2001, Vozes.

MINASHI, J. **What Is The Official Language of The United States?** Worldatlas.com: St. Laurent, Quebec, Canada: 2019. Disponível em:
<https://www.worldatlas.com/articles/what-is-the-official-language-of-the-united-states.html>. Acesso em março de 2019.

MOITA LOPES, L.P. Entrevista. Grau Zero — Revista de Crítica Cultural, v. 3, n. 2, 2015, págs. 333/340. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/download/3322/2190>

MOITA LOPES, L.P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que tem orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. P. 85-105. São Paulo: Parábola, 2006.

MONTARDO, Sandra; PASSERINO, Liliana. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. In: RENOTE, **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 4, no. 2, dezembro de 2006. Porto Alegre: 2006, UFRGS. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14173/8102>. Acesso em outubro de 2018.

MOREIRA, D.L. , **O estigma do surdo: implicações e manipulações**, Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade – ISSN 2238----1627, Ano V, Nº 10, junho de 2015, p.15). Rio de Janeiro: 2015, UFF. Disponível em: www.uff.br/revistavitas

NASCIMENTO L.; LIMA C. Libras e implante coclear, contradição ou complementaridade? IN: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul:Set./Dez. 2015, v. 23, n. 3, p. 142-172, . Disponível em: <file:///D:/Downloads/6109-30299-2-PB.pdf>. Acesso em dezembro de 2018.

MUSEU DOS APARELHOS AUDITIVOS. **Trombetas de ouvido, tubos de conversação, Aurículas**. Website: sem data.il.p&b. Disponível em: <http://www.museudoaparelhoauditivo.com.br/publicacoes-a-evolucao-dos-aparelhos-auditivos.php>.

NONAKA, A.M. Estimating size, scope, and membership of the speech/sign communities of undocumented indigenous/village sign languages: The Ban Khor case study. In: **Science Direct: Language & Communication** n. 29, Amsterdã: 2009: Elsevier. p. 210-229. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com>. Acesso em junho de 2017.

NORDQUIST, Richard. **English-only Movement**. Website. New York: 2017. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/english-only-movement-language-1690601>. Atualizado em: 21/03/2017. Acesso em novembro de 2018.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0-Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. Munich: 2007, Munich University Library. Disponível em: <https://mpr.ub.uni-muenchen.de/id/eprint/4580>. Acesso em dezembro de 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS -**Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007)**. Brasília: 2011. 4. ed., rev. e atual. – Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <https://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/conve ncao pessoas com deficiencia.pdf>. Acesso em dezembro de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. Trad. do Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Família de Classificações Internacionais. São Paulo: 2003, EDUSP.

PAZ, Mônica. Considerações sobre ética em pesquisas na internet: uso de informações de grupos fechados. In: **GITS- Grupo de pesquisa em interação, tecnologias digitais e sociedade**. Salvador: 2019. Disponível em: <http://gitsufba.net/consideracoes-sobre-etica-em-pesquisas-na-internet-uso-de-informacoes-de-grupos-fechados/>. Acesso em abril de 2019.

PEIRCE. C.S. Logic as semiotic: the theory of signs. In: BUCHLER, J. (editor). **Philosophical writings of Peirce**. New York: 1940, Dover Publications. Disponível em: <http://www.urbanlab.org/articles/language/Peirce%201955%20-%20philosophical%20writings.pdf>. Acesso em junho de 2017.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. Em: MOITA LOPES, L.P. da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

PEREIRA, Éverton Luís. Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. Orientador, Esther Jean Langdon - Florianópolis, SC: 2013. 380 p. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

PEREIRA, M. C. C. (org.). **LIBRAS: conhecimento além dos sinais**. São Paulo: 2011, Pearson Prentice Hal.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: C. Skliar (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: 1998. Editora Mediação.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Teorias da Educação e Estudos Surdos**. Florianópolis: 2009. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/teoriasDaEducacaoEEstudossurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria_da_Educacao_e_Estudos_surdos_pronta.pdf. Acesso em março de 2019.

PINTO, Joana Plaza. IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS E A INSTITUIÇÃO DE HIERARQUIAS RACIAIS. In: **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 704-720, jan. 2018. Goiânia: 2018, UFG. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/561>. Acesso em março de 2018.

PONTES, Herimatéia. **A indexicalidade na construção discursiva de identidades sociais**. Terezina: 2009. Revista do Gelne, v.11, n.1, p. 27-39. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9071/6425>. Acesso em março de 2018.

PROFISSIONAL. In: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

RAFAELI, K. S. C. e SILVEIRA M. D. D. **Língua Brasileira de Sinais - Libras**. Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Indaial: 2009, Grupo UNIASSELVI.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. Em: MOITA LOPES, L.P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 149-168.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**, Porto Alegre: 2009, Sulina.

RECUERO, R. **Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador**. São Leopoldo: 2008. Verso e Reverso, revista da comunicação. Revista eletrônica: Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/6995/3976>. Acesso em janeiro de 2018.

RODRIGUES, C. Henrique; BEER, Hanna. Direitos, Políticas e Línguas: divergências e convergências na/da/para educação de surdos. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre: 2016, v. 41, n. 3, p. 661-680, jul./set. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623661114>. Acesso em maio de 2019.

SÁ, Nídia L. Existe uma cultura Surda? In: **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: 2006, Paulinas. Artigo Disponível em: http://www.eusurdo.ufba.br/arquivos/cultura_surda.doc. Acesso em março de 2019.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução de Laura Teixeira Mota. São Paulo:1998, Companhia das Letras.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTANA, A. P.; GUARINELLO, A. C.; BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez. In: **Psicologia em Estudo**. Maringá: 2008, v. 13, n. 2, p. 297-306, abr./jun.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006, p.17.

SCHMIDT, J. Blogging practices: An analytical framework. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, 12(4), article 13. 2007. Hoboken, New Jersey: 2007, Wiley on line library. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1083-6101.2007.00379.xl> Acesso em dezembro de 2018.

SILVA, Daniel. **O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão: SC, v. 14, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 11^aed. Petrópolis, RJ: 2012, Vozes.

SILVA, S. A. **Conhecendo um pouco a história dos surdos**. Londrina: 2009. Disponível em :

http://www.uel.br/prograd/nucleo_acessibilidade/documentos/texto_libras.pdf
Acesso em janeiro de 2019.

SIMÕES, Sonia M. L. **Elaboração de um guia informativo para pais de crianças candidatas à cirurgia de implante coclear**. Dissertação (Mestrado em Saúde e Comunicação Humana) — Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo: 2016.p. 9. il. color.

SIQUEIRA, Ranyella; CARDOSO, Hélio. **O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana**. Imagonautas nº2. Laroja: 2011. Disponível em: <file:///D:/Downloads/Dialnet-OConceitoDeEstigmaComoProcessoSocial-4781280.pdf>. Acesso em outubro de 2017.

SITE DICAS DE ETIQUETA. **O que é Netiqueta?** São Paulo: 2019. Disponível em: <https://www.dicasdeetiqueta.com.br/artigos/etiqueta/>. Acesso em abril de 2019.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of Language and sociolinguistic life. In: **Language and communication**. Amsterdã: 2003. Elsevier, Vol. 23, Nº 3, p. 193-229. Disponível em: <https://scinapse.io/papers/2113756706>. Acesso em setembro de 2018.

SILVERSTEIN, Michael. Language Structure and Linguistic Ideology. In: P. Clyne, W. Hanks, and C. Hofbauer (eds.), **The Elements** (p. 193–248). Chicago: 1979. Chicago Linguistic Society. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/36490746/Silverstein-Language-Structure-and-Linguistic-Ideology>. Acesso em outubro de 2017.

SILVERSTEIN, M. Language and the Culture of Gender. In: E. Mertz and R. Parmentier (eds.), **Semiotic Mediation** (p. 219–259). New York: 1985, Academic Press.

SILVERSTEIN, Michael. Monoglot “Standard” in America. In: D. Brenneis and R. Macaulay (Eds.), **The Matrix of Language: Contemporary Linguistic Anthropology**. Boulder, CO: 1996, Westview Press, p. 284–306. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/36490764/Silverstein-Monoglot-Standard-in-America-Standardization-and-Metaphors-of-Linguistic-Hegemony>. Acesso em janeiro de 2017.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: C. Skliar (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: 2003. Editora Mediação.

SKLIAR, Carlos. **Bilinguismo e biculturalismo: Uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Trabalho encomendado apresentado na XX Reunião Anual da ANPEd, Caxambu: setembro de 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/4253236/Biling%C3%BCismo_e_biculturalismo_Uma_an%C3%A1lise_sobre_as_narrativas_tradicionais_na_educa%C3%A7%C3%A3o_dos_surdos. Acesso em março de 2019.

SOUZA, E. Artigo: Blogs. In: AVORIO, A; SPYER, J. (Orgs.) **Para entender a internet** [online]. São Paulo: 2015. Disponível em: www.paraentender.com. Acesso em janeiro de 2019.

SOUZA, J.M.R; MARQUES, C. D.P.; SAMPAIO, M.L. Língua Brasileira de Sinais em contexto: inclusão dos indivíduos surdos. In: **Revista Educação, Artes e Inclusão**. Vol. 9, n. 1, Florianópolis: 2014.

SOUZA, Genésio S. Linguística Histórica/Antropologia Linguística: possibilidades interdisciplinares. In: **IV Congresso Internacional/XVII Instituto de Linguística - ABRALIN**, 2005, Brasília. Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN. Brasília: 2005, Editora da UnB. Disponível em: Disponível em: <http://www.prohpor.ufba.br/genesio.pdf>. Acesso em janeiro/2017.

STEWART, D. A. "Pesquisa sobre o uso de língua de sinais na educação de crianças surdas", In: MOURA, M.C. et alii; **Língua de sinais e educação do surdo**. São Paulo: 1993, Tec Art. p. 118.

STOKOE, W.C. **Sign Language Sctructure: an outline of the visual communications system for the American deaf**. Buffalo: 1960, Buffalo University.

STREET, B.V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Bras. São Paulo: Parábola, 2014

SVETLANA, V. **Anatomia da orelha**. Shutterstock: 2018. il. color. Disponível em: <https://www.shutterstock.com/pt/>. Acesso em janeiro/2017.

TESKE, Ottmar. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: 2003. Editora Mediação.

WALTZMAN, S; ROLAND JR. Thomas. **Implantes Cocleares**. Tradução: Nelson Gomes de Oliveira. Rio de Janeiro: 2016, Revinter.

VAN DIJK, T. **Ideology: A Multidisciplinary Approach**. Londres: 1998, Sage.

VIANA, Nildo. **Juventude e identidade, Estudos**, , v. 36, n. 1/2, p. 145-154, jan./fev. . Goiânia: 2009, PUC. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/viewFile/1022/720>. Acesso em janeiro de 2019.

WHITNEY, W.D. **A vida da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WOODWARD, J.. **How you gonna get to heaven if you can't talk with Jesus: The educational establishment vs. the Deaf community**. Paper presented at the annual meeting of the Society for Applied Anthropology, Amsterdam:1975, The Netherlands. Disponível em: <http://sk.sagepub.com/reference/download/the-sage-deaf-studies-encyclopedia/i1771.pdf>. Acesso em junho de 2019.

WOODWARD, Kathryn. Uma introdução teórica e conceitual. Em: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: 2000, Vozes. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4284077/mod_resource/content/1/cap%C3%ADtulo%20I%20-%20Woodward%20-%20IDENTIDADE-E-DIFERENCA-UMA-INTRODUCAO-TEORICA-E-CONCEITUAL.pdf. Acesso em Janeiro de 2019.

WOOLARD, Kathryn. Language Ideology: issues and approaches. In: **Quarterly Publication of the International Pragmatics Association**. Amsterdã: 1992. John Benjamins Publishing Company, v.2, n.3, p. 55-82. Disponível em:

<https://journals.linguisticsociety.org/elanguage/pragmatics/article/view/225.html>. Acesso em março de 2018.

WOOLARD, Kathryn. "Introduction. Language Ideology as a Field of Inquiry". In: Schieffelin, Bambi; Woolard, Kathryn and Paul Kroskity (Eds.) **Language Ideologies. Practice and Theory**. New York/ Oxford: 1998. Oxford University Press. Traducción de Mariana Rodriguez para la Cátedra de Etnolingüística, Facultad de Filosofía y Letras, UBA. Supervisión técnica y revisión de Florencia Ciccone. Disponível em: https://docgo.net/viewdoc.html?utm_source=woolard-ideologia-linguistica-como-un-campo-de-investigacion. Acesso em janeiro de 2019.

ANEXO 1 TRANSCRIÇÃO “TERMO DE CONSENTIMENTO” ESCLARECIDO IMPLANTE COCLEAR”

ANEXO - TRANSCRIÇÃO TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO IMPLANTE COCLEAR

Apêndice Modelo de Termo de Consentimento Esclarecido
TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO IMPLANTE COCLEAR

Otorrinolaringologia
Prof. Dr. Ricardo Ferreira Bento

Você ou seu familiar irá se submeter a uma cirurgia para colocação de um implante coclear.

Neste consentimento, você será informado sobre a cirurgia a ser feita, o tempo de hospitalização e os riscos e complicações inerentes ao tratamento. Estas informações já foram conversadas com você durante a consulta e qualquer dúvida que apareça após lê-las deve ser tirada com o seu médico.

O implante coclear – o popular ouvido biônico – é indicado para pessoas com surdez severa e profunda. Trata-se de um equipamento eletrônico, computadorizado, que substitui totalmente o ouvido de pessoas que têm surdez total ou quase total. Ele estimula diretamente o nervo auditivo através de pequenos eletrodos colocados dentro da cóclea e o nervo auditivo leva os sinais elétricos ao cérebro que os interpreta como sons. O implante coclear é composto por duas partes – externa e interna. A primeira contém um pequeno microfone, um processador de som e uma antena de transmissão. A interna é colocada dentro do ouvido por meio de uma cirurgia e possui uma antena de recepção que ficará embaixo da pele (seu tamanho é similar ao de uma moeda de 50 centavos) e um cabinho com eletrodos que é colocado dentro da cóclea por meio de uma cirurgia. Funciona a bateria ou a pilha, que pode ser comprada em qualquer lugar. Existem alguns modelos que possuem pilha ou bateria recarregável. Para a cirurgia são necessários exames pré-operatórios de audiometria, BERA (potenciais auditivos evocados de tronco encefálico, emissões otoacústicas, tomografia computadorizada e ressonância magnética. Indicado para crianças e adultos com perda auditiva neurosensorial profunda ou severa nas duas orelhas e que recebeu pequeno – ou nenhum benefício – com o uso do aparelho auditivo convencional, o implante coclear deve ser colocado em crianças desde meses de idade, dependendo da avaliação médica (atualmente, devido aos bons resultados obtidos, é recomendado implantar nos dois ouvidos. Em relação aos adultos, não há limite de idade desde que o paciente tenha condições clínicas de ser submetido à cirurgia.

A- CIRURGIA

Realizada com anestesia geral, com duração aproximada de duas horas e meia, a cirurgia se inicia com um pequeno corte atrás da orelha. Acontece, então, uma mastoidectomia – abre-se o osso que contém o ouvido até atingir a cóclea. Nela, é realizada uma pequena abertura e os eletrodos são inseridos em seu interior. O processador interno é colocado embaixo do couro cabeludo, atrás da orelha – o paciente sentirá uma pequena saliência no local. A alta hospitalar acontece no dia seguinte da cirurgia e os pontos serão retirados após duas semanas. É possível viajar de avião assim que o paciente tiver alta hospitalar.

B ATIVAÇÃO

Será realizada cinco semanas após a cirurgia.

Inicia-se com a fixação da antena externa do implante coclear com o ímã interno do aparelho. A integridade do feixe de eletrodos é verificada. São medidos os níveis mínimos e máximos de estimulação baseados nas respostas do nervo auditivo ou nas respostas comportamentais.

A partir deste momento, inicia-se o processo de programação e adaptação do paciente ao implante coclear, realizando-se consultas de rotina com o fonoaudiólogo.

C - VANTAGENS

Os resultados do implante coclear podem apresentar várias respostas diferentes, dependendo da idade e da causa da surdez, se pré ou pós-lingual. Para muitos pacientes, possibilita uma audição semelhante à anterior, permitindo, em alguns casos, até falar ao telefone. Em outros, permite reconhecer os sons ambientais e o ritmo da fala, ajudando a leitura labial. E, em casos raros, pode não funcionar bem. Na maioria dos casos, quanto mais tempo a pessoa ficou sem ouvir, pior é o resultado do implante. O som que o implantado escuta também não é igual ao ouvido normalmente, pois se trata de um som digital. Atualmente, muitos implantados entendem e apreciam a música. Entre os inúmeros benefícios do implante coclear estão a melhora da fala, o controle do volume vocal, a melhoria da capacidade de comunicação e sociabilização, o aumento da autoestima e independência, além da diminuição da depressão.

D - CUIDADOS

É proibida a realização de ressonância magnética, exceto em condições especiais. Existem alguns modelos que permitem a realização desse exame com cuidados especiais – deve ser retirado o ímã contido no implante através de uma pequena cirurgia feita com anestesia local. O implante é composto por um metal, que é atraído pelo aparelho de ressonância e pode causar complicações graves. O usuário de implante coclear deve avisar ao médico sempre que submetido a uma cirurgia, pois não é permitido o uso de bisturi elétrico em pacientes que usam implante coclear.

E-RISCOS E COMPLICAÇÕES DA CIRURGIA

Em toda cirurgia existem riscos e complicações que são raras, mas podem acontecer e todos os pacientes devem ter conhecimento. Nesta cirurgia estamos explicando o que pode acontecer em alguns casos. Qualquer dúvida pergunte ao seu médico que ele lhe explicará com detalhes.

1. Infecção: podemos ter infecção na cicatriz cirúrgica ou no ouvido operado, que são facilmente tratados com medicamentos. Em casos raros, pode ser necessária outra cirurgia caso a infecção comprometa a posição da unidade implantada (extrusão do implante, isto é, a saída da unidade implantada pela pele).

2. Zumbido: é bastante raro o seu aparecimento (barulho no ouvido) depois da cirurgia, mas pode ser uma complicação pós-operatória. Seu tratamento algumas vezes é bastante difícil.

3. Tontura: este tipo de cirurgia muito raramente dá tontura. Se isto acontecer, normalmente dura apenas algumas semanas e é facilmente controlada com medicamentos. Algumas vezes, é necessária a reintervenção cirúrgica para restabelecer o equilíbrio do paciente.

4. Distúrbio de paladar e boca seca: não é raro ocorrer. Surge devido à

manipulação ou secção do nervo corda do tímpano. Em alguns casos, o paciente pode sentir um gosto metálico ou diferente na boca durante algum tempo, o qual cessa espontaneamente em algumas semanas.

5. Paresia ou paralisia do nervo facial: outra complicação rara é a paresia ou paralisia do nervo facial, que acontece quando esse nervo é acometido durante a cirurgia (exposição, anormalidade ou edema do nervo. Pode ser temporária ou definitiva. Normalmente, essa fraqueza volta após alguns meses, mas pode ser, em casos muito raros, uma paralisia permanente devido à lesão do nervo durante a cirurgia. Está indicada nestes casos a exploração do nervo facial e realização de enxerto com nervos oriundos da perna ou do pescoço, a fim de restabelecer a função do nervo facial.

F -CONCLUSÕES

Declaro que li o texto acima e que as informações me foram passadas de viva voz pelo médico, tendo sido perfeitamente entendidas e aceitas, compromissando-me a seguir e respeitar integralmente as instruções que foram fornecidas pelo médico, ciente de que sua não observância poderá acarretar riscos e efeitos colaterais ao paciente. Declaro, igualmente, estar ciente de que o tratamento adotado não assegura a garantia de cura e que a evolução da doença e do tratamento podem obrigar o médico a modificar as condutas inicialmente propostas, sendo que, neste caso, fica o mesmo autorizado, desde já, a tomar providências necessárias para tentar a solução dos problemas que surgirem, segundo seu julgamento.

Finalmente, declaro estar atendido em minhas dúvidas e questões, através de linguagem clara e acessível. Tive a oportunidade de fazer todas as perguntas e receber todos os esclarecimentos adicionais que necessitei.

Assim, tendo lido, entendido e aceito as explicações sobre os mais comuns riscos e complicações deste procedimento, expresse o consentimento para sua realização.

São Paulo / /

Nome do Paciente

Nome do Responsável

Assinatura do Paciente

Ass. Responsável (se for o caso)

FONTE:BRITO, Rubens, et all. **Termo de Consentimento esclarecido implante coclear.** In: Tratado de implante coclear e próteses auditivas implantáveis. BENTO, R. et al (Eds.) Rio de Janeiro: 2014, Thieme Publicações Ltda. p. 235-236.